



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAIS E PUBLICIDADE

CLINT EASTWOOD: O MACHO ALFA?
RAFAEL AUGUSTO DANTAS MOTA
ORIENTADOR: WAGNER ANTONIO RIZZO

BRASÍLIA-DF
ABRIL DE 2021



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAIS E PUBLICIDADE

CLINT EASTWOOD: O MACHO ALFA?
RAFAEL AUGUSTO DANTAS MOTA
ORIENTADOR: WAGNER ANTONIO RIZZO

Monografia apresentada à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade, sob orientação do professor Doutor Wagner Antonio Rizzo.

BRASÍLIA-DF
ABRIL DE 2021

CLINT EASTWOOD: O MACHO ALFA?

Monografia apresentada à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda.

Professor Doutor Wagner Antonio Rizzo

Orientador

Professora Doutora Suelen Brandes Marques Valente

Membro

Professor Doutor Pablo Gonçalo Pires De Campos Martins

Membro

Professor Doutor André Luis Muniz Garcia

Suplente

Brasília-DF
Abril de 2021

RESUMO

O objetivo do trabalho é fazer uma análise estética ampla sobre a masculinidade, partindo dos filmes de Clint Eastwood, que é enxergado como um duradouro ícone da masculinidade. A proposta é entender quais são as bases que permitem a construção de uma masculinidade duradoura, buscando entender como a sociedade percebe a masculinidade e quais os atributos que são ligados a ela. Em corolário, foi necessário abarcar outros campos das ciências humanas, notadamente a psicologia e a filosofia, para possibilitar a realização do trabalho de forma satisfatória. Por fim, conclui-se que a masculinidade não existe isoladamente, mas sim a partir de um conjunto de arquétipos, que carregam em si valores fundamentalmente humanos e que, portanto, podem ser portados por todos.

Palavras chave: Clint Eastwood; Estética; Masculinidade; Comunicação; Publicidade.

ABSTRACT

The objective of the work is to make a broad aesthetic analysis of masculinity, starting from the films of Clint Eastwood, who is seen as an enduring icon of masculinity. The proposal is to understand what are the bases that allow the construction of an enduring masculinity, seeking to understand how society perceives masculinity and which are the attributes that are linked to it. As a corollary, it was necessary to cover other fields of the humanities, notably psychology and philosophy, to enable the work to be carried out satisfactorily. Finally, it is concluded that masculinity does not exist in isolation, but from a set of archetypes, which carry in themselves fundamentally human values and, therefore, can be carried by everyone.

Key words: Clint Eastwood; Aesthetics; Masculinity; Communication; Publicity.

NOTA AO LEITOR

O presente trabalho foi severamente modificado após a apresentação. Em função disso, apresenta-se aqui a versão final, após as correções e a versão original, sem as alterações.

Boa leitura.

Rafael Mota

PREÂMBULOS DE GRATIDÃO

"Boxing is about respect." (*Million Dollar Baby*. Clint Eastwood. Malpaso. Estados Unidos. Warner Bros. Pictures, 2004. Streaming: Amazon Primevideo).

Textos acadêmicos são escritos em linguagem impessoal. O trabalho de conclusão de curso, a monografia, o nome pode variar, é um texto acadêmico. Ele marca o fim da graduação de um estudante universitário. Uma das partes que o compõe é a dos agradecimentos. Não dá para se fazer agradecimentos de uma forma impessoal. Agradecer de forma impessoal é genérico, é vazio. Não há nada poético em colocar "o professor" ao invés de citar o professor. Por isso, o "eu lírico" impessoal do autor deste trabalho se despede logo no primeiro parágrafo. A partir de agora, quem comandará o texto é Rafael Augusto.

Bom, eu decidi que a melhor forma de agradecer as pessoas que eu tenho que agradecer seria rememorar a minha jornada na Faculdade de Comunicação. É o que eu passo a fazer. Antes da Faculdade de Comunicação, eu era conhecido como Rafustão. Um apelido que meu grande amigo Nicolas Meinen me deu. Eu convivi com pessoas do calibre de Gustavo Andrade Spínola Carvalho, Matheus Mendonça Vilar Trindade, Rafael Ferreira Billafan, João Augusto Guimarães Carvalho, Marcos Igor Albanaz Vargas, Felipe Ribeiro Pires, João Pedro da Costa Manso Mussi, Paulo Henrique Moreira Chaves e David Viegas Rodrigues. Aos que eu não citei nominalmente, vocês também fizeram parte da história. Mas não da que eu quero contar agora. De diversas outras. Gratidão a todos vocês.

Obviamente, não poderia esquecer de citar algumas pessoas, como Vera Cecilia Cavalcanti Dantas Mota e José Pinto da Mota Filho, também conhecidos como meus pais. Também cabe a menção à Danielle Eveline Dantas Mota e Maíra Custódio da Mota Guiotto, minhas irmãs. Tio Fábio, Amanda, Letícia e a eterna Tia Cláudia Dantas, Tio Gustavo, Tia Marlane e Victor Dantas, Tio Dantas, Tia Alessandra, Felipe e Diogo, Tia Maristela, Vovó Cleomar, Vovó Herta e Vovôs Dantas e Mota. Obrigado pela excelente genética que permeia a nossa família. Ainda no lugar da família, gostaria de agradecer a Tia Ana e a Drizoquinha 2007, que sempre cuidaram de mim. Gostaria de agradecer também a todas as pessoas que trabalharam na minha casa em algum momento. Se vocês não estivessem limpando as minhas cuecas sujas, eu não poderia estar concluindo o meu curso agora. Obrigado a vocês também. Tenho que agradecer também a minha psicóloga, Doutora Adriana, sem ela, eu não seria nada.

Pronto. Os nominados retornarão em alguns pontos da jornada. Passemos, então, à jornada da Faculdade de Comunicação, à jornada da Universidade de Brasília. Eu concluí que a Faculdade de Comunicação foi a minha emancipação. Emancipação de tudo o que eu precisava me emancipar. Tudo o que eu tinha construído até a minha primeira entrada no ICC Norte, para que o Henrique pudesse raspar a minha cabeça, deveria ser destruído. E isso começou em um grupo de Facebook.

Os maravilhosos veteranos, que eu vou personalizar nas figuras de Vivien Doherty, Ana Gaudêncio, Victoria Franco e Maria Luisa Liotto, organizaram um grupo de Facebook com calouros e veteranos para organizar o "Café". Só Deus sabe o que acontece no Café. E quem estava lá, é claro. A primeira tarefa era se apresentar e responder a um teste de pureza. A faculdade havia começado.

Me apresentei. Fiz o teste de pureza. Tirei 32%. Eu tinha achado até alto. Mas aí eu vi, que todo mundo estava tirando 80%, 70%, o mais "devasso", tinha tirado 50%, isso sem contar o Sólon, que hoje já descansa em paz, que era fora da curva. Bom, algumas pessoas já sabem disso, outras não, mas eu menti deliberadamente no meu teste de pureza.

Veja, a faculdade estava começando. Toda a insegurança que eu tinha adquirido no ensino médio se manifestava em alguns momentos. O teste de pureza foi um desses. Não é que eu tenha mentido. Eu só marquei coisas que eu não tinha feito. Mas que meus amigos já tinham feito. O que me ajudou muito no ensino médio foi fazer parte de um grupo forte, sólido, que funcionava como uma grande manada. A palavra correta é, de fato, manada. Pensamento de manada. Mas enfim, se serve de consolo, eu refiz o teste ano passado e tirei 20%, sem mentir absolutamente nada.

As aulas começaram e junto com elas uma espécie de competição se iniciou. Chegaremos nela. Foco no primeiro dia de aula. Eu cheguei e vi um moreno esbelto, que eu reconhecia de algum lugar, conversando com um sujeito alto que eu nunca tinha visto na vida. Eram Rubens de Souza Lima Júnior e Rodrigo Maia Dal Moro. Eu fui direto neles puxar assunto. Descobri que tinha estudado junto com o Rubens no Marista João Paulo 2º. O Rodrigo virou meu amigo ali mesmo. Pronto. Já tinha um bonde.

Chegou a quinta-feira e os calouros foram apresentados. Escreveram "FAC" bem grande, em vermelho, na minha testa. Era exatamente o que eu queria. Depois eles pediram para colocar a foto como principal do Facebook. Eu já tinha me antecipado a isso. Queria que todo mundo soubesse que eu estava na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. O passo seguinte é o primeiro Pds¹. Bom, eu não me lembro de muita coisa. Em algum momento eu fui acordado pelo meu amigo João Mussi na minha própria poça de xixi. A minha mãe me levaria para casa naquele dia. A gente fez umas quatro paradas no caminho.

Pois bem, quem me conhece sabe que eu gosto de beber. Enfim. Os dias em que as coisas aconteciam eram quintas. A UnB tem um negócio muito interessante, pelo menos na Comunicação, que os calouros não têm aula na sexta. É a receita certa. Nesta segunda quinta, o esquema era responder um quiz sobre Harry Potter e atingir nossos companheiros com tortas na cara. Eu acertei a minha pergunta e atingi a Marina Bafutto. Tem foto desse momento. Grande momento. Em seguida, a ordem foi montar grupos.

Os minutos seguintes foram de total desespero. Eu, Rubens e Rodrigo. Tudo certo. De repente, eu me vi formando um grupo com seis homens. Numa faculdade que é conhecida pela beleza de suas integrantes. Eu entrei em parafuso e decidi que eu precisava sair daquele grupo a qualquer custo. Nem precisou. Algum veterano viu aquele frágil clube do bolinha se formando e separou. Agora, era eu, Rubens e Rodrigo. Débora Santos, Fernanda Melo, Beatriz Castelo Branco e Vitor Hugo de Souza Orém, o "Torugo". Corvianal estava formado. A gente tinha uma competição para vencer.

E vencemos. O Café não é uma coisa só, são várias ao mesmo tempo. Os meninos estavam loucos para saber o que era Café. Descobriram. Quero contar algumas coisas da grande final.

A gente chegou empatado com outro grupo, que eu não me lembro o nome, afinal, a história é contada pelos vencedores. Estávamos empatados e o que ia decidir a disputa era uma garrafa de catuaba. Quem virasse mais rápido ganhava. Veja bem, eu entendo a problemática disso. Todos os envolvidos, hoje, entendem. A gente tinha 18,19 e era 2015. E o Café não era um trote. Era muitas coisas...

¹ Acrônimo de Pôr Do Sol, bar universitário que fica na 409 Norte.

Nunca vi alguém beber uma garrafa de catuaba tão rápido. Eu recebi o troféu. Uma garrafa de tequila. O resto eu não posso contar. Mas eu recebi um apelido, assim como todos os outros calouros receberam naquele dia. O meu foi "calouro crush". A minha plaquinha veio com um número de telefone. Me disseram que veteranos eram afim de mim. Naquele momento, eu já não era mais o bom e velho Rafustão do Galois. Eu já estava virando Rafa.

Eu escolhi rememorar a minha história sob a perspectiva da formação de um homem. Eu não sei se eu já me considero um homem. Mas, definitivamente, eu não sou mais o menino empolgado que entrou na UnB.

Feito esse breve aposto, voltemos à história. Um nome dita o rumo dos próximos dois anos dessa jornada. É o de Bruna Maria Gertrudes Tavares. Minha querida ex. É difícil escolher as palavras para falar dela. Eu vou tentar não transformar o que eu quero dizer em uma declaração amorosa, até porque não é. Mas é uma parte da minha história que eu amo.

Eu tinha a ideia na minha cabeça de que eu precisava construir grupos fortes e sólidos, do mesmo jeito que eu tinha feito no ensino médio. Comecei a fazer isso. O Rodrigo, namorava. O Rubens, não. A gente começou a confabular sobre as meninas. Até que encontramos o GIGANTESCO Pedro Moreth de Carvalho, que também estava louco para confabular sobre meninas. A gente confabulou bastante sobre meninas nessa época.

Bom, eu não posso falar das meninas deles, posso falar da que um dia foi a minha. Agradeço ao Allan Montalvão por ter me ajudado naquela missão. Bruna se tornou minha namorada e a minha vida deu uma certa acalmada. Menos o bar de sexta, que existe desde 2015. Eu, Nicolas e Gustavo tínhamos feito uma promessa de que a gente continuaria se encontrando durante a faculdade, num bar, às sextas. A escolha pelo Mendes nunca foi muito clara. Mas foi lá que eu e Bruna demos o nosso primeiro beijo. Acho que isso ajudou.

Minha vida estava mais calma e eu comecei a fazer o curso de jornalismo. Sim, jornalismo. Entrei para a Doisnovemeia e falhei em tudo que tentei lá. Mas eu conheci a Carolina Kauffmann. Sobre essa época da Dois, eu queria citar nominalmente algumas pessoas. Luiza Matinato Salvagni, a mulher mais espetacular que eu já vi na minha vida, Maria Flores, Gleydson Lima, Moriah Rickli, Luiz Felipe Veleci e Isabella Vivan. Aos outros, já me referi a

vocês na minha despedida da Dois.

O capítulo Dois envolve diretamente Isabella Vivan e eu quero contar algumas partes dessa história. Eu e ela fomos os atendimentos da Geração Titanic. A geração que naufragou. Sabe, a Isabella é uma pessoa única. Precisa de jeito para lidar com ela. E precisava entender o momento. Eu acho que ninguém entendeu o momento tão bem quanto eu, até porque eu era a pessoa mais próxima dela naquela empresa. Boa parte da minha raiva, dos meus gritos, das minhas infinitas manifestações nas reuniões internas vinham disso. Ninguém entendia que não estava tudo bem. Eu entendia.

Eu saí da Dois. É um dos meus grandes arrependimentos. Agradeço a Bruna, novamente, por me dar o apoio necessário naquela época. Eu gosto de pensar que eu saí da Dois mas levei a Kauffmann comigo, como minha amiga. Sabe, foi aniversário dela recentemente. Eu fui lá falar com ela. Ela disse uma vez que queria que o filho dela fosse que nem eu. Eu repito o que eu disse para ela. O filho dela vai ser muito melhor que eu, pois ela vai ser a mãe dele.

Saí da Dois e comecei a prestar atenção nas aulas. Já estava no segundo ou terceiro semestre. Era hora. Até hoje eu não sei se o meio é a mensagem. Eu acredito mais no Martino, apesar de adorar o Fábio. Cito agora os professores. Wladimir Gramacho, a ópera. Fernando Paulino, o jazz. Thaís Jorge, o homem que mordeu o cachorro. Rafael Dietzsch, o Zeca Pagodinho nunca vai ser o Led Zeppelin. Suelen Valente, a desenvoltura. Priscila Borges, a semiótica. Luis Iasbeck, a criatividade. ISABELA LARA, o processo criativo. Patrícia Cunegundes, era só Cor no Rafa. Eu não era corno nessa época. Luciano Mendes, a calma. Pablo Pires, o cinema em uma pessoa só. Maria Fernanda Valentim, sem palavras para a Mafefa, mas eu adoro ela. Edmundo Brandão, o homem que eu queria ser. Wagner Rizzo. A hora de falar do Wagner não é agora. Aos que eu não citei nominalmente, obrigado por tanto.

Eu não vou ser um profissional que trabalha diretamente com comunicação. Mas eu vou precisar da comunicação para exercer o meu ofício. Aprendi com os melhores. Eu realmente não sei se o meio é a mensagem. Mas eu sei que eu vou escrever. Se vão ler o texto, se importa o que está no filme, no Instagram, na televisão, perguntem para o Martino, ele sabe a resposta.

Ainda no lugar de professores, eu gostaria de citar uns caras que me deram outros tipos de aula. Dwayne "The Rock" Johnson, "Stone Cold" Steve Austin e Adam "Edge" Copeland², que me ensinaram a dar show. Steven Tyler³, que me mostrou que Deus existe e que caminha entre os mortais. Anthony Kiedis, John Frusciante, Michael "Flea" Balzary e Chad Smith⁴, por misturarem pimenta com feijão e fazerem a banda mais legal do mundo. Noel e Liam Gallagher⁵, que me mostraram como é que a banda toca. Lucas Silveira⁶, que me permitiu ser sentimental. Gabigol e Gerson⁷, que tem a minha idade, e que fizeram por mim o que eu queria ter feito. E Alex Turner⁸, a única pessoa que ainda me dá medo.

Enfim, dois excelentes anos se passaram e eu e Bruna terminamos. Tudo certo. Sempre nos demos bem. Agora começam a entrar pessoas importantes nessa história. Matheus da Silva Lima, meu melhor amigo, e Barbara Pedreira de Freitas, minha melhor amiga.

Alguns passos atrás. Eu era um veterano quando a Barbara passou e ela era namorada do Nicolas. Não adianta, o Nicolas está em todas. Eu sentia que era meu dever cuidar dela, proteger ela. O Nicolas nunca me pediu para fazer isso. Eu fiz porque achava que era o que tinha que se fazer.

A Barbara me apresentou o Matheus. Pelo menos formalmente. Uma vez, a Bruna me perguntou: "Rafa, com quem você ficaria da Fac?". Eu respondi: Mari Bittencourt. Tá citada Mari. Ela respondeu Matheus Lima. A nossa história começava ali. Hoje em dia, pelo menos da última vez que eu conversei com a Bruna, seja lá o que ela via no Matheus ela não vê mais. Quem vê sou eu.

Enfim, no dia 15 de maio de 2018 o Matheus me ligou. Era meu aniversário e ele me deu o melhor presente que alguém já me deu. Um ingresso para o Faurrasco. O Olimpo feminino da UnB. Recém solteiro, a minha vida voltou a virar uma grande bagunça. E eu ia bagunçar naquele Faurrasco.

² Wrestlers da WWE.

³ Vocalista do Aerosmith

⁴ Membros do Red Hot Chili Peppers

⁵ Membros do Oasis

⁶ Vocalista da Fresno

⁷ Jogadores do Flamengo

⁸ Vocalista do Arctic Monkeys

Naquele Faurrasco, uma menina oriental entra na história. Até hoje eu não sei nominar a nossa relação. Quem me chama de Rafustão, me chama de Webcorno. Quem me chama de Rafa, fala que eu me emocionei. Quem me chama de Augusto, nominalmente, Barbara, Matheus, Pedro Albuquerque e Luã Santili, não fala nada. Entende o meu lado. Sobre ela, temos uma relação bem resolvida. Tão bem resolvida que a gente não se fala mais. Isso também é se resolver bem. Mas gostaria de dizer que ela é oriental, que ela é espetacular, e que quem me conhece viu. Terminando o capítulo Faurrasco, eu queria dizer que eu fui com o Matheus e com o Luã. E que a Barbara e o Pedro nos buscaram. Não tinha mais Rafustão, Nicolas, Gu, Teteu e Billa. O grupo era outro.

Por causa da menina oriental, eu conheci Izabella Marchini Beck, minha melhor amiga. A primeira vez que eu falei com ela, ela me xingou de tudo com que é nome. Eu amei. Aprendi assim. Ficamos amigos e começamos a fazer planos juntos. Planos esses que, para um, agora, aluno de publicidade, envolviam o Lab⁹.

Está chegando a hora de falar do Wagner. Mas eu quero deixar isso por último. Antes, eu queria citar algumas pessoas que não couberam na narrativa que eu tentei construir. São elas: Saulo Dal Pozzo, que sempre dançou comigo, com toda a polissemia que o termo dança permite. Ricardo Queiroz Lobato Santos, meu amigo e meu professor. Victor Correa e Erika Meier, meus companheiros de "Arranha ou Toca?". Pedro Monnerat, que confiou demais em um menino. Luisa Midori, que reclamava que eu perguntava muito nas aulas de LegisPP mas me ensinou que eu não tenho problemas com o meu pai. E Celimar, minha última surpresa.

Veja, os homens também têm pais e avôs. Também têm mães e avós. Têm namoradas, são cornos, são emocionados, são fortes e são frágeis. Homens gostam do Robert De Niro. É preciso falar do Robert De Niro.

Por causa da presença do Matheus na minha vida, eu senti a necessidade de ver filmes melhores. O CCBB fez uma mostra de filmes especial para o Robert De Niro e eu fui em todos os dias que eu consegui. Dois filmes que eu vi lá ditaram os rumos deste trabalho. "1900", de Bernardo Bertolucci, e "Era Uma Vez Na América", de Sergio Leone. Malditos italianos. Por causa do Sergio Leone, e do Matheus, o tema é Clint Eastwood. Por causa do Rafael Mota, do

⁹ Apelido da disciplina Laboratório em Publicidade e Propaganda

Robert De Niro, e do Wagner Rizzo, o tema é masculinidade. Chegou a hora de falar do Wagner. Chegou a hora de dar adeus.

Vamos, então, falar do Wagner, afinal, o falo dele é frágil e precisa ser adulado constantemente. E ele precisa aprovar este texto aqui. Então também merece suas linhas. Mas eu me recuso a escrever sobre o Wagner nas linhas que me restam. Eu vou escrever um livro, algum dia, para falar do Wagner. É curioso que as nossas trajetórias se finalizem ao mesmo tempo. Ele precisava mexer com mais um menino empolgado. Eu precisava de um professor.

A única coisa que eu quero escrever sobre o Wagner é uma anedota. Eu amo anedotas. Um dia, depois do Lab, eu ia ter que encontrar o Wagner e os outros professores para deliberar sobre detalhes da revista R.E.P.T.I.L.¹⁰. Meu plano era dormir cedo e ir encontrá-lo.

Na noite anterior, entretanto, um amigo meu ia se mudar e nós fomos ao Mendes para nos despedir dele. Foi a noite do "Grande Bacú¹¹ do Mendes", como eu gosto de chamar. Um amigo nosso foi levado e eu passei a noite em delegacias esperando ele ser solto. Minha saúde emocional ficou em frangalhos.

Chega a manhã seguinte e eu vou encontrar o Wagner com bafo de cachaça. Assim que eu vi ele, eu xinguei. Xinguei e comecei a rir. Conteí a história da noite anterior. Respondei a todas as perguntas que ele me fez de maneira assertiva, firme, gentil e atenciosa. O Wagner me colocou para ler sobre várias coisas. Me colocou para ler sobre prolapso anal, sobre escatologia, sobre budismo e sobre masculinidade.

Eu ia ter que resolver uma pendência esse dia. Ia me encontrar com a Kauffmann e com outra pessoa. Eu li no livro que ele me colocou para ler sobre masculinidade, "Sob a Sombra de Saturno: A ferida e a cura dos homens", James Hollis, que os homens precisavam conversar sobre as coisas que aconteciam nas vidas deles. Conteí a situação que eu viveria naquele dia e pedi o primeiro dos inúmeros conselhos que ele me daria. Eu senti um *feeling* sabe.

Pois o meu *feeling* estava completamente errado. Ele me olhou com uma senhora cara

¹⁰ Produto final da disciplina Laboratório em Publicidade e Propaganda do 1º semestre de 2019

¹¹ Gíria para baculejo, abordagem policial

de desprezo e se recusou a me responder. Todos os indivíduos que estavam naquela sala, cito aqui Ingrid Ferrari, obrigaram ele a me responder. Ele me respondeu: "vive isso".

Eu agradeço a todos.

Eu vivi isso.

Figura 01. Um mestre e seu aprendiz.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. PROBLEMAS DE PESQUISA.....	18
3. OBJETIVOS.....	20
3.1. Objetivo geral	
3.2. Objetivos específicos	
4. JUSTIFICATIVA.....	21
5. METODOLOGIA.....	23
6. REFERENCIAL TEÓRICO.....	28
7. A QUESTÃO DO PRODUTO.....	32
8. FILMES ANALISADOS.....	37
8.1. “A Perfect World”	
8.2. “Gran Torino”	
8.3. "Changeling"	
9. CONCLUSÃO.....	48
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

1. INTRODUÇÃO

“*Os charutos te deixam no clima certo—irritado.*” (*Il buono, il brutto, il cattivo*. Sergio Leone. United Artists e Produzione Company. Itália, United Artists e Produzione Company, 1966. Blu Ray).

Existem diversas formas de se mostrar um ponto, de se construir um argumento, de se portar em público e de se construir histórias e narrativas. A construção de narrativas, especialmente pela história, faz parte da constituição humana e é de suma importância para o desenvolvimento e manutenção da sociedade. Mas não são apenas os historiadores que constroem narrativas relevantes. Os exemplos de brilhantes narrativas se alastram pela literatura, pela música e pelo cinema, dentre os mais variados campos artísticos e comunicacionais possíveis.

Exatamente pela capacidade expressiva da arte, que é potencializada pela reprodutibilidade técnica das mídias atuais, a construção de narrativas e de pontos de vistas se torna um artefato que merece cuidadoso estudo. No entanto, a escolha pelo ponto de vista, pelo objeto escolhido pelo presente estudo precisa ser explicada e detalhada.

O advento do século XXI provocou mudanças nos mais variados campos sociais, sendo que as questões individuais e sexuais viraram alvo de severas reflexões, vide Mersel (2006). Nessa linha, o debate sobre a construção da masculinidade, do masculino, dos valores associados ao homem e ao patriarcado, antes restritos a uma intelectualidade acadêmica, eclodiram na nova sociedade. Uma nova sociedade que, ao mesmo tempo em que busca *insights* sobre comportamentos nocivos ao coletivo, promove cancelamentos em massa ao primeiro sinal de comportamento dissonante.

Mais estudos, cada vez mais amplos, mais acessíveis e mais compreensivos devem ser feitos, que é o que o trabalho pretende fazer: analisar a persona, a personalidade, a carreira, o estilo, e tudo mais que for possível, de Clint Eastwood, em um grande exercício que busca entender como um homem foi capaz de canalizar em uma única vida os mais diversos arquétipos e valores associados à masculinidade.

Há muito pudor em citar a Wikipédia como fonte científica, o estigma contra a plataforma de pesquisas colaborativa é latente na comunidade científica. Todavia é impossível negar sua popularidade, relevância e importância. Dessa forma, a referência à plataforma neste trabalho se faz necessária, útil e relevante. O artigo de Clint no sítio, em sua versão em inglês, traz a seguinte descrição de sua pessoa. Veja-se.

*Clinton Eastwood Jr. (born May 31, 1930) is an American actor, film director, composer, and producer. After achieving success in the Western TV series Rawhide, he rose to international fame with his role as the "Man with No Name" in Italian filmmaker Sergio Leone's Dollars Trilogy of Spaghetti Westerns during the mid-1960s, and as antihero cop Harry Callahan in the five Dirty Harry films throughout the 1970s and 1980s. These roles, among others, have made Eastwood an enduring cultural icon of masculinity.[23][24] His accolades include four Academy Awards, four Golden Globe Awards, three César Awards, and an AFI Life Achievement Award. (Wikipedia, 2021)*¹²

Parte-se para a tradução e análise do necessário. O trecho inicia sua descrição expondo as qualificações do americano. É um ator, diretor, compositor e produtor, especialmente de cinema, destaca-se. Em seguida, faz-se a exposição de alguns de seus principais trabalhos como ator, pelo qual é mais conhecido. O destaque é para a série de televisão dos anos sessenta “*Rawhide*”, na qual Eastwood interpreta um *cowboy*, para a “Trilogia dos Dólares”, obras do diretor italiano Sergio Leone e pedra de fundação do “Western Spaghetti”, onde, novamente, Eastwood interpreta um *cowboy*, e para série de filmes “*Dirty Harry*”, onde o *polivalente objeto deste estudo* interpreta um policial mal-humorado, *meio fascista*, taxado de anti-herói.

Além disso, o trecho ainda ressalta alguns dos prêmios dados a Eastwood. São eles: quatro *Óscares*, quatro Globos de Ouro, três prêmios César e o prêmio de ‘*Life Achievement*’, realização de uma vida, pela AFI (American Film Institute). Cabe o destaque de que, apesar de ser conhecido principalmente pelos seus trabalhos como ator, nenhum desses

¹² Tradução: Clinton Eastwood Jr. (nascido em 31 de maio de 1930) é um ator, diretor de cinema, compositor e produtor americano. Depois de alcançar o sucesso na série de TV Western Rawhide, ele alcançou fama internacional com seu papel como o "Homem sem Nome" na Trilogia de Westerns Spaghetti do cineasta italiano Sergio Leone em meados da década de 1960, e como o policial anti-herói Harry Callahan nos cinco filmes de Dirty Harry nas décadas de 1970 e 1980. Esses papéis, entre outros, fizeram de Eastwood um ícone cultural duradouro de masculinidade. [23] [24] Seus prêmios incluem quatro Oscars, quatro Globos de Ouro, três prêmios César e um AFI Life Achievement Award.

prêmios que Eastwood recebeu foi por seu trabalho como intérprete, mas sim como diretor e produtor, exceção feita, é claro, pela premiação da AFI, que consagra toda a obra da *figura*.

O verbete wikipediano fornece uma descrição sucinta da vida e da obra de Eastwood. Destaca seus principais trabalhos e o reconhecimento que obteve, o que já mostra, desde já, a *magnitude do sujeito*, consagrando sua importância e sua relevância. No entanto, é a frase que reside no meio do trecho que chama a atenção: ‘These roles, among others, have made Eastwood an enduring cultural icon of masculinity’ (esses papéis, dentre outros, tornaram Eastwood um duradouro ícone da masculinidade).

Como já mencionado, a Wikipedia não é tida como uma fonte científica. Ela tem o seu caráter coletivo e participativo, o que faz com que a maior parte de seus conteúdos reproduza, de alguma maneira, pensamentos e noções que estão incrustadas no inconsciente coletivo. Em tais termos, a noção de que Clint Eastwood é um duradouro ícone da masculinidade se mostra pacificada segundo tal ótica.

O intuito do estudo é entender como foi que Clint Eastwood se tornou esse “duradouro ícone da masculinidade”. Entender quais valores o ator conseguiu associar a sua persona artística, como a escolha de papéis ajudou nessa consolidação, como seu comportamento público ajudou na construção dessa narrativa, como a recepção, e reinterpretação, de seu trabalho agregou mais valor a essa noção. Em síntese, o que se pretende é entender, por meio de uma pesquisa descritiva/explicativa, como se construiu um duradouro ícone da masculinidade.

Não obstante, o trabalho também pretende questionar e refletir sobre como se deu essa construção e quais foram as bases que permitiram a formação deste *edifício*. Por fim, a análise da vida e da obra de Eastwood serão o pano de fundo para uma reflexão sobre a masculinidade que, sendo tóxica ou não, precisa ser estudada, discutida e refletida.

2. PROBLEMA DE PESQUISA

“*O roubo da inocência sempre me fascinou.*” (Clint Eastwood – Clássico e Implacável, Centro Cultural Banco do Brasil, p. 209, 2011)

Ainda na obra, “Como elaborar projetos de pesquisa” (1988, *Editora Atlas S.A.*), Gil explica que toda pesquisa tem como ponto de partida um problema, uma indagação, um questionamento.

O Dicionário Michelis, em sua edição *online*, apresenta, dentre outras, as seguintes definições para o termo problema. Vejamos:

1. Tema, em qualquer área do conhecimento, cuja solução ou resposta requer considerável pesquisa, estudo e reflexão.
2. Questão levantada para inquirição, consideração, discussão, decisão ou solução (...).

As definições são claras e indicam o caminho a ser seguido ao se formular qualquer tipo de problema. Passa-se, agora, a formulação dos problemas desta pesquisa.

De início, é preciso salientar que o trabalho será composto por uma mescla das seguintes áreas do conhecimento: publicidade, audiovisual, filosofia e psicologia. Todos os campos citados possuem textos e reflexões acerca da estética, que é a linha guia do presente trabalho.

Ato contínuo, faz-se necessário determinar o que o trabalho compreende como estética. Santayana (2019) esclarece a forma como se pretende usar o conceito. Vejamos.

"Deste modo, na recente Estética de Benedetto Croce, por exemplo, aprendemos que a estética é pura e simplesmente a ciência da expressão; expressão definida como idêntica a toda forma de apercepção, intuição, ou síntese imaginativa. Essa estética imaginada inclui toda a teoria da fala e toda a atenta percepção, enquanto não tem nada a ver com a arte e a beleza ou qualquer tipo de preferência." (Santayana, 2019)

Em outras palavras, a estética é guiada pelas sensações e pela sensibilidade que um espectador tem perante alguma coisa. É o puro sentimento perante uma expressão. Assim,

valores como o que é o belo ou o que é a arte, não se coadunam com a noção estudada. Dessa forma, a utilidade do conceito para o presente reside na noção de que a estética é a capacidade de despertar sensações no espectador. Em tais termos, é com tal noção que se construiu o trabalho, isto é, a partir das sensações que os filmes de Eastwood despertaram no autor, sem prejuízo de correlações com outros objetos, quais sejam, análises sobre filmes e carreira de Eastwood.

É pensando sob o viés estético supracitado que se formula os problemas da presente pesquisa, que são os que se seguem:

- a. O que se entende por masculinidade?
- b. Quais são os valores e aspectos associados ao que se entende por masculinidade?
- c. Por que Clint Eastwood é tido como um “duradouro ícone da masculinidade”?
- d. Quais foram os valores e aspectos que a vida e a obra de Clint Eastwood conseguiram reunir para que o ator/diretor fosse considerado um “duradouro ícone da masculinidade”?

Ainda sobre as considerações de Gil (1988), destaca-se que se tentou fugir do que o autor, citando Kerlinger, chama de “problemas de engenharia”, que consistem em indagações que se referem a como fazer algo de forma eficiente. O que se pretende é construir um olhar amplo sobre a masculinidade, tendo a carreira de Clint Eastwood como pano de fundo.

Por fim, Gil ainda explica que um problema, quando gestado pela pesquisa científica, envolve variáveis que podem ser mescladas e auferidas. Acredita-se que os questionamentos que guiam o trabalho contemplam tais requisitos.

3. OBJETIVOS

“Você alguma vez se descreveu como um vagabundo errante?”

Não.

Então o que você é?

Um vagabundo e um errante” (Clint Eastwood – Clássico e Implacável, Centro Cultural Banco do Brasil, p. 210, 2011)

Na obra “Lummi: uma marca de lingerie para mulheres reais”, Salvagni define o que são objetivos: “Os objetivos do projeto irão guiar sua execução a fim alicerçar o que foi proposto. O objetivo geral servirá como guia, dando forma a proposta final. Os específicos servirão como balizadores, conferindo qualidade a entrega”. (SALVAGNI, Luiza. 2017).

3.1. Objetivo geral: Traçar um panorama da construção de uma figura masculina socialmente aceita por meio da análise da vida e da obra de Clint Eastwood.

3.2. Objetivos específicos

- a.** Investigar a construção estética da masculinidade;
- b.** Observar e examinar trabalhos específicos de Clint Eastwood;
- c.** Estabelecer ligações entre variados campos das ciências humanas para se chegar a um panorama sobre os objetivos supracitados.

4. JUSTIFICATIVA

“CHRISTINE: So how was school?”

WALTER: Okay. We learned about dinosaurs, and I got in a fight with Billy Mankowski.

CHRISTINE: What happened?

WALTER: He hit me.

CHRISTINE: Did you hit him back? (he nods) Good. Rule number one: Never start a fight, but always finish it. So why did he hit you?” (Changeling. Clint Eastwood. Malpaso. Estados Unidos, 2008. Streaming: Amazon Prime Video)¹³.

De acordo com a Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, em seu *sítio online*, a justificativa do trabalho deve ser feita com o objetivo de destacar a *relevância* da pesquisa, tanto acadêmica quanto socialmente, e deve responder à pergunta “por que essa pesquisa é necessária?”

A pesquisa se tornou necessária dada as manifestações que o autor enxergou quanto à ausência de representatividade masculina saudável atualmente. Ato contínuo, a relação professor-aluno com o orientador, proporcionou a leitura de uma obra específica, que é a base emocional para o trabalho.

O livro em questão se chama “Sob a sombra de Saturno: a ferida e a cura dos homens”, de James Hollis. Publicado no Brasil pela editora Paulus, o exemplar adquirido é da segunda edição, comercializada a partir de 2004. O texto faz parte da coleção Amor e Psique.

Hollis escreve de maneira direta, evitando maiores digressões. De início, o autor elenca os 8 segredos que os homens carregam. Os capítulos esmiúçam cada um deles. O final carrega uma análise geral do texto e oferece uma possível solução, que contém 7 passos.

¹³ Tradução: “CHRISTINE: Então, como foi a escola? WALTER: Tudo bem. Aprendemos sobre os dinossauros, e entrei em uma briga com Billy Mankowski. CHRISTINE: O que aconteceu? WALTER: Ele me bateu. CHRISTINE: Você bateu nele de volta? (ele acena com a cabeça) Ótimo. Regra número um: nunca comece uma briga, mas sempre termine. Então, por que ele bateu em você?” (Changeling, 2009)

É um livro de psicologia jungiana. Freud, com a ideia do complexo de Édipo, forneceu um caminho para a construção de metáforas e análises a partir de referências mitológicas, adotada e adaptada por Hollis. A ideia de Freud, de usar de metáforas mitológicas para transmitir seus conhecimentos se tornou um padrão na psicologia, sendo usada até hoje.

O que o trabalho se propõe a fazer é lançar um olhar, fornecer um caminho, estabelecer uma direção sobre o que se acredita ser a masculinidade partindo de análises e interpretações estéticas sobre a carreira de Eastwood. De tal forma, essa é a abordagem do trabalho, por isso as remissões à psicologia.

Ato contínuo, destaca-se que os tempos mudaram e algumas das convenções sociais que ditavam o que se esperava de um homem mudaram. Nesses termos, novos olhares precisam ser lançados para que se construa uma masculinidade saudável e funcional.

O livro de Hollis contém 186 páginas e tem uma estética e uma construção que merece análise. A obra se assemelha a um diário, visto que o autor “expõe” os segredos da masculinidade, algo que funciona bem para vincular o leitor ao livro. Assim, o intuito é usar a estética, (que, no caso, é a de trabalho acadêmico) o audiovisual e a publicidade como fios condutores da reflexão, partindo do livro de Hollis como principal base emocional para o que se propõe.

A escolha por Clint Eastwood se dá visto que é ele que é tido como duradouro ícone da masculinidade. Além disso, ele e sua carreira são frutos da maior nação do planeta na atualidade, os Estados Unidos. Dessa forma, um objeto conhecido e reconhecido universaliza o acesso e a compreensão do trabalho.

Por fim, registra-se que o campo da comunicação é extremamente amplo, permitindo construções e análises de diferentes aspectos. Nesse sentido, o trabalho também se propõe a mostrar como elementos cênicos, como a introdução de marcas ou a escolha de determinado plano cinematográfico, podem influenciar na experiência estética que um espectador pode ter.

4. METODOLOGIA

“A coisa principal que um diretor deve fazer é saber o que quer quando vê...se você faz 30 tomadas, a grande questão geralmente é: Por que 30 são melhores do que uma?” (Clint Eastwood – Clássico e Implacável, Centro Cultural Banco do Brasil, p. 208, 2011)

A metodologia adotada no presente trabalho consiste em uma mistura de pesquisa bibliográfica com estudo de caso. A pesquisa bibliográfica se justifica pois, como será exposto, diversos autores contribuirão para a concretização da pesquisa. Estudo de caso pois se trata de um estudo sobre a carreira e a personalidade de Clint Eastwood.

Conforme explica Antonio Carlos Gil (1988):

“A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.”
(GIL, p. 48)

Em corolário, apresenta-se o texto da mesma obra acerca do estudo de caso, que elucida com clareza a escolha de tais metodologias. Veja-se.

“O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita que o seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante os outros delineamentos considerados.” (GIL, p. 58).

O a pesquisa bibliográfica foi feita com uma obra como base, qual seja, "Clássico e Implacável" (2011, CCBB). A obra em questão é um compilado de artigos e ensaios sobre filmes e sobre a carreira de Eastwood e foi oferecida como brinde aos que assistiram à mostra realizada pelo Centro Cultural do Banco do Brasil em homenagem ao cineasta em 2011, que passou por diversas cidades.

Destaca-se que a obra contém ensaios de críticos de cinema gabaritados, como Richard Shickel, biógrafo de Eastwood, e Sérgio Alpendre, brasileiro famoso como crítico e estudioso de cinema. Nesses termos, foi a leitura da obra que permitiu os *insights* para o estudo de caso, visto que ali se encontram comentários críticos sobre as mais diversas obras de Eastwood, sem prejuízo de análises cinematográficas precisas e de outras fontes, como reportagens e demais artigos científicos sobre o objeto em questão, que serão citados conforme a necessidade.

Foi a partir de tal livro que uma conclusão inicial sobre a realização do trabalho foi atingida, qual seja: a prioridade por filmes dirigidos por Eastwood. Tal noção se mostrou necessária pois, conforme a pesquisa se desenrolava, restou clarividente que as visões, que as ideias e que a personalidade de Clint se manifestavam de maneira mais latente em filmes em que dirige, dado o controle que possui sobre a obra, algo impossível em suas performances como ator.

Em tais termos, o estudo de caso iniciou-se com tal ideia em mente, assim, 31 filmes de Eastwood foram vistos, dentre os quais 24 o ator dirigiu e/ou estrelou, e apenas sete em que apenas atuou. A seleção das obras foi feita a partir dos ensaios contidos no catálogo fornecido pelo CCBB, que, de certa forma, enuncia os principais trabalhos, bem como media a interpretação, guiando a realização do trabalho.

Segue abaixo a lista de filmes.

Nome do filme	Direção	Atuação	Ano
A Fistful of Dollars	Sergio Leone	Clint Eastwood e outros	1964
For A Few Dollars More	Sergio Leone	Clint Eastwood e outros	1965
The Good, The Bad and The Ugly	Sergio Leone	Clint Eastwood e outros	1966

Dirty Harry	Don Siegel	Clint Eastwood e outros	1971
Bronco Billy	Clint Eastwood	Clint Eastwood e outros	1980
Honkytonk Man	Clint Eastwood	Clint Eastwood e outros	1982
White Hunter, Black Heart	Clint Eastwood	Clint Eastwood e outros	1990
Unforgiven	Clint Eastwood	Clint Eastwood e outros	1992
In The Line of Fire	Clint Eastwood	Clint Eastwood e outros	1993
A Perfect World	Clint Eastwood	Clint Eastwood e outros	1993
The Bridges of Madison County	Clint Eastwood	Clint Eastwood e outros	1995
Absolute Power	Clint Eastwood	Clint Eastwood e outros	1997
True Crime	Clint Eastwood	Clint Eastwood e outros	1999

Space Cowboys	Clint Eastwood	Clint Eastwood e outros	2000
Mystic River	Clint Eastwood	Sean Penn e outros	2003
Million Dollar Baby	Clint Eastwood	Clint Eastwood e outros	2004
Letters From Iwo-Jima	Clint Eastwood	Ken Watanabe e outros	2006
Flags Of Our Fathers	Clint Eastwood	Ryan Phillippe e outros	2006
Gran Torino	Clint Eastwood	Clint Eastwood e outros	2008
Changelling	Clint Eastwood	Angelina Jolie e outros	2008
Hereafter	Clint Eastwood	Matt Damon e outros	2010
J. Edgar	Clint Eastwood	Leonardo Dicpario e outros	2011
Trouble With The Curve	Robert Lorenz	Clint Eastwood e outros	2012
Eastwood Directs	Richard Schickel	Clint Eastwood e outros	2013

American Sniper	Clint Eastwood	Bradley Cooper e outros	2014
Jersey Boys	Clint Eastwood	John Lloyd Young e outros	2014
Sully	Clint Eastwood	Tom Hanks e outros	2016
Sad Hill Unearthed	Guillermo de Oliveira	Clint Eastwood e outros	2017
The 15:17 To Paris	Clint Eastwood	Spencer Stone e outros	2018
The Mule	Clint Eastwood	Clint Eastwood e outros	2018
Richard Jewell	Clint Eastwood	Paul Walter Hauser e outros	2019

Ato contínuo, três filmes foram analisados: "A Perfect World", "Gran Torino" e "Changelling", os três filmes foram escolhidos segundo alguns parâmetros, são eles: a forte inserção comercial de marcas e a representação estética de masculinidade latente, bem como o trato com o feminino, importante para contextualizar a discussão sobre masculinidade.

Assim, reafirma-se que, por meio de uma pesquisa descritiva/explicativa, se fez um estudo de caso, por meio de levantamentos bibliográficos, sobre a vida e a obra de Clint Eastwood.

6. REFERENCIAL TEÓRICO

“Gosto de me referir a Clint como a pessoa mais articulada não verbalmente que eu já conheci.” (Clint Eastwood – Clássico e Implacável, Centro Cultural Banco do Brasil, p. 211, 2011)

A Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, em seu sítio *online*, diz o seguinte sobre referencial teórico.

“Referencial Teórico: a contextualização do problema. O conjunto de teorias e os principais autores que discutiram o tema. As vertentes teóricas nas quais o projeto se enquadra (mínimo de seis laudas).” (UNB, 2021)

É um dos objetivos, específicos, do trabalho. Esses campos são: psicologia, filosofia, audiovisual e publicidade. O fio condutor é a estética, assunto que os campos partilham.

Ato contínuo, ressalta-se que as observações sobre publicidade trataram da questão de *product placement*¹⁴. Não obstante, a cinematografia de Eastwood, mais especificamente três filmes: “*A Perfect World*”, “*Gran Torino*” e “*Changeling*”, compõe o trabalho e fornecem, em conjunto com o livro de Hollis, a base para a discussão. Não obstante, a reflexão de Christian Metz, em “A significação no cinema” (1977), permitiu os aferimentos cinematográficos deste.

Sabendo disso, parte-se para a contextualização do problema. A sexualidade é pauta constante na história da humanidade. Silva (2021, p.72) explica que, para se compreender o ideal de sexualidade que existia no Egito antigo é necessário o entendimento de aspectos culturais da sociedade egípcia na antiguidade. O trabalho foi feito tendo como base descobertas em um sítio arqueológico.

“É para ter vida, ou nascer no além o morto teria que ter sua fertilidade e os atos sexuais garantidos magicamente, como fez em sua tumba o faraó Ramsés IX na imagem abaixo, em que sua virilidade está representada pelos falos eretos dos princípios masculinos, e a fertilidade representada pela mulher que é o princípio feminino”

¹⁴ Termo publicitário que se refere a inserção de produtos e marcas em determinado produto comunicacional, especialmente os audiovisuais

Figura 02. Hieróglifos



Fonte: Arqueologia Egípcia, 2021. Disponível em:

<http://arqueologiaegipcia.com.br/tag/hieroglifos/>. Acesso em: 23/04/2021

A sexualidade é um tema complexo e exige que se pense de forma multilateral. Quando se fala de masculinidade, é preciso ter cuidado com os termos e com a forma. Vide Arilha *et al* (1998, p. 320): “Entretanto, é ao longo da década de 80 que as pesquisas acerca da construção social da masculinidade começam a ganhar força internacionalmente, na medida em que a diversidade de temas é incorporada.” Tal trecho ilustra que a discussão sobre masculinidade e sua construção ainda são recentes e ainda buscam suas bases para se fortalecerem.

Outro trecho interessante do artigo de Silva é a fala sobre fertilidade. A autora recorda que ser infértil no antigo Egito era um grande problema. Era um problema pois os homens deveriam deixar um filho para permitir que sua vida continuasse.

Com estes procedimentos o morto não teria seu nome esquecido, pois só assim ele viveria no além, não teria o risco de passar por uma segunda morte, que era a morte do esquecimento de sua memória. Percebemos que o sexo era fundamental para os egípcios, indo muito mais que o prazer, era a ação causadora da primeira vida e asseguradora da segunda vida. (Silva, 2021, p. 72-73)

Ato contínuo, Grossi (2001, p. 6) aponta que “uma das principais definições da masculinidade na cultura ocidental para o gênero é que o masculino é ativo. Ser ativo, no senso comum a respeito de gênero, significa ser ativo sexualmente, o que para muitos significa penetrar o corpo da/o outra/o.”

A fala de Grossi é sutil e precisa para o presente trabalho. É, de fato, a capacidade ativa que determina o que é a masculinidade no presente trabalho. Todavia, não se restringe o

conceito ao campo sexual, pelo contrário, pugna-se pela amplitude de tal. Dessa forma, o masculino é encarado como a capacidade do homem em ser ativo, tendo um trabalho, portando uma pistola, fumando um cigarro, tomando atitudes, fazendo sexo, enfim, sendo ativo com sua vida.

A etiqueta, conforme explica Passos (2010, p. 37): “Embora impregnado de subjetividade, o belo conta com certa correspondência no senso comum, fruto de uma linguagem fundada na harmonia e equilíbrio, adotados como padrão num certo momento histórico.” Ato contínuo, cabe a lembrança de Passos a Fabríz (1999), que diz: “A experiência estética é algo fundamental e inerente aos universos da própria cultura”.

Além disso, a revista Super Interessante (2020), complementa. Veja.

Desde a era dos faraós egípcios até o Império Romano, os poderosos exigiam regras de tratamento que os diferenciavam dos escravos e dos pobres. Assim teria surgido o conceito da “etiqueta”...

Ainda sobre etiqueta, uma questão estética, é preciso destacar o livro “*The Gentlemen's Book of Etiquette and Manual of Politeness*” de Cecil B. Hartley, de 1860. É um livro britânico e é tido como a primeira compilação de etiqueta. Ela foi feita para compilar os comportamentos de um “cavalheiro”. O livro não tem tradução para o português.

Se adequando às recomendações da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, outra definição, um pouco mais clara, sobre referencial teórico é oferecida. Veja, em conjunto com a primeira:

Referencial Teórico: é onde apresenta-se os autores e as teorias que irão fundamentar irão fundamentar o seu TCC. É importante escrever um texto que não apenas exponha as linhas gerais dessas teorias mas também enfatize como se aplicam à pesquisa que será realizada.

Referencial Teórico: a contextualização do problema. O conjunto de teorias e os principais autores que discutiram o tema. As vertentes teóricas nas quais o projeto se enquadra (mínimo de seis laudas). (UNB, 2021)

Com isso, resume-se o referencial teórico da seguinte forma: mostrar como a sexualidade masculina é ampla e recheada de nuances, visto que as bases de tal há muito foram delineadas e pouquíssimas vezes são resgatadas. Destaca-se que a etiqueta, uma forma de como

se proceder em determinada situação, nada mais é do que uma construção estética criada pelos de maior poder para se distanciarem dos de menor. Tal questão também é percebida na estética cinematográfica, que é ampla e varia conforme os desígnios do diretor, do produtor ou do estúdio responsável.

Ato contínuo, destaca-se que a estética hollywoodiana, a estética do cinema norte-americano, reproduz consigo valores daquela nação, que reflete, em seu turno, posições de tal país. Por isso o estudo de um diretor norte-americano e homem se justifica. É extremamente interessante ver como um homem norte-americano, que é enxergado por tal sociedade como um duradouro ícone da masculinidade, se porta em suas obras e como reproduz os valores masculinos estadunidenses.

7. A QUESTÃO DO PRODUTO

“Ele quer que tudo aconteça naturalmente, em termos de deixar os atores serem espontâneos e avançando com as coisas. Ele confia nas pessoas que trabalham para ele, e cria esse ambiente fantástico de trabalho com a sua presença. Tudo emana dele.” (Clint Eastwood – Clássico e Implacável, Centro Cultural Banco do Brasil, p. 212, 2011)

Como mencionado na introdução, está no Wikipedia que Clint é tido como um duradouro ícone da masculinidade. A analogia usada naquela parte foi: não está mais no inconsciente coletivo que o Clint é o “machão”. Está no Wikipedia. Ou seja, alguém já escreveu isso e outras pessoas já referendaram positivamente.

Reconhecimento é difícil de se conseguir. Honneth (2003, p. 29) explica: “Hegel defende naquela época a convicção de que resulta de uma luta dos sujeitos pelo reconhecimento recíproco de sua identidade numa pressão intra-social para o estabelecimento prático e político de instituições garantidoras da liberdade”. É preciso salientar que o texto em questão trata do reconhecimento de minorias pelas maiorias. Todavia, o trecho citado carrega ensinamentos de Hegel sobre o que é e como se adquire reconhecimento, independente de lutas sociais.

Ato contínuo, destaca-se que o estabelecimento prático e político de instituições garantidoras da liberdade ocorreu de uma certa forma. A tal forma se chama patriarcado, que é o sistema que conseguiu vencer a luta pelo reconhecimento de sua identidade, derrotando a pressão intra-social.

Inconsciente Coletivo. Jung. “Os arquétipos e o inconsciente coletivo” (2002, p. 17).
Verbis.

Outra forma bem conhecida de expressão dos arquétipos é encontrada no mito e no conto de fada. Aqui também, no entanto, se trata de formas cunhadas de um modo específico e transmitidas através de longos períodos de tempo.

A interpretação do trecho para os fins do presente, é algo próximo ao seguinte: “Veja, o ser humano usa da identificação, da mimese, para aprender tudo o que ele consegue. Mas essa não é a única forma que ele tem para aprender”.

Sabendo disso, estabelecer-se-á o conceito de arquétipos para o presente: uma construção estética e representativa, que habita o inconsciente e que é forjado na infância e que deve ser superado com o passar dos anos.

Jung (2002, p. 287), esclarece um pouco melhor com exemplos de uma paciente. Vejamos.

Como a senhora X havia descoberto sozinha o método há muito por mim empregado da imaginação ativa, pude ligar a problemática em curso justamente no ponto indicado pelo quadro: ela está detida no inconsciente e espera de mim a ajuda mágica de um feiticeiro.

O que Jung percebeu, pela interpretação do trecho pelo autor, é que a sociedade partilha de um conjunto de valores, que são aceitos pela maioria. No primeiro trecho, ele fala de contos de fadas como expressão dos arquétipos. A ideia é interessante, visto que mostra como conceitos fundamentais são passados de forma lúdica e travestida.

Destaca-se, agora, alguns trechos do livro de Hollis:

“Segredo número 3: O poder do feminino é imenso na organização psíquica dos homens.” (HOLLIS, 2004, p. 15)

“Segredo número 1: A vida dos homens é tão governada por expectativas restritivas em relação ao papel que devem desempenhar quanto a vida das mulheres. ” (HOLLIS, 2004, p. 15)

“Segredo número 5: O ferimento é necessário porque os homens precisam abandonar a mãe e transcender o complexo materno. ” (HOLLIS, 2004, p. 15)

O trabalho de Hollis é importante para a presente pesquisa pois elucidada de forma clara o lado masculino no debate da construção de gênero. Nader *et al* (2014, p 4) elucidada:

a identidade de gênero começa a ser desenvolvida de maneira quase universal. Tal identidade é percepção por parte do próprio indivíduo que pertence a um sexo e não a outro. Ainda durante a primeira infância, a pessoa recebe estímulos para reproduzir comportamentos culturalmente compatíveis com seu gênero. Se responde de maneira satisfatória, recebe a contrapartida afetiva

Nessa linha, destaca-se que a recepção de estímulos ocorre de maneira difusa, de modo que é difícil precisar quais são estímulos exatos que são melhores assimilados pela criança na sua construção social com seu gênero, dada a diversidade de “homens” e de “mulheres” socialmente aceitos.

Dessa forma, acredita-se que estímulos artísticos encontram eco na maturação do processo de construção social de um gênero individual. Assim, as representações arquetípicas cinematográficas, oferecem um norte social para um jovem em busca de sua identidade.

Anaaz (2020, p 256) explica que “como a manifestação dos arquétipos se dá na cultura, na produção simbólica do homem, as narrativas míticas, ainda na tradição oral, estão entre as primeiras formas simbólicas que trazem as imagens arquetípicas primordiais.”

Ato contínuo, o que se verifica é que Clint Eastwood interpretou diversos papéis arquetípicos da masculinidade, no sentido ativo previamente citado. Dois, todavia, se destacam: Cowboy e policial, ambas figuras presentes no imaginário coletivo e com farta romantização ao longo dos anos. Não obstante, ambos portam armas e assassinam, se preciso, algo que se incrusta na mente do espectador.

Delimita-se. Dentre os 31 filmes assistidos para a realização deste, tem-se dois documentários sobre Eastwood. Dos 29 filmes restantes, Eastwood não atua em 11. Dos dezoito filmes em que atua, em apenas seis Clint não usa uma arma, *Space Cowboys*, *Honkytonk Man*, *True Crime*, *Million Dollar Baby*, *The Bridges of Madison County* *Trouble With the Curve*.

Em corolário, seu personagem falece em apenas dois filmes, *Gran Torino* e *Honkytonk Man*. No primeiro, se sacrifica. No segundo, padece de tuberculose após passar seus conhecimentos para seu sobrinho, espécie de filho que nunca teve.

Em todos os demais 12 filmes, o personagem de Eastwood se envolve na morte de alguém. E todas as mortes são simbolicamente representantes, seja vencendo o duelo de pistoleiros em todos os filmes com Leone, assassinando o assassino serial Scorpio em *Dirty Harry*, protegendo a filha de bandidos do FBI em *Absolute Power* ou gerando a morte de um

nativo africano em *White Hunter, Black Heart*. A morte é latente na filmografia Eastwoodiana e, em via de regra, não envolve o personagem de Clint.

Para além, a filmografia de Eastwood é vasta, perpassando seis décadas, nas quais dirige filmes em cinco delas. Tal fato serviu para cristalizar o ator na mente dos espectadores, que se acostumaram a vê-lo ao longo de suas vidas. Aliado a isso, está a persona discreta de Eastwood, com poucas entrevistas e de poucas participações publicitárias. Acredita-se que toda essa construção, somado com os papéis “invencíveis” de Eastwood, corroboraram para o rótulo de duradouro ícone da masculinidade.

Vejamos as palavras de Cleber Eduardo (Clint Eastwood – Clássico e Implacável, 2011, p. 59), sobre o tema.

Existem determinados atores que os diretores mais atentos, para além de seus estilos, não tentam “conformar” aos personagens dos filmes. Atores dessa linhagem também não podem ser circunscritos a uma marcação de mise en scène¹⁵. São eles, os atores, que a provocam, apenas com sua presença. Essa mesma linhagem, mais que de atores, é de personas em performance cênica. Não interpretam. Eles apenas estão, ocupam espaço, nos dão a ouvir suas vozes, seu caminhar, seu mover de olhos, sua constância de estar em cena, não importa em qual filme. Não se trata, porém, de apenas presenças. Mas de imagens com uma personalização.

O trecho citado foi extraído da obra “Clint Eastwood – Clássico e Implacável”, patrocinada pelo Centro Cultural Banco do Brasil como homenagem à mostra sobre o cineasta realizada em 2011. O trecho explica com clareza a presença, e a magnitude de tal, Clint Eastwood.

Dessa forma, o que se verifica é que a masculinidade é um produto em si na filmografia Eastwoodiana, personificada seja por Clint ou seja por seus atores. Assim, os papéis sempre ativos de seus personagens, ajudam a cristalizar valores como ética, lealdade e justiça na mente dos espectadores, de forma semelhante aos contos de fadas estudados por Jung. E tudo isso ocorre pois os sentimentos evocados pela obra de Eastwood se comunicam muito bem com o público, algo que com a perspectiva estética adotada por este trabalho, de valoração da

¹⁵ *Mise en scène* é o *design* de palco e o arranjo de atores em cenas para uma produção de teatro ou cinema, tanto nas artes visuais através de *storyboard*, tema visual e cinematografia, quanto na narrativa através da direção. (Wikipedia, 2021)

interpretação do sentimento do espectador em detrimento da obra em si, solidificou a longevidade da carreira de Eastwood e o cristalizou como o ícone que é hoje.

Ainda sobre o produto, faz-se necessário estudar e contextualizar a discussão sobre *product placement* no presente. Garcez *et al* (2013, p.7) explica:

O product placement é a incorporação de produtos e marcas em filmes, novelas, programas de televisão e etc., em troca de patrocínio concedido pelo anunciante. Os product placement têm tido um grande aumento de uns tempos para cá, pelo fato de ter diminuído o tempo que se tem de propaganda em uma hora de programação, além de que com eles há economia nos investimentos de novas tecnologias

Os autores corroboram a explicação dizendo que “assim como a propaganda tradicional, o *product placement* tem o poder de associar um produto a um estilo de vida, fazendo-o de forma sutil e eficaz”. Tal método de propaganda vem se difundindo com o passar do tempo, visto seu baixo custo e o amplo público que atinge. Todavia, não se trata exatamente de uma novidade, Ribeiro *et al* (2014), destaca que alguns autores atribuem a primeira aparição do método em E.T. – O extra terrestre de Steven Spielberg, lançado em 1982.

Contextualizada discussão, delimitar-se-á algumas bases. A primeira é a noção de que o cinema, como um produto de entretenimento, é uma máquina capaz de difundir os mais diversos valores, com forte poder de influenciar as massas. Para além, como o trecho de Alpendre destaca, os próprios atores e diretores se tornam produtos em si, visto que suas personas se tornam maiores que seus filmes. Assim, destacar-se-á em seguida os seguintes aspectos: como a masculinidade é tratada nos filmes de Eastwood e como a inserção de produtos ajuda na composição da história de seus filmes.

Para tal, três filmes serão analisados, visto que são representativos do ponto que se deseja transmitir: *A Perfect World*, *Gran Torino* e *Changelling*.

8. FILMES, PRODUTOS E MASCULINIDADE.

“*Que grande americano é Clint Eastwood*” (Clint Eastwood – Clássico e Implacável, Centro Cultural Banco do Brasil, p. 213, 2011)

8.1. “*A Perfect World*”.

Destaca-se, novamente, que o *product placement* é uma estratégia baseada na introdução natural de marcas, e seus produtos, em conteúdos de entretenimento, como: filmes, séries, jogos, revistas e muito mais, divulgando-os ao mesmo tempo que gera um vínculo de confiança com o seu público.

A Ford é uma companhia norte-americana automotiva que produz carros. Ela foi fundada por Henry Ford em 1903. A empresa se tornou um exemplo de sucesso norte-americano. Se tornou um exemplo de sucesso pois foi pioneira no ramo automobilístico e conseguiu motorizar os Estados Unidos da América.

Como citado, seu fundador foi Henry Ford, uma figura controversa e complexa. Ford, por exemplo, foi reconhecido como parte importante na luta contra a 1ª Guerra Mundial. Anos depois, se notabilizou pelo seu antissemitismo, algo que, com a 2ª Guerra Mundial em curso, não era enxergado com bons olhos pelo mundo. Problemas pessoais à parte, forneceu a ajuda de seu parque industrial para o seu país como forma de apoio ao combate ao Eixo.

Os carros na cinematografia de Clint Eastwood são parte da história. São parte da história pois Eastwood é tido como um classicista, isto é, um cineasta que segue as tradições do cinema norte-americano.

Clint Eastwood há muito deixou de ser um ator ou um diretor. Clint se tornou um duradouro ícone da masculinidade por meio da construção estética de sua vida e de sua carreira. Isso faz com que seus filmes sejam vistos, suas personagens sejam escutadas e sua mensagem seja passada com clareza.

Vamos ver o que Tatiana Monassa (Clint Eastwood - Clássico e Implacável, 2011, p.

117), tem a dizer sobre Eastwood.

Clint Eastwood talvez seja o último diretor a ainda praticar (com dignidade) uma arte do enunciado no cinema: tratar de temas essenciais, abordar grandes assuntos, se dirigir em suas mais altas aspirações ao conjunto da sociedade visando alguns universais. A arte de colocar sua arte a serviço de alguma coisa maior do que ela: o mundo. E a fazê-lo a partir de uma sensibilidade voltada para os microeventos que tecem a História.

O trecho é essencial para a discussão. Focaremos na última parte dele para o que se pretende construir. “E a fazê-lo a partir de uma sensibilidade voltada para os microeventos que tecem a História”. Repare em microeventos e História. Repare que história foi escrita com “H” maiúsculo. Que história é essa? É a história americana.

Abraham Lincoln. De acordo com a Wikipédia Brasileira:

Abraham Lincoln foi um político norte-americano que serviu como o 16.º presidente dos Estados Unidos, posto que ocupou de 4 de março de 1861 até seu assassinato em 15 de abril de 1865. Lincoln liderou o país de forma bem-sucedida durante sua maior crise interna, a Guerra Civil Americana, preservando a integridade territorial do país, abolindo a escravidão e fortalecendo o governo nacional. (Wikipédia, 2021)

Pelo menos dois presidentes norte-americanos foram assassinados, são eles: Abraham Lincoln e John Fitzgerald Kennedy, JFK. A Ford possui uma divisão de luxo, que faz carros com mais “pompa”, para gente um público mais elitizado. Essa divisão se chama Lincoln. Kennedy morreu em um desses carros. Logo, Kennedy morreu num Lincoln. E tal ponto é fulcral em “A Perfect World”¹⁶ (*A Perfect World*. Clint Eastwood. Malpaso. Estados Unidos, 1993. Streaming: HBO GO).

“Um Mundo Perfeito” é um filme dirigido por Clint Eastwood, que conta com Kevin Costner no papel principal. Vejamos a sinopse fornecida pelo portal Adorocinema. (2021):

Texas, 1963. Butch Haynes (Kevin Costner), um presidiário, foge da prisão, sendo perseguido por Red Garnett (Clint Eastwood), um policial implacável. Ao entrar na casa de uma família leva consigo Phillip Perry (T.J. Lowther), um garoto de sete anos, como refém. Mas contrariando suas expectativas eles se tornam amigos, sendo que este relacionamento transforma a vida do menino. (Adorocinema, 2021)

¹⁶ “Um Mundo Perfeito”.

Vamos a alguns detalhes importantes sobre o filme. Texas, 1963, mais precisamente, Dallas. De forma totalmente proposital, o filme se passa no lugar e na época que Kennedy morreu. São os microeventos que compõem a história. A história em questão, nas palavras do autor e segundo uma perspectiva psicológica, se resume a duas coisas: Síndrome de Estocolmo e problemas de abandono.

Síndrome de Estocolmo pois Butch sequestra o jovem Philip e desenvolve com ele uma relação que a psicologia descreveria como a síndrome da capital sueca. Problemas de abandono pois tanto Butch quanto Philip foram abandonados pelos pais e não sabem lidar direito com tal fato. O que não impede que eles tenham algum tipo de moral.

Butch é um ladrão. Mas Butch só rouba carros da Ford. Ele deixa isso bem claro ao longo do filme. Em um determinado trecho, Philip pergunta: “Butch, por que nós só roubamos Ford?” Ao que Butch responde: “Meu pai só dirigia Ford.” Os dois personagens mais éticos do filme são: Butch e Red (Clint Eastwood).

A forma como Eastwood usa dos produtos para adicionar valor moral para os microeventos da sua história para que elas consigam compor com a História americana é impressionante. Dessa forma, ao contar a história de um criminoso, rejeitado pela sociedade, mas com valores e princípios bem definidos, Eastwood consegue relacionar a sua história com a história da Ford, com a história de Henry Ford, e com a história americana, que, assim como as demais, é recheada de indivíduos dúbios, mas que com ideais fortes, conseguem se imortalizar.

Assim, Eastwood consegue mostrar que a empresa está no coração do norte-americano, visto que é uma empresa nacional, que desenvolveu um modelo de produção, o Fordismo, que revolucionou todo o mundo. E Eastwood, como um classicista, prestará eternas reverências à marca, aceitando se associar como persona pública e persona fílmica à marca.

A Ford fornecia o carro do presidente norte-americano em 1963 por meio da Lincoln. Esse presidente foi assassinado, a inocência, o sonho, a esperança, de boa parte dos americanos, se foi junto com ele. Por isso, Butch só rouba carros da Ford. Pois a sua inocência, o seu sonho, a sua esperança também foi roubada. Mas foi roubada durante toda a sua vida, visto que seu

pai, que o abandonou, era um bêbado e um errante e sua mãe era uma prostituta. A vida de Butch foi dura, assim como a de diversos americanos, mas ele tem princípios. Assim como os presidentes americanos, assim como Henry Ford.

Dessa forma, valores como paternidade, ética e companheirismo, são passados por meio dos personagens mais ativos do filme, Eastwood e Costner. O que é interessante na transmissão dos princípios é que os dois encontram-se em polos opostos, um é policial e o outro bandido, ilustrando que, independente do que o personagem, do que a persona seja, o importante é que ela seja ativa e que seja fiel aos seus ideais.

Além disso, o filme ainda carrega um simbolismo metalinguístico forte. Eastwood em 1993 dirigindo Kevin Costner era algo enxergado como uma passagem de bastão. Costner havia ganhado, em 1990, o Oscar de melhor diretor e melhor filme por “*Dance with the wolves*”. Eastwood ganharia os mesmos prêmios em 1993 com “*Unforgiven*”. Os dois eram, àquele tempo, ícones da masculinidade do cinema norte-americano. Eastwood, por ser mais velho e mais experiente, se propôs a “passar o bastão” para Costner. Todavia, a transição não chegou a se concretizar.

Assim, Eastwood compõe a sua história com a história americana, de forma que a associação com marcas, especialmente a Ford, marca americana de sucesso internacional, se fundem numa mescla que ajuda ambas as partes, solidificando ambas como ícones históricos.

8.2. MORTE - “Gran Torino”

A questão da vida e da morte na cinematografia de Eastwood é latente. É latente tanto pelo lado simbólico quanto pelo lado real, natural e factual. Seja discutindo eutanásia, como em “*Million Dolar Baby*”, seja executando inimigos, como em “*Unforgiven*”, ou seja se sacrificando, como em “*Gran Torino*” (*Gran Torino*. Clint Eastwood. Malpaso. Estados Unidos, 2008. Streaming: Amazon Prime Video). Passemos à discussão sobre um dos filmes mais importantes do diretor.

Antes de qualquer outra coisa, é importante ressaltar que Eastwood é um duradouro ícone da masculinidade. Exatamente por exercer tal papel e cumprir tal função há muito tempo,

o diretor/ator/produtor não precisa mais se expor e aparecer em cena para fazer um filme. Quatro dos filmes mais recentes de Eastwood, quais sejam: “Sniper Americano” (2014), “15H17 Trem Para Paris” (2018), “O Caso Richard Jewel” (2019) e “Sully – o Herói do rio Hudson” (2016), não contam com sua participação em cena. O contraponto a isto é: o autor está contando histórias de heróis norte-americanos e não quer ter sua imagem associada a eles.

“Sniper Americano” tem, de acordo com o portal Adorocinema, a seguinte sinopse: Adaptado do livro "American Sniper: The Autobiography of the Most Lethal Sniper in U.S. Military History", Sniper Americano conta a história real de Chris Kyle (Bradley Cooper), atirador de elite das forças especiais da marinha americana. Durante cerca de dez anos ele matou mais de 150 pessoas, tendo recebido diversas condecorações por sua atuação na Guerra do Iraque. ” (ADOROCINEMA, 2021)

“15H17 Trem Para Paris” tem, de acordo com o portal Adorocinema, a seguinte sinopse: “Quando um terrorista invade o trem nº 9364 da Thalys a caminho de Paris, três amigos norte-americanos - Anthony Sadler, Alex Skarlatos e o piloto da Força Aérea Spencer Stone - se esforçam para imobilizar o extremista, armado com um fuzil AK-47, e evitar uma enorme tragédia.” (ADOROCINEMA, 2021)

“O Caso Richard Jewel” tem, de acordo com o portal Adorocinema, a seguinte sinopse: “A história real de Richard Jewell (Paul Walter Hauser), segurança que se tornou um dos principais suspeitos de bombardear as Olimpíadas de Atlanta, no ano de 1996. Na realidade, ele foi o responsável por ajudar inocentes a fugirem do local e avisar da existência de um dos explosivos.” (ADOROCINEMA, 2021)

Por fim, “Sully – O Herói do Rio Hudson” tem, de acordo com o portal Adorocinema, a seguinte sinopse: “15 de janeiro de 2009. Logo após decolar do aeroporto de LaGuardia, em Nova York, uma revoada de pássaros atinge as turbinas do avião pilotado por Chesley "Sully" Sullenberger (Tom Hanks). Com o avião seriamente danificado, Sully não vê outra alternativa senão fazer um pouso forçado em pleno rio Hudson. A iniciativa é bem sucedida, com todos os 150 passageiros a bordo sendo salvos. Tal situação logo transforma Sully em um grande herói nacional, o que não o isenta de enfrentar um rigoroso julgamento interno coordenado pela agência de regulação aérea nos Estados Unidos.” (ADOROCINEMA, 2021)

Aos apontamentos. Tanto Chris Kyle quanto Richard Jewel já faleceram. Sully está vivo. Todos os protagonistas de “15H17 Trem Para Paris” interpretam a si mesmo nos filmes, visto que ainda são jovens e que Eastwood identificou carisma neles. Assim, verifica-se que Eastwood não quer mais se associar ao papel de herói.

Acredita-se que isso ocorre porque Eastwood já é um senhor de mais de 90 anos de idade que continua produzindo filmes e não deseja mais ter mais um trabalho. Todavia, Eastwood continua a atuar, selecionando seus papéis de uma nova forma, distante da que o consolidou como ícone.

Um dos filmes mais recentes de Eastwood se chama “A Mula” (2018) e conta com o diretor no papel principal. É a primeira atuação de Eastwood, em um filme que dirige, desde “*Gran Torino*”. Muitos achavam que o filme cujo o nome é o veículo da Ford seria o seu último como ator, incluindo o próprio Eastwood. Mas, Eastwood mudou de ideia e decidiu voltar a atuar. “A Mula” é o seu retorno. “*Cry Macho*”, seu próximo filme, a sair ainda em 2021, é o passo seguinte.

Eastwood já conseguiu com sua carreira se estabelecer como um herói no imaginário norte-americano. Ele não precisa interpretar Sully, Tom Hanks pode interpretá-lo tão bem quanto. Bradley Cooper, que é treinado para ser o pupilo de Eastwood, pode ser Chris Kyle, papel que Clint pegaria tranquilamente em outros tempos.

Em “A Mula”, Eastwood interpreta um senhor idoso que vira uma mula para um cartel de tráfico de drogas. O personagem faz isso por dinheiro, para se reaproximar de sua família (pauta constante nos personagens de Eastwood) e para ajudar amigos próximos. Nenhum de seus planos é realizado da forma que se esperava. Mas, ainda assim, ele conquista o que quer, visto que, ao ser preso, recebe o apoio de sua família, que finalmente entende o seu sacrifício.

Sergio Alpendre (Clint Eastwood – Clássico e Implacável, Centro Cultural Banco do Brasil, 2011 p. 48).

As aproximações e distanciamentos do estilo carrancudo e solitário com o qual ficou mais famoso, como vimos, foram muitas, e culminam num personagem que contém mais aproximações do que distanciamentos (embora os tenha também): o Walt Kowalski de Gran Torino (2008). Vemos um

homem machão, preconceituoso e arredio (sobretudo no início do filme, quando acaba de ficar viúvo), que vai se revelando extremamente sensível e disposto a superar os próprios preconceitos; e que vê com tristeza sua geração sendo ultrapassada e subjugada por uma outra, de jovens mal-educados (o desprezo com que olha para os netos na igreja é impagável) e arruaceiros violentos (a gangue que aterroriza os vizinhos Hmong). É um personagem que carrega anos de vivência nas costas, mas está doente, em seus últimos dias de vida. Serve-se da proximidade da morte para realizar um grande feito, um dos maiores do panteão de personagens eastwoodianos: salvar uma família da ameaça constante da violência. Se, para o crítico francês Bernard Benoliel, Kowalski é mesmo uma versão envelhecida de Dirty Harry, que insiste em apontar sua Magnum imaginária para os indesejáveis, para Richard Schickel (crítico, jornalista e biógrafo de Eastwood), Kowalski é uma inspiração para pessoas de sua idade.

Destaca-se que a metalinguagem com Clint Eastwood é a linguagem em si. Qualquer filme de Eastwood é, antes de qualquer outra coisa, um filme de Clint Eastwood. Independentemente de qualquer outra pessoa que esteja vinculada ao filme, é extremamente provável que Eastwood seja o nome mais conhecido. E, atualmente, Clint enfrenta o dilema da velhice, o dilema da morte, o dilema do fim do sonho norte-americano. Voltemos a Alpendre (Clint Eastwood – Clássico e Implacável, Centro Cultural Banco do Brasil, 2011, p. 49).

O sonho americano”, diz Schickel, “está composto de muitos sonhos, dos quais o último, maior e mais difícil de se realizar é o de viver a velhice sendo útil.” Kowalski, esse providencial veterano de guerra, possibilitou à família Hmong uma vida digna e longe de problemas, uma vida em paz. Foi, conforme apontou Schickel, inspirador. Seria o último personagem interpretado por Eastwood, como ele próprio sinalizou? É bem possível que sim, e seria coerente com sua trajetória.

Era para ser o último personagem, a última história. Mas Eastwood decidiu se expor de novo e lidar com sua própria velhice, com sua própria finitude, com sua própria morte em cena, num exercício de atividade tipicamente masculino, falocêntrico. Vamos à simbologia do veículo Gran Torino no filme de mesmo nome.

Reis (2018, p. 138) explica.

Seu ritual de iniciação será roubar o Gran Torino 1972 do vizinho, Walt Kowalski. Como mostrado anteriormente, Thao estava insatisfeito em ser diminuído pela família: sua avó não acredita que ele, algum dia, se tornaria um chefe para a casa. Esse descontentamento explica a esperança que ele deposita na gangue: aquela seria uma oportunidade para que esse pudesse ganhar o respeito das outras pessoas, pelo caminho da criminalidade.

Walt é um veterano da Guerra das Coreias e é atormentado por crimes de guerra. Walt

ganhou seu Gran Torino 1972, alvo de desejo de todos os que o cercam, após trabalhar por 50 anos na Ford. Os filhos de Walt dirigem Toyota, algo que o irrita. A família que vive em seu bairro na cidade de Detroit, cidade natal da Ford, é uma família que vem do Vietnã e do Laos.

Reis (2018, p. 138 - 139).

Entretanto, os planos do adolescente são malogrados quando, no dia da tentativa de assalto, Walt o pega em flagrante tentando arrombar o Gran Torino. Thao fica diante da mira do rifle de Walt; por isso, foge e decide não se envolver com a gangue novamente.

Em diversos momentos, Thao será comparado com uma menina, uma mulher, um homossexual ou um homem desmerecedor de respeito e confiança. Esse tratamento que tenta diminuí-lo é justificado pelo seu corpo franzino, pelo seu jeito manso, pela sua subserviência à irmã, pelo seu comportamento não-agressivo em relação às gangues e pela sua dedicação a trabalhos tidos como femininos, como lavar pratos ou cuidar do jardim. Compará-lo a uma mulher ou um homossexual para desvalorizá-lo só é possível dentro de uma ordem em que o homem heterossexual ocupa um lugar no topo de uma hierarquia.

Reis (2018, p. 139):

A dominação dos homens sobre as mulheres e a homofobia são justificadas a partir de um duplo “paradigma naturalista”, que naturaliza a superioridade masculina em relação às mulheres a partir da definição de “fronteiras rígidas e intransponíveis entre os gêneros masculino e feminino” e que considera como “normal” e “natural” apenas as relações sexuais entre homens e mulheres, compreendendo as outras sexualidades como “diferentes”

Reis (2018, p. 142):

Depois das lições ensinadas por Martin e Walt, Thao ri e diz que não tem carro nem emprego nem namorada: nesse momento, a câmera está localizada atrás dos dois homens mais velhos, como se o espectador também estivesse ouvindo do ponto de vista dos “professores”. Walt arranja-lhe uma solução: “Agora quero que vá até lá fora e depois volte, mas não diga que não tem emprego, que não tem carro, nem namorada, nem futuro, nem pau.

Reis (2018, p. 143):

A partir desse momento, Walt ajudará Thao a conquistar os três elementos que ele considera serem imprescindíveis para um homem: um emprego, uma namorada e um carro. Depois de conseguir o emprego na construção, Walt se dedicará a aproximar Thao de uma menina hmong que ele conhecera na casa dos Lor, Youa. Walt sabia que Thao estava interessado em Youa, mas a falta de atitude do menino deixava Walt furioso: você é “pior com mulher do que roubando carros”. Porém, dias depois, empregado e com dinheiro, Thao teve coragem para convidá-la para sair. Walt, então, empresta o Gran Torino para o encontro do jovem casal.

Reis (2018, p. 143-144):

Durante todo o filme, o Gran Torino é central na relação entre os personagens masculinos do filme. Todo o amor de Walt é dedicado ao carro que ele mesmo ajudou a montar quando ele ainda trabalhava numa fábrica da Ford. Os membros da gangue hmong cobiçam o carro de Walt e querem roubá-lo daquela garagem. Enquanto que, para Thao, o carro é um símbolo de status, poder, masculinidade. Os enquadramentos de câmera conduzem o espectador a uma apreciação voyeurística do automóvel, em closes e planos abertos.

Em suma: o Gran Torino é o símbolo da virilidade e Walt é o guardião da masculinidade, mesmo que idoso. Assim, o Gran Torino é o símbolo de sua atividade como homem, representando tanto seu trabalho quanto sua locomoção. Os valores americanos são ensinados por Walt, e a recompensa pelo aprendizado é o símbolo masculino da atividade, o Gran Torino. Todavia, Thao também adquire sua masculinidade, se tornando ativo após ensinamentos recebidos por Walt, mesclando sua nova identidade com seus valores passivos, femininos.

8.3 VIDA - “Changeling”

Se o poder feminino é imenso na organização psíquica dos homens, como explica Hollis, um duradouro ícone da masculinidade saberá com isso. E Clint o faz em dois momentos de destaque, *Million Dollar Baby* e *Changelling*, seus dois filmes com protagonistas femininas, em gênero. A escolha por *Changelling* se dá pois o filme conta com as mesmas inserções publicitárias da Ford.

Focar-se-à na parte dos carros e na parte publicitária primeiramente. O *Product Placement*, se insere no filme como marca da passagem do tempo.

Em “Changelling” ou “A Troca” (2009), os *title cards* marcam a passagem do tempo e os veículos da Ford simbolizam a evolução desse mesmo tempo e a evolução da sociedade norte-americana. Os veículos em questão são os iniciais da Ford, Ford T e Ford A (*Backhouse et al*, 2012).

Todavia, diferente dos demais, a marca não está inserida como parte direta da história. Na obra em comento, é o sofrimento da personagem principal que guia a obra. A discussão

sobre masculinidade aqui sedimentada como atividade, numa oposição à passividade, ilustra bem como se dá a construção de um herói por meio dos expurgos que sofre. E é interessante de se ver que o maior sofrimento dos filmes analisados é aguentado por uma mulher, que insiste em ser ativa.

A atuação de Jolie é impecável e Eastwood cria seu mais valente herói em Christine. Vamos às palavras de especialistas. Stephane Bouquet (Clint Eastwood – Clássico e Implacável, 2011, p. 79):

À persona eastwoodiana é preciso, pois, acrescentar esta outra característica: uma capacidade de se metamorfosear no próprio país. Eastwood não cessa de se inflar na medida do tamanho da América, tudo o que lhe acontece, acontece também à América. Clint não é mais um homem, não apenas, mas uma terra e um ícone quase religioso.

É preciso ressaltar que a autora do trecho supracitado escreve sobre a persona Eastwoodiana interpretada por Clint Eastwood. Todavia, o mesmo raciocínio pode ser aplicado aos personagens de seus filmes que não são interpretados por Clint. E Christine é a mais corajosa de tais personas. É a mais corajosa pois ela luta sozinha contra um sistema opressor. Destaca-se algumas partes do trecho de Bouquet, “tudo o que lhe acontece, acontece também à América. Clint não é mais um homem, não apenas, mas uma terra e um ícone quase religioso”.

Tudo que lhe acontece, acontece também à América. Um ícone quase religioso. Clint se tornou um herói no imaginário coletivo do estadunidense e sabe como criar um. Fez isso com Christine. Afinal, verifica-se que Eastwood prefere construir heróis, e não destruí-los. Todavia, acima de tudo, o cinema de Eastwood se resume em humanizar o herói.

Por isso, Christine luta, Christine sofre, Christine aguenta sozinho o peso do mundo. Christine recebe apoio da igreja, Christine recebe apoio do povo, Christine enfrenta seu algoz. Christine vê seu algoz morrer, Christine consegue sorrir depois do que passou, Christine continua lutando pois ainda tem esperança. A luta de uma mãe em busca de seu filho perdido só termina quando a vida, de um dos dois, acaba. Enquanto essa certeza não existir, a mãe não vai deixar de lutar. E Clint ilustra uma das maiores atividades de sua carreira como diretor em uma mulher, mostrando que a passividade não é necessariamente uma característica inata ao feminino, mostrando que qualquer um, independente de gênero, pode ser ativo como o herói

másculo.

Para finalizar, Luiz Carlos Oliveira Jr (Clint Eastwood – Clássico e Implacável, Centro Cultural Banco do Brasil, 2011, p. 99) arremata o estilo de Clint.

Clint Eastwood, na melhor tradição do cinema americano (talvez devêssemos dizer: do cinema republicano), filma a ação e o conflito. Ele chega direto ao ponto, não disfarça as questões essenciais dos filmes em pegadinhas de roteiro ou construções rebuscadas. Sua mise en scène segue a frontalidade e a retidão dos grandes homens de ação da história de Hollywood (Hawks, Dwan, Walsh, Huston, Siegel). Clint faz um cinema calcado no confronto dramático e na ação física, com um conflito moral como ponto culminante.

Assim, Clint mostra que a atividade é uma característica, que pode ser portada por todos, desde que se esteja disposto ao enfrentamento das consequências. Sua filmografia e seu trato com o feminino ilustra isso. Christine só consegue vencer sua luta após receber a ajuda de homens, Maggie, de *Million Dollar Baby*, só consegue morrer com a ajuda de um homem. Todavia, é a luta das mesmas mulheres, em confronto com homens e com instituições patriarcais, como a família e a polícia, que faz com que os homens se submetam a elas, seja emprestando sua atividade ao esforço feminino ou seja se submetendo passivamente ao desejo feminino.

9. CONCLUSÃO

“Ele não é um ponto de exclamação, ele é um ponto de interrogação.” (Clint Eastwood – Clássico e Implacável, Centro Cultural Banco do Brasil, p. 213, 2011)

A proposta do trabalho era proporcionar uma análise estética ampla sobre a masculinidade partindo dos filmes de Clint Eastwood. Três filmes foram alvos de análises mais minuciosas. Retornar-se-á aos objetivos do trabalho.

O objetivo geral era: traçar um panorama da construção de uma figura masculina aceita socialmente por meio da análise da vida e da obra de Clint Eastwood, ao passo que os específicos eram os seguintes: a. Investigar a construção estética da masculinidade; b. Observar e examinar trabalhos específicos de Clint Eastwood; c. Estabelecer ligações entre variados campos das ciências humanas para se chegar a um resultado amplo sobre os objetivos supracitados.

Quanto ao objetivo geral, é preciso ressaltar que a vida de Eastwood não foi tão analisada assim por este trabalho. A razão para tal é simples: não houve necessidade. Não houve necessidade, pois a própria filmografia de Eastwood já indica muito de sua persona, visto que Clint não escreve roteiros, mas os seleciona e os filma. Ao mesmo tempo, cabe informar que Clint tem uma produtora, a “Malpaso”, que é quem produz seus filmes. Ou seja, Clint é autossuficiente. Logo, não há razão para entrar em minúcias de sua vida privada, que é extremamente reservada.

Quanto aos específicos, acredita-se que a construção estética da masculinidade foi muito investigada. A recepção dos trabalhos de Eastwood não se tornou necessária. Ato contínuo, chegou-se ao resultado amplo estético a partir das sensações que a filmografia selecionada despertou no autor, analisada em trecho anterior, e correlacionada com saberes publicitários, filosóficos e psicológicos.

A primeira conclusão é que é extremamente difícil caracterizar e definir o que é a masculinidade. Destacou-se a construção individual e social dos gêneros sexuais, bem como sua amplitude e definiu-se a masculinidade, de forma ampla, como ativismo, como atividade.

Todavia, cabe a remissão a Jung, que explica que a humanidade usa de construções arquetípicas para associar determinadas características a determinado gênero sexual. Logo, os

gêneros não existem por si só perante ao social, podem existir perante à genética e à biologia, mas perante à sociedade a autodeterminação é mais significativa.

É preciso salientar que o intuito do trabalho era oferecer uma discussão sobre masculinidade de uma forma saudável, visto que o autor é um homem, heterossexual, cisgênero, que possui lugar de fala para se comunicar com o mesmo público sobre masculinidade. Sabendo disso, a proposta foi fazer um trabalho leve, descontraído, mas que carregue respaldo científico na medida do necessário.

Por isso a escolha por Clint Eastwood. Uma figura reconhecida como macho alfa. De fato, Clint Eastwood é um duradouro ícone da masculinidade. Mas isso não ocorreu por que ele fez muito sexo, por que ele menosprezou mulheres, por que ele agrediu outras pessoas ou por qualquer outro comportamento que se pode associar ao que se chama de masculinidade tóxica. Ele se tornou um duradouro ícone da masculinidade por um motivo bem simples: ele é um homem de princípios muito bem definidos e tenta segui-los na medida do possível.

Isso, pode ser aplicado por qualquer pessoa independente de raça, idade ou gênero. Quais são os valores de Clint Eastwood? São os valores americanos. São os valores do *american dream*¹⁷, são os valores, sim, dos Republicanos, mas que são valores que compõem a humanidade. E Republicanos e os Democratas convivem com relativa harmonia no sistema político estadunidense.

Clint se tornou um duradouro ícone da masculinidade pela forma como sua trajetória cinematográfica se desenvolveu. Do intérprete de *cowboys* solitários, que mal falavam, passando para um policial fascista, Clint se tornou um diretor classicista que faz filmes que questionam todos os valores morais possíveis, de forma bem direta. Clint não tem um estilo bem definido como Quentin Tarantino, Wes Anderson ou até mesmo Martin Scorsese. O estilo de Clint é o estilo clássico. Talvez por isso, Clint seja o melhor diretor de todos.

Mas isso não impede que a masculinidade de Clint não seja caricata. Na filmografia analisada, não há um personagem homossexual, bem como há poucas, cenas de sexo. O que se vê é que Eastwood é um homem carregado de noções bem definidas, como o respeito ao próximo, a discrição na vida pessoal e o idealismo. Tais valores compõem sua filmografia e compõem sua vida. Entretanto, é o questionamento, o enfrentamento, o ativismo de Eastwood

¹⁷ Sonho americano

que o tornou o ícone duradouro da masculinidade. O confronto com o medo e com os próprios limites de seus personagens aplica-se também a carreira de Eastwood, que enfrentou o passar dos anos, se mantendo relevante, sendo fiel a seus princípios. Em síntese, um homem ativo.

A grande conclusão é que grandes pessoas existem e é possível se tornar uma delas. Estude a que mais lhe convier da forma mais divertida possível. Você irá aprender muito na sua jornada, então é bom que você consiga se divertir um pouquinho durante o trajeto.

Clint Eastwood: O macho alfa?

Resposta.

Clint Eastwood: inacreditável.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Perfect World. Clint Eastwood. **Malpaso**. Estados Unidos, 1993. Streaming: HBO GO

ADOROCINEMA, Um mundo perfeito, 2020, <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-8966/>, 23/04/2021

_____, O caso Richard Jewel, 2020, <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-226927/>, 23/04/2021

_____, Sully – O Herói do rio HUDSON, 2016, <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-238330/>, 23/04/2021

_____, 15h17 – Trem para Paris, 2018, <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-255721/>, 23/04/2021

_____, Sniper americano, 2014, <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-208041/>, 23/04/2021

ANAAZ, Sílvio Antonio Luiz *et al.* Teoria dos arquétipos e construção de personagens em filmes e séries. **Significação**, São Paulo, ano 54, v. 47, p. p.251-270, julho-dezembro 2020

ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. Unbehauum; MEDRADO, Benedito (Org.). Homens e masculinidades, **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 320-324, out. 1998

BACKHOUSE, Fid, *et al.*, **501 Carros que merecem ser conhecidos**, 1ª edição, São Paulo, Editora Lafonte, 2012.

CABRAL, Jimmy Sudário, **Ironia e seriedade no romance russo: anotações para ler Dostoiévski sob o ponto de vista de Kierkegaard**, Revista de Literatura e Cultura Russa, v. 11, nº 5, 119-143, jun, 2020

Changeling. Clint Eastwood. **Malpaso**. Estados Unidos, 2008. Streaming: Amazon Prime Video

DIVERSOS, **Clint Eastwood – Clássico e Implacável**, Edição única, São Paulo, Centro Cultural Banco do Brasil, 2011

FABRIZ, Darcy Cesar. **A Estética do Direito**. Belo Horizonte, Del Rey Editora. 1999

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, UNB, **Manual do TCC**, 2021, <http://fac.unb.br/tcc/> , 23/04/2021

FRAGA, Olivia, **Qual a origem das regras de etiqueta à mesa?**, 2013, <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-a-origem-das-regras-de-etiqueta-a-mesa/> , 23/04/2011

GARCEZ, Renata *et al.* A Utilização de product placement no cinema e sua influência no comportamento do consumidor. **V Simpósio Internacional de Pesquisa em Comunicação**. Santa Maria. P. 1-15. <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/513/2019/05/Artigo-13-GT-Publicidade-NUNES-GARCEZ.pdf> . 20/06/2021

GIL, Antonio Carlos, **Como elaborar projetos de pesquisa**, primeira edição, São Paulo, Editora Atlas S.A, 1988

Gran Torino. Clint Eastwood. **Malpaso**. Estados Unidos, 2008. Streaming: NET NOW

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma revisão teórica. **Antropologia em primeira mão**, Santa Catarina, p. p.1-75, julho-dezembro 2004.

HOBBS, Thomas, **O Leviatã**, 1ª edição, São Paulo, Editora Marlin Fontes, 2003

HOLLIS, James, **Sob a sombra de Saturno: a ferida e a cura dos homens**, 2ª Edição, Editora Paulus, São Paulo, 2004

HONNETH, Axel, **A luta por reconhecimento**, 1ª edição, São Paulo, São Paulo, Editora 34 Ltda, 2003.

Il buono, il brutto, il cattivo. Sergio Leone. **United Artists e Produzione Company**. Itália, United Artists e Produzione Company, 1966. Blu Ray

JUNG, Carl, **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**, 2ª edição, Petrópolis, Editora Vozes, 2002

METZ, Christian, **A significação no cinema**, 2ª edição, São Paulo, Editora Perspectiva S.A., 1977.

MERSEL, Gabriela. Never-aging stories: Western hegemonic masculinity scripts. **Journal of Gender Studies**, Vol. 15, No. 1 March 2006, pp. 67–82;

MICHAELIS, **Problema**, 2021, <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/problema/> , 23/04/2021

NADER, Maria Beatriz *et al.* Gênero e poder. **Saberes e Práticas Científicas**, Rio de Janeiro, p. p.1-9, julho-agosto 2014. XVI Encontro Regional de História, ANPUH-RIO, 28 de julho a 1 de agosto de 2014.

PASSOS, Álvaro Augusto dos, **A estética do Poder**, São Paulo, 119 páginas, 2010.

RIBEIRO, Raquel de Paula *et al.* A publicidade e o cinema: Um estudo do product placement no cinema do século XXI. **XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Águas Claras - DF – 8 a 10/05/2014. P. 1-12** <https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2014/resumos/R41-0121-1.pdf> . 20/06/2021.

RAMOS, Ana Julia, **Product Placement: o que é e como usar**, 2018, <https://rockcontent.com/br/blog/product-placement/> , 23/04/2021

REIS, Luis Henrique dos, **Cowboys de Clint Eastwood: fronteira, identidade nacional e masculinidades em Gran Torino (2008) e American Sniper (2014)**, Uberlândia, 189 páginas, 2018.

ROUSSEAU, Jean-Jacques, **O Contrato Social**, 1ª edição, Porto Alegre, Editora L&PM Pocket, 2016

SALVAGNI, Luiza Matinato, **Lummi: Uma marca de lingerie para mulheres reais**, Brasília, 88 páginas, 2017.

SANTANYA, George. O que é a estética?. **COGNITIO-ESTUDOS**: Revista Eletrônica de Filosofia, São Paulo, v. 15, ed. 2, p. p.268-274, julho-dezembro 2019. Disponível em: <https://ken.pucsp.br/cognitio/article/viewFile/44136/30935>. Acesso em: 20 jun. 2021

SILVA, Josiane Gomes da, Espaço das representações sexuais no Egito Antigo, **Espacialidades**, v. 5, nº 4, 71-98, jun, 2012

TAVARES, Leonardo de Souza Oliveira, **A farsa do ego: ontologia e historicidade em Sartre**, João Pessoa, 95 páginas, 2015.

WIKIPEDIA, **Abraham Lincoln**, 2021, https://pt.wikipedia.org/wiki/Abraham_Lincoln , 23/04/2021

_____, **Changeling (film)**, 2021, [https://en.wikipedia.org/wiki/Changeling_\(film\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Changeling_(film)) , 23/04/2021

_____, **Clint Eastwood**, 2021, https://en.wikipedia.org/wiki/Clint_Eastwood , 23/04/2021.

_____, **Misé-en-scene**, 2021, <https://en.wikipedia.org/wiki/Mise-en-sc%C3%A8ne> , 23/04/2021



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAIS E PUBLICIDADE

CLINT EASTWOOD: O MACHO ALFA?
RAFAEL AUGUSTO DANTAS MOTA
ORIENTADOR: WAGNER ANTONIO RIZZO

BRASÍLIA-DF
ABRIL DE 2021



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAIS E PUBLICIDADE

CLINT EASTWOOD: O MACHO ALFA?
RAFAEL AUGUSTO DANTAS MOTA
ORIENTADOR: WAGNER ANTONIO RIZZO

Monografia apresentada à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade, sob orientação do professor Doutor Wagner Antonio Rizzo.

BRASÍLIA-DF
ABRIL DE 2021

CLINT EASTWOOD: O MACHO ALFA?

Monografia apresentada à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda.

Professor Doutor Wagner Antonio Rizzo

Orientador

Professora Doutora Suelen Brandes Marques Valente

Membro

Professor Doutor Pablo Gonçalo Pires De Campos Martins

Membro

Professor Doutor André Luis Muniz Garcia

Suplente

Brasília-DF
Abril de 2021

RESUMO

O objetivo do trabalho é fazer uma análise estética ampla sobre a masculinidade, partindo dos filmes de Clint Eastwood, que é enxergado como um duradouro ícone da masculinidade. A proposta é entender quais são as bases que permitem a construção de uma masculinidade duradoura, buscando entender como a sociedade percebe a masculinidade e quais os atributos que são ligados a ela. Em corolário, foi necessário abarcar outros campos das ciências humanas, notadamente a psicologia e a filosofia, para possibilitar a realização do trabalho de forma satisfatória. Por fim, conclui-se que a masculinidade não existe isoladamente, mas sim a partir de um conjunto de arquétipos, que carregam em si valores fundamentalmente humanos e que, portanto, podem ser portados por todos.

Palavras chave: Clint Eastwood; Estética; Masculinidade; Comunicação; Publicidade.

ABSTRACT

The objective of the work is to make a broad aesthetic analysis of masculinity, starting from the films of Clint Eastwood, who is seen as an enduring icon of masculinity. The proposal is to understand what are the bases that allow the construction of an enduring masculinity, seeking to understand how society perceives masculinity and which are the attributes that are linked to it. As a corollary, it was necessary to cover other fields of the humanities, notably psychology and philosophy, to enable the work to be carried out satisfactorily. Finally, it is concluded that masculinity does not exist in isolation, but from a set of archetypes, which carry in themselves fundamentally human values and, therefore, can be carried by everyone.

Key words: Clint Eastwood; Aesthetics; Masculinity; Communication; Publicity.

PREÂMBULOS DE GRATIDÃO

“Boxing is about respect.” (Million Dollar Baby. Clint Eastwood. Malpaso. Estados Unidos. Warner Bros. Pictures, 2004. Streaming: Amazon Primevideo).

Textos acadêmicos são escritos em linguagem impessoal. O trabalho de conclusão de curso, a monografia, o nome pode variar, é um texto acadêmico. Ele marca o fim da graduação de um estudante universitário. Uma das partes que o compõe é a dos agradecimentos. Não dá para se fazer agradecimentos de uma forma impessoal. Agradecer de forma impessoal é genérico, é vazio. Não há nada poético em colocar "o professor" ao invés de citar o professor. Por isso, o "eu lírico" impessoal do autor deste trabalho se despede logo no primeiro parágrafo. A partir de agora, quem comandará o texto é Rafael Augusto.

Bom, eu decidi que a melhor forma de agradecer as pessoas que eu tenho que agradecer seria rememorar a minha jornada na Faculdade de Comunicação. É o que eu passo a fazer. Antes da Faculdade de Comunicação, eu era conhecido como Rafustão. Um apelido que meu grande amigo Nicolas Meinen me deu. Eu convivi com pessoas do calibre de Gustavo Andrade Spínola Carvalho, Matheus Mendonça Vilar Trindade, Rafael Ferreira Billaflan, João Augusto Guimarães Carvalho, Marcos Igor Albanaz Vargas, Felipe Ribeiro Pires, João Pedro da Costa Manso Mussi, Paulo Henrique Moreira Chaves e David Viegas Rodrigues. Aos que eu não citei nominalmente, vocês também fizeram parte da história. Mas não da que eu quero contar agora. De diversas outras. Gratidão a todos vocês.

Obviamente, não poderia esquecer de citar algumas pessoas, como Vera Cecilia Cavalcanti Dantas Mota e José Pinto da Mota Filho, também conhecidos como meus pais. Também cabe a menção à Danielle Eveline Dantas Mota e Maíra Custódio da Mota Guiotto, minhas irmãs. Tio Fábio, Amanda, Letícia e a eterna Tia Cláudia Dantas, Tio Gustavo, Tia Marlane e Victor Dantas, Tio Dantas, Tia Alessandra, Felipe e Diogo, Tia Maristela, Vovó Cleomar, Vovó Herta e Vovôs Dantas e Mota. Obrigado pela excelente genética que permeia a nossa família. Ainda no lugar da família, gostaria de agradecer a Tia Ana e a Drizoquinha 2007, que sempre cuidaram de mim. Gostaria de agradecer também a todas as pessoas que trabalharam na minha casa em algum momento. Se vocês não estivessem limpando as minhas cuecas sujas, eu não poderia estar concluindo o meu curso agora. Obrigado a vocês também. Tenho que agradecer também a minha psicóloga, Doutora Adriana, sem ela, eu não seria nada.

Pronto. Os nominados retornarão em alguns pontos da jornada. Passemos, então, à jornada da Faculdade de Comunicação, à jornada da Universidade de Brasília. Eu concluí que a Faculdade de Comunicação foi a minha emancipação. Emancipação de tudo o que eu precisava me emancipar. Tudo o que eu tinha construído até a minha primeira entrada no ICC Norte, para que o Henrique pudesse raspar a minha cabeça, deveria ser destruído. E isso começou em um grupo de Facebook.

Os maravilhosos veteranos, que eu vou personalizar nas figuras de Vivien Doherty, Ana Gaudêncio, Victoria Franco e Maria Luisa Liotto, organizaram um grupo de Facebook com calouros e veteranos para organizar o "Café". Só Deus sabe o que acontece no Café. E quem estava lá, é claro. A primeira tarefa era se apresentar e responder a um teste de pureza. A faculdade havia começado.

Me apresentei. Fiz o teste de pureza. Tirei 32%. Eu tinha achado até alto. Mas aí eu vi, que todo mundo estava tirando 80%, 70%, o mais "devasso", tinha tirado 50%, isso sem contar o Sólon, que hoje já descansa em paz, que era fora da curva. Bom, algumas pessoas já sabem disso, outras não, mas eu menti deliberadamente no meu teste de pureza.

Veja, a faculdade estava começando. Toda a insegurança que eu tinha adquirido no ensino médio se manifestava em alguns momentos. O teste de pureza foi um desses. Não é que eu tenha mentido. Eu só marquei coisas que eu não tinha feito. Mas que meus amigos já tinham feito. O que me ajudou muito no ensino médio foi fazer parte de um grupo forte, sólido, que funcionava como uma grande manada. A palavra correta é, de fato, manada. Pensamento de manada. Mas enfim, se serve de consolo, eu refiz o teste ano passado e tirei 20%, sem mentir absolutamente nada.

As aulas começaram e junto com elas uma espécie de competição se iniciou. Chegaremos nela. Foco no primeiro dia de aula. Eu cheguei e vi um moreno esbelto, que eu reconhecia de algum lugar, conversando com um sujeito alto que eu nunca tinha visto na vida. Eram Rubens de Souza Lima Júnior e Rodrigo Maia Dal Moro. Eu fui direto neles puxar assunto. Descobri que tinha estudado junto com o Rubens no Marista João Paulo 2º. O Rodrigo virou meu amigo ali mesmo. Pronto. Já tinha um bonde.

Chegou a quinta-feira e os calouros foram apresentados. Escreveram "FAC" bem grande, em vermelho, na minha testa. Era exatamente o que eu queria. Depois eles pediram para colocar a foto como principal do Facebook. Eu já tinha me antecipado a isso. Queria que todo mundo soubesse que eu estava na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. O passo seguinte é o primeiro Pds¹. Bom, eu não me lembro de muita coisa. Em algum momento eu fui acordado pelo meu amigo João Mussi na minha própria poça de xixi. A minha mãe me levaria para casa naquele dia. A gente fez umas quatro paradas no caminho.

Pois bem, quem me conhece sabe que eu gosto de beber. Enfim. Os dias em que as coisas aconteciam eram quintas. A UnB tem um negócio muito interessante, pelo menos na Comunicação, que os calouros não têm aula na sexta. É a receita certa. Nesta segunda quinta, o esquema era responder um quiz sobre Harry Potter e atingir nossos companheiros com tortas na cara. Eu acertei a minha pergunta e atingi a Marina Bafutto. Tem foto desse momento. Grande momento. Em seguida, a ordem foi montar grupos.

Os minutos seguintes foram de total desespero. Eu, Rubens e Rodrigo. Tudo certo. De repente, eu me vi formando um grupo com seis homens. Numa faculdade que é conhecida pela beleza de suas integrantes. Eu entrei em parafuso e decidi que eu precisava sair daquele grupo a qualquer custo. Nem precisou. Algum veterano viu aquele frágil clube do bolinha se formando e separou. Agora, era eu, Rubens e Rodrigo. Débora Santos, Fernanda Melo, Beatriz Castelo Branco e Vitor Hugo de Souza Orém, o "Torugo". Corvianal estava formado. A gente tinha uma competição para vencer.

E vencemos. O Café não é uma coisa só, são várias ao mesmo tempo. Os meninos estavam loucos para saber o que era Café. Descobriram. Quero contar algumas coisas da grande final.

A gente chegou empatado com outro grupo, que eu não me lembro o nome, afinal, a história é contada pelos vencedores. Estávamos empatados e o que ia decidir a disputa era uma garrafa de catuaba. Quem virasse mais rápido ganhava. Veja bem, eu entendo a problemática disso. Todos os envolvidos, hoje, entendem. A gente tinha 18,19 e era 2015. E o Café não era um trote. Era muitas coisas...

¹ Acrônimo de Pôr Do Sol, bar universitário que fica na 409 Norte.

Nunca vi alguém beber uma garrafa de catuaba tão rápido. Eu recebi o troféu. Uma garrafa de tequila. O resto eu não posso contar. Mas eu recebi um apelido, assim como todos os outros calouros receberam naquele dia. O meu foi "calouro crush". A minha plaquinha veio com um número de telefone. Me disseram que veteranos eram afim de mim. Naquele momento, eu já não era mais o bom e velho Rafustão do Galois. Eu já estava virando Rafa.

Eu escolhi rememorar a minha história sob a perspectiva da formação de um homem. Eu não sei se eu já me considero um homem. Mas, definitivamente, eu não sou mais o menino empolgado que entrou na UnB.

Feito esse breve aposto, voltemos à história. Um nome dita o rumo dos próximos dois anos dessa jornada. É o de Bruna Maria Gertrudes Tavares. Minha querida ex. É difícil escolher as palavras para falar dela. Eu vou tentar não transformar o que eu quero dizer em uma declaração amorosa, até porque não é. Mas é uma parte da minha história que eu amo.

Eu tinha a ideia na minha cabeça de que eu precisava construir grupos fortes e sólidos, do mesmo jeito que eu tinha feito no ensino médio. Comecei a fazer isso. O Rodrigo, namorava. O Rubens, não. A gente começou a confabular sobre as meninas. Até que encontramos o GIGANTESCO Pedro Moreth de Carvalho, que também estava louco para confabular sobre meninas. A gente confabulou bastante sobre meninas nessa época.

Bom, eu não posso falar das meninas deles, posso falar da que um dia foi a minha. Agradeço ao Allan Montalvão por ter me ajudado naquela missão. Bruna se tornou minha namorada e a minha vida deu uma certa acalmada. Menos o bar de sexta, que existe desde 2015. Eu, Nicolas e Gustavo tínhamos feito uma promessa de que a gente continuaria se encontrando durante a faculdade, num bar, às sextas. A escolha pelo Mendes nunca foi muito clara. Mas foi lá que eu e Bruna demos o nosso primeiro beijo. Acho que isso ajudou.

Minha vida estava mais calma e eu comecei a fazer o curso de jornalismo. Sim, jornalismo. Entrei para a Doisnovemeia e falhei em tudo que tentei lá. Mas eu conheci a Carolina Kauffmann. Sobre essa época da Dois, eu queria citar nominalmente algumas pessoas. Luiza Matinatto Salvagni, a mulher mais espetacular que eu já vi na minha vida, Maria Flores, Gleydson Lima, Moriah Rickli, Luiz Felipe Veleci e Isabella Vivan. Aos outros, já me referi a

vocês na minha despedida da Dois.

O capítulo Dois envolve diretamente Isabella Vivan e eu quero contar algumas partes dessa história. Eu e ela fomos os atendimentos da Geração Titanic. A geração que naufragou. Sabe, a Isabella é uma pessoa única. Precisa de jeito para lidar com ela. E precisava entender o momento. Eu acho que ninguém entendeu o momento tão bem quanto eu, até porque eu era a pessoa mais próxima dela naquela empresa. Boa parte da minha raiva, dos meus gritos, das minhas infinitas manifestações nas reuniões internas vinham disso. Ninguém entendia que não estava tudo bem. Eu entendia.

Eu saí da Dois. É um dos meus grandes arrependimentos. Agradeço a Bruna, novamente, por me dar o apoio necessário naquela época. Eu gosto de pensar que eu saí da Dois mas levei a Kauffmann comigo, como minha amiga. Sabe, foi aniversário dela recentemente. Eu fui lá falar com ela. Ela disse uma vez que queria que o filho dela fosse que nem eu. Eu repito o que eu disse para ela. O filho dela vai ser muito melhor que eu, pois ela vai ser a mãe dele.

Saí da Dois e comecei a prestar atenção nas aulas. Já estava no segundo ou terceiro semestre. Era hora. Até hoje eu não sei se o meio é a mensagem. Eu acredito mais no Martino, apesar de adorar o Fábio. Cito agora os professores. Wladimir Gramacho, a ópera. Fernando Paulino, o jazz. Thaís Jorge, o homem que mordeu o cachorro. Rafael Dietzsch, o Zeca Pagodinho nunca vai ser o Led Zeppelin. Suelen Valente, a desenvoltura. Priscila Borges, a semiótica. Luis Iasbeck, a criatividade. ISABELA LARA, o processo criativo. Patrícia Cunegundes, era só Cor no Rafa. Eu não era corno nessa época. Luciano Mendes, a calma. Pablo Pires, o cinema em uma pessoa só. Maria Fernanda Valentim, sem palavras para a Mafefa, mas eu adoro ela. Edmundo Brandão, o homem que eu queria ser. Wagner Rizzo. A hora de falar do Wagner não é agora. Aos que eu não citei nominalmente, obrigado por tanto.

Eu não vou ser um profissional que trabalha diretamente com comunicação. Mas eu vou precisar da comunicação para exercer o meu ofício. Aprendi com os melhores. Eu realmente não sei se o meio é a mensagem. Mas eu sei que eu vou escrever. Se vão ler o texto, se importa o que está no filme, no Instagram, na televisão, perguntem para o Martino, ele sabe a resposta.

Ainda no lugar de professores, eu gostaria de citar uns caras que me deram outros tipos de aula. Dwayne "The Rock" Johnson, "Stone Cold" Steve Austin e Adam "Edge" Copeland², que me ensinaram a dar show. Steven Tyler³, que me mostrou que Deus existe e que caminha entre os mortais. Anthony Kiedis, John Frusciante, Michael "Flea" Balzary e Chad Smith⁴, por misturarem pimenta com feijão e fazerem a banda mais legal do mundo. Noel e Liam Gallagher⁵, que me mostraram como é que a banda toca. Lucas Silveira⁶, que me permitiu ser sentimental. Gabigol e Gerson⁷, que tem a minha idade, e que fizeram por mim o que eu queria ter feito. E Alex Turner⁸, a única pessoa que ainda me dá medo.

Enfim, dois excelentes anos se passaram e eu e Bruna terminamos. Tudo certo. Sempre nos demos bem. Agora começam a entrar pessoas importantes nessa história. Matheus da Silva Lima, meu melhor amigo, e Barbara Pedreira de Freitas, minha melhor amiga.

Alguns passos atrás. Eu era um veterano quando a Barbara passou e ela era namorada do Nicolas. Não adianta, o Nicolas está em todas. Eu sentia que era meu dever cuidar dela, proteger ela. O Nicolas nunca me pediu para fazer isso. Eu fiz porque achava que era o que tinha que se fazer.

A Barbara me apresentou o Matheus. Pelo menos formalmente. Uma vez, a Bruna me perguntou: "Rafa, com quem você ficaria da Fac?". Eu respondi: Mari Bittencourt. Tá citada Mari. Ela respondeu Matheus Lima. A nossa história começava ali. Hoje em dia, pelo menos da última vez que eu conversei com a Bruna, seja lá o que ela via no Matheus ela não vê mais. Quem vê sou eu.

Enfim, no dia 15 de maio de 2018 o Matheus me ligou. Era meu aniversário e ele me deu o melhor presente que alguém já me deu. Um ingresso para o Faurrasco. O Olimpo feminino da UnB. Recém solteiro, a minha vida voltou a virar uma grande bagunça. E eu ia bagunçar naquele Faurrasco.

² Wrestlers da WWE.

³ Vocalista do Aerosmith

⁴ Membros do Red Hot Chili Peppers

⁵ Membros do Oasis

⁶ Vocalista da Fresno

⁷ Jogadores do Flamengo

⁸ Vocalista do Arctic Monkeys

Naquele Faurrasco, uma menina oriental entra na história. Até hoje eu não sei nominar a nossa relação. Quem me chama de Rafustão, me chama de Webcorno. Quem me chama de Rafa, fala que eu me emocionei. Quem me chama de Augusto, nominalmente, Barbara, Matheus, Pedro Albuquerque e Luã Santili, não fala nada. Entende o meu lado. Sobre ela, temos uma relação bem resolvida. Tão bem resolvida que a gente não se fala mais. Isso também é se resolver bem. Mas gostaria de dizer que ela é oriental, que ela é espetacular, e que quem me conhece viu. Terminando o capítulo Faurrasco, eu queria dizer que eu fui com o Matheus e com o Luã. E que a Barbara e o Pedro nos buscaram. Não tinha mais Rafustão, Nicolas, Gu, Teteu e Billa. O grupo era outro.

Por causa da menina oriental, eu conheci Izabella Marchini Beck, minha melhor amiga. A primeira vez que eu falei com ela, ela me xingou de tudo com que é nome. Eu amei. Aprendi assim. Ficamos amigos e começamos a fazer planos juntos. Planos esses que, para um, agora, aluno de publicidade, envolviam o Lab⁹.

Está chegando a hora de falar do Wagner. Mas eu quero deixar isso por último. Antes, eu queria citar algumas pessoas que não couberam na narrativa que eu tentei construir. São elas: Saulo Dal Pozzo, que sempre dançou comigo, com toda a polissemia que o termo dança permite. Ricardo Queiroz Lobato Santos, meu amigo e meu professor. Victor Correa e Erika Meier, meus companheiros de "Arranha ou Toca?". Pedro Monnerat, que confiou demais em um menino. Luisa Midori, que reclamava que eu perguntava muito nas aulas de LegisPP mas me ensinou que eu não tenho problemas com o meu pai. E Celimar, minha última surpresa.

Veja, os homens também têm pais e avôs. Também têm mães e avós. Têm namoradas, são cornos, são emocionados, são fortes e são frágeis. Homens gostam do Robert De Niro. É preciso falar do Robert De Niro.

Por causa da presença do Matheus na minha vida, eu senti a necessidade de ver filmes melhores. O CCBB fez uma mostra de filmes especial para o Robert De Niro e eu fui em todos os dias que eu consegui. Dois filmes que eu vi lá ditaram os rumos deste trabalho. "1900", de Bernardo Bertolucci, e "Era Uma Vez Na América", de Sergio Leone. Malditos italianos. Por causa do Sergio Leone, e do Matheus, o tema é Clint Eastwood. Por causa do Rafael Mota, do

⁹ Apelido da disciplina Laboratório em Publicidade e Propaganda

Robert De Niro, e do Wagner Rizzo, o tema é masculinidade. Chegou a hora de falar do Wagner. Chegou a hora de dar adeus.

Vamos, então, falar do Wagner, afinal, o falo dele é frágil e precisa ser adulado constantemente. E ele precisa aprovar este texto aqui. Então também merece suas linhas. Mas eu me recuso a escrever sobre o Wagner nas linhas que me restam. Eu vou escrever um livro, algum dia, para falar do Wagner. É curioso que as nossas trajetórias se finalizem ao mesmo tempo. Ele precisava mexer com mais um menino empolgado. Eu precisava de um professor.

A única coisa que eu quero escrever sobre o Wagner é uma anedota. Eu amo anedotas. Um dia, depois do Lab, eu ia ter que encontrar o Wagner e os outros professores para deliberar sobre detalhes da revista R.E.P.T.I.L.¹⁰. Meu plano era dormir cedo e ir encontrá-lo.

Na noite anterior, entretanto, um amigo meu ia se mudar e nós fomos ao Mendes para nos despedir dele. Foi a noite do "Grande Bacú¹¹ do Mendes", como eu gosto de chamar. Um amigo nosso foi levado e eu passei a noite em delegacias esperando ele ser solto. Minha saúde emocional ficou em frangalhos.

Chega a manhã seguinte e eu vou encontrar o Wagner com bafo de cachaça. Assim que eu vi ele, eu xinguei. Xinguei e comecei a rir. Conteí a história da noite anterior. Respondei a todas as perguntas que ele me fez de maneira assertiva, firme, gentil e atenciosa. O Wagner me colocou para ler sobre várias coisas. Me colocou para ler sobre prolapso anal, sobre escatologia, sobre budismo e sobre masculinidade.

Eu ia ter que resolver uma pendência esse dia. Ia me encontrar com a Kauffmann e com outra pessoa. Eu li no livro que ele me colocou para ler sobre masculinidade, "Sob a Sombra de Saturno: A ferida e a cura dos homens", James Hollis, que os homens precisavam conversar sobre as coisas que aconteciam nas vidas deles. Conteí a situação que eu viveria naquele dia e pedi o primeiro dos inúmeros conselhos que ele me daria. Eu senti um *feeling* sabe.

Pois o meu *feeling* estava completamente errado. Ele me olhou com uma senhora cara

¹⁰ Produto final da disciplina Laboratório em Publicidade e Propaganda do 1º semestre de 2019

¹¹ Gíria para baculejo, abordagem policial

de desprezo e se recusou a me responder. Todos os indivíduos que estavam naquela sala, cito aqui Ingrid Ferrari, obrigaram ele a me responder. Ele me respondeu: "vive isso".

Eu agradeço a todos.

Eu vivi isso.

Figura 01. Um mestre e seu aprendiz.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. METODOLOGIA.....	19
3. PROBLEMAS DE PESQUISA.....	24
4. OBJETIVOS.....	26
4.1. Objetivo geral	
4.2. Objetivos específicos	
5. JUSTIFICATIVA.....	27
6. REFERENCIAL TEÓRICO.....	32
7. BUZINA.....	37
8. FRACASSE.....	46
8.1. FORD - “A Perfect World”	
8.2. MORTE - “Gran Torino”	
8.3. VIDA - "Changeling"	
9. CONCLUSÃO.....	60
10. EPÍLOGO.....	64
11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73

1. INTRODUÇÃO

“*Os charutos te deixam no clima certo—irritado.*” (*Il buono, il brutto, il cattivo*. Sergio Leone. United Artists e Produzione Company. Itália, United Artists e Produzione Company, 1966. Blu Ray).

Existem diversas formas de se mostrar um ponto, de se construir um argumento, de se portar em público e de se construir histórias e narrativas. A construção de narrativas, especialmente pela história, faz parte da constituição humana e é de suma importância para o desenvolvimento e manutenção da sociedade. Mas não são apenas os historiadores que constroem narrativas relevantes. Os exemplos de brilhantes narrativas se alastram pela literatura, pela música e pelo cinema, isso porque pretende-se restringir a discussão ao campo artístico, e, por consequência, comunicacional. Artístico, pelo caráter expressivo, e comunicacional pelas mídias que o possibilitam, indo do papel à câmera 4k.

Exatamente pela capacidade expressiva da arte, que é potencializada pela reprodutibilidade técnica das mídias atuais, a construção de narrativas e de pontos de vistas se torna um artefato que merece cuidadoso estudo. É o que se pretende. No entanto, a escolha pelo ponto de vista, pela narrativa escolhida pelo presente estudo precisa ser explicada e detalhada, que é o que passa-se a fazer.

O advento do século XXI provocou mudanças nos mais variados campos sociais, sendo que as questões individuais e sexuais viraram alvo de severas reflexões, vide Mersel (2006). Nessa linha, o debate sobre a construção da masculinidade, do masculino, dos valores associados ao homem e ao patriarcado, antes restritos a uma intelectualidade acadêmica, eclodiram na nova sociedade. Uma nova sociedade que, ao mesmo tempo em que busca *insights* sobre comportamentos nocivos ao coletivo, promove cancelamentos em massa ao primeiro sinal de comportamento dissonante. O meio termo é o fim, mas é preciso achar um meio.

Mais estudos, cada vez mais amplos, mais acessíveis e mais compreensivos devem ser feitos. Novamente, é o que se pretende. Por isso, sem mais delongas, à escolha do tema. Analisar a persona, a personalidade, a carreira, o estilo, e tudo mais que for possível, de Clint Eastwood é um grande exercício que busca entender como um homem conseguiu canalizar em

uma única vida os mais diversos arquétipos e valores associados à masculinidade.

Há muito pudor em citar a Wikipédia como fonte científica, o estigma contra a plataforma de pesquisas colaborativa é latente na comunidade científica. Agora, é impossível negar sua popularidade, relevância e importância. Dessa forma, a referência à plataforma neste trabalho se faz necessária, útil e relevante. O artigo de Clint no sítio, em sua versão em inglês, traz a seguinte descrição de sua pessoa. Vejamos.

*Clinton Eastwood Jr. (born May 31, 1930) is an American actor, film director, composer, and producer. After achieving success in the Western TV series Rawhide, he rose to international fame with his role as the "Man with No Name" in Italian filmmaker Sergio Leone's Dollars Trilogy of Spaghetti Westerns during the mid-1960s, and as antihero cop Harry Callahan in the five Dirty Harry films throughout the 1970s and 1980s. These roles, among others, have made Eastwood an enduring cultural icon of masculinity.[23][24] His accolades include four Academy Awards, four Golden Globe Awards, three César Awards, and an AFI Life Achievement Award. (Wikipedia, 2021)*¹²

Parte-se para a tradução e análise do necessário. O trecho inicia sua descrição expondo as qualificações do americano. É um ator, diretor, compositor e produtor, especialmente de cinema, destaca-se. Em seguida, faz-se a exposição de alguns de seus principais trabalhos como ator, pelo qual é mais conhecido. O destaque é para a série de televisão dos anos sessenta “*Rawhide*”, na qual Eastwood interpreta um *cowboy*, para a “Trilogia dos Dólares”, obras do *magnífico* diretor italiano Sergio Leone e pedra de fundação do “Western Spaghetti”, onde, novamente, Eastwood interpreta um *cowboy*, e para série de filmes “*Dirty Harry*”, onde o *polivalente objeto deste estudo* interpreta um policial mal-humorado, *meio fascista*, taxado de anti-herói.

Além disso, o trecho ainda ressalta alguns dos prêmios dados a Eastwood. São eles: quatro *Óscares*, quatro Globos de Ouro, três prêmios César e o prêmio de ‘*Life Achievement*’, realização de uma vida, pela AFI (American Film Institute). Cabe o destaque de que, apesar de ser conhecido principalmente pelos seus trabalhos como ator, nenhum desses prêmios que

¹² Tradução: Clinton Eastwood Jr. (nascido em 31 de maio de 1930) é um ator, diretor de cinema, compositor e produtor americano. Depois de alcançar o sucesso na série de TV Western Rawhide, ele alcançou fama internacional com seu papel como o "Homem sem Nome" na Trilogia de Westerns Spaghetti do cineasta italiano Sergio Leone em meados da década de 1960, e como o policial anti-herói Harry Callahan nos cinco filmes de Dirty Harry nas décadas de 1970 e 1980. Esses papéis, entre outros, fizeram de Eastwood um ícone cultural duradouro de masculinidade. [23] [24] Seus prêmios incluem quatro Oscars, quatro Globos de Ouro, três prêmios César e um AFI Life Achievement Award.

Eastwood recebeu foi por seu trabalho como intérprete, mas sim como diretor e produtor, exceção feita, é claro, pela premiação da AFI, que consagra toda a obra da *figura*.

O verbete wikipediano fornece uma descrição sucinta da vida e da obra de Eastwood. Destaca seus principais trabalhos e o reconhecimento que obteve, o que já mostra, desde já, a *magnitude do sujeito*, consagrando sua importância e sua relevância. No entanto, é a pequenina frase que reside no meio do trecho que chama a atenção: ‘These roles, among others, have made Eastwood an enduring cultural icon of masculinity’ (esses papéis, dentre outros, tornaram Eastwood um duradouro ícone da masculinidade). E este é o ponto.

É o ponto porque, como já foi elucubrado, a Wikipedia não é tida como uma fonte científica *super* precisa. Ela tem o seu caráter coletivo e participativo, o que faz com que a maior parte de seus conteúdos reproduza, de alguma maneira, pensamentos e noções que estão incrustadas no inconsciente coletivo. Só que não está mais na no inconsciente coletivo que Clint Eastwood é um “duradouro ícone da masculinidade”. Está no Wikipédia. Está no consciente. Ele é o ponto. *Acabou*.

O intuito do estudo é entender como foi que Clint Eastwood se tornou o “duradouro ícone da masculinidade”. Entender quais valores o ator conseguiu associar a sua persona artística, como a escolha de papéis ajudou nessa consolidação, como seu comportamento público ajudou na construção dessa narrativa, como a recepção, e reinterpretação, de seu trabalho agregou mais valor a esse *bolo* todo. *E por aí vai*. Em síntese, o que se pretende é entender, por meio de uma pesquisa descritiva/explicativa, como se faz um duradouro ícone da masculinidade.

Não obstante, o trabalho também pretende questionar e refletir sobre como se deu essa construção e quais foram as bases que permitiram a formação deste *edifício*. Além disso, uma análise sobre a viabilidade desse projeto cheio de testosterona no problematizador século XXI também urge. Por fim, a análise da vida e da obra de Eastwood serão o pano de fundo para uma reflexão sobre a masculinidade que, sendo tóxica ou não, precisa ser estudada, discutida e refletida.

Figura 02. Clint Eastwood, 1966.



Fonte: BAMFStyle.com, 2021. Disponível em: <https://bamfstyle.com/2020/05/31/good-bad-ugly-clint-eastwood/>. Acesso em: 23/04/2021

2. METODOLOGIA

“A coisa principal que um diretor deve fazer é saber o que quer quando vê...se você faz 30 tomadas, a grande questão geralmente é: Por que 30 são melhores do que uma?” (Clint Eastwood – Clássico e Implacável, Centro Cultural Banco do Brasil, p. 208, 2011)

A metodologia adotada no presente trabalho consiste em uma mistura de pesquisa bibliográfica com estudo de caso. A pesquisa bibliográfica se justifica pois, como será exposto, diversos autores contribuirão para a concretização da pesquisa. Estudo de caso pois se trata de um estudo sobre a carreira e a personalidade de Clint Eastwood.

Conforme explica Antonio Carlos Gil (1988):

“A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.” (GIL, p. 48)

Em corolário, apresenta-se o texto da mesma obra acerca do estudo de caso, que elucida com clareza a escolha de tais metodologias. Veja-se.

“O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita que o seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante os outros delineamentos considerados.” (GIL, p. 58).

Ato contínuo, o autor seguiu o calendário que se segue durante a realização do trabalho. Cumpre salientar que o humor variou muito durante os períodos de escrita, o que justifica algum tipo de modulação de sentimento ao longo do texto.

Complementa-se que o autor não esperava divulgar seu calendário, que foi feito com fins estritamente pessoais, visando apenas a organização do próprio. *Dura lex, sed lex*, o calendário será divulgado em sua íntegra.

Calendário de horários semanais.

Horário	Seg.	Ter.	Qua.	Qui.	Sex.	Sáb.	Dom.
8:00	Refletir	Estágio 2 - JEF	Refletir	Refletir	Soc. Educ	Refletir	Relax
9:00	Refletir	Estágio 2 - JEF	Teca	Hist. Cin	Soc. Educ	Refletir	Relax
10:00	Refletir	Estágio 2 - JEF	Teca	Hist. Cin	Soc. Educ	Refletir	Relax
11:00	Refletir	Refletir	Teca	Hist. Cin	Soc. Educ	Refletir	Relax
12:00	Refletir	Refletir	Teca	Hist. Cin	Soc. Educ	Refletir	Relax
13:00	Refletir	Refletir	Refletir	Refletir	Refletir	Refletir	Relax
14:00	Labor	Metafísica	Labor	Labor	Labor	Labor	Labor
15:00	Labor	Metafísica	Labor	Labor	Labor	Labor	Labor
16:00	Labor	Metafísica	Labor	Labor + Metafísica	Labor	Labor	Labor
17:00	Labor	Psicóloga	Labor	Labor + Metafísica	Labor	Labor	Labor
18:00	Labor	Bike	Bike	Bike	Banho	Labor	Labor
19:00	Refletir	Refletir	Dir. Proc. Trab.	Mono 1	Dir. Proc. Trab.	Labor	Labor

20:00	Refletir	Refletir	Dir. Proc. Trab.	Mono 1	Dir. Proc. Trab.	Relax	Relax
21:00	Dir. Previd	Dir. Previd	Dir. Adm 2	Dir. Adm 2	Mono 1	Relax	Relax
22:00	Dir. Previd	Dir. Previd	Dir. Adm 2	Dir. Adm 2	Mono 1	Relax	Relax
23:00	Dir. Previd	Dir. Previd	Dir. Adm 2	Dir. Adm 2	Mono 1	Relax	Relax
00:00	Refletir	Refletir	Refletir	Refletir	Refletir	Refletir	Refletir

Legenda:

Refletir: Nesses momentos eu pretendo estar refletindo. Isso significa que eu provavelmente estarei fazendo algumas das seguintes coisas: dormindo, lendo, vendo um vídeo, vendo um filme, trabalhando em projetos pessoais, satisfazendo a lascívia, comendo ou resolvendo alguma coisa para a minha casa. Nem tudo que eu for refletir vai se referir ao tcc, mas é algo que está na minha cabeça e que eu vou resolver até o prazo estipulado.

Labor: Segue a legenda por cores, pois os labores serão diferentes.

	Estarei no escritório em dia de semana. A prioridade é ler sobre o momento atual e resolver o que aparecer. Se der, TCC.
	Estarei no escritório em um sábado. Estarei tentando organizar a minha vida, resolver as atividades semanais que as faculdades me exigem. Se der, TCC
	Estarei no escritório em um domingo. TCC. Hora do show.
	Estarei no escritório e laborando ao som de

aulas de metafísica.

Bike: Um dos meus projetos pessoais é ter um *fitness* estilo Guto do “De Férias Com O Ex 3”. Minha lombrá¹³. Preciso me exercitar. Já que estou me organizando, decidi organizar isso também.

Banho: Eu gosto de tomar excelentes banhos de vez em quando. Um bom banho. Limpo tudo. Corto as unhas, passo produto no rosto, no cabelo. É sempre um momento muito bom. Não satisfaço lascívia no banho, a não ser que eu esteja acompanhado, mas aí não depende só de mim. Eu quero programar isso também. Porque eu vou colocar a minha caixa de som no banheiro nos dias desse banho e vou escutar *rock n’ roll* de qualidade durante esses banhos para me relaxar. Talvez alguns deles sejam na banheira.

Relax: Autoexplicativo. Provavelmente estarei embriagado, me embriagando ou me recuperando de ressaca. Talvez não. Eu estou em um lugar muito bacana com o álcool na minha vida neste momento. Tô testando o quanto ele funciona.

Resto: Disciplinas que eu tenho que cumprir.

Cores: Eu só gosto de cores.

Calendário com datas.

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
14/03	15/03	16/03	17/03	18/03	19/03	20/03
21/03	22/03	23/03	24/03	25/03	26/03	27/03
28/03	29/03	30/03	31/03	01/04	02/04	03/04
04/04	05/04	06/04	07/04	08/04	09/04	10/04
11/04	12/04	13/04	14/04	15/04	16/04	17/04

Legenda:

¹³ Gíria para ideia, ideal.

	Feriado
	Avaliação relevante
	Prazo para Rafael entregar
	DIA D
	Hora do show

Assim, reafirma-se que, por meio de uma pesquisa descritiva/explicativa, se fez um estudo de caso, por meio de levantamentos bibliográficos, sobre a vida e a obra de Clint Eastwood, tentando responder as problemáticas que se seguem.

Figura 03. Clint Eastwood, 2018.



Fonte: Paste Magazine, 2021. Disponível em: <https://www.pastemagazine.com/movies/clint-eastwood/the-10-best-films-directed-by-clint-eastwood/> . Acesso em: 23/04/2021

3. PROBLEMA DE PESQUISA

“*O roubo da inocência sempre me fascinou.*” (Clint Eastwood – Clássico e Implacável, Centro Cultural Banco do Brasil, p. 209, 2011)

Ainda na obra, “Como elaborar projetos de pesquisa” (1988, Editora Atlas S.A), Gil explica que toda pesquisa tem como ponto de partida um problema, uma indagação, um questionamento.

O Dicionário Michelis, em sua edição *online*, apresenta, dentre outras, as seguintes definições para o termo problema. Vejamos:

1. Tema, em qualquer área do conhecimento, cuja solução ou resposta requer considerável pesquisa, estudo e reflexão.
2. Questão levantada para inquirição, consideração, discussão, decisão ou solução (...).

As definições são claras e indicam o caminho a ser seguido ao se formular qualquer tipo de problema. Passa-se, agora, a formulação dos problemas desta pesquisa.

De início, é preciso salientar que o trabalho será composto por uma mescla das seguintes áreas do conhecimento: publicidade, audiovisual, filosofia e psicologia. A mistura parece ousada, mas é resolvida de maneira simples. Todos os campos citados possuem textos e reflexões acerca da estética, que é a linha guia do presente trabalho.

É pensando sob o viés estético que se formula os problemas da presente pesquisa, que são os que se seguem:

- a. O que se entende por masculinidade?
- b. Quais são os valores e aspectos associados ao que se entende por masculinidade?
- c. Por que Clint Eastwood é tido como um “duradouro ícone da masculinidade”?
- d. Quais foram os valores e aspectos que a vida e a obra de Clint Eastwood conseguiram

reunir para que o ator/diretor fosse considerado um “duradouro ícone da masculinidade”?

Ainda sobre as considerações de Gil (1988), destaca-se que se tentou fugir do que o autor, citando Kerlinger, chama de “problemas de engenharia”, que consistem em indagações que se referem a como fazer algo de forma eficiente. O próprio trabalho é a única coisa eficiente que se pretende a fazer, guardando as consequências e as reflexões, bem como a qualidade destes, ao gosto do leitor. O que se pretende, de fato, é apenas construir um olhar amplo sobre a masculinidade com a carreira de Clint Eastwood como pano de fundo.

Por fim, Gil ainda explica que um problema, quando gestado pela pesquisa científica, envolve variáveis que podem ser mescladas e auferidas. Acredita-se que os questionamentos que guiam o trabalho contemplam tais requisitos.

Figura 04. Clint Eastwood, 1971.



Fonte: Plano Crítico, 2021. Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-perseguidor-implacavel-1971/>. Acesso em: 23/042021

4. OBJETIVOS

“Você alguma vez se descreveu como um vagabundo errante?”

Não.

Então o que você é?

Um vagabundo e um errante” (Clint Eastwood – Clássico e Implacável, Centro Cultural Banco do Brasil, p. 210, 2011)

Na obra “Lummi: uma marca de lingerie para mulheres reais”, Salvagni define o que são objetivos: “Os objetivos do projeto irão guiar sua execução a fim alicerçar o que foi proposto. O objetivo geral servirá como guia, dando forma a proposta final. Os específicos servirão como balizadores, conferindo qualidade a entrega”. (SALVAGNI, Luiza. 2017).

4.1. Objetivo geral: Traçar um panorama da construção de uma figura masculina socialmente aceita por meio da análise da vida e da obra de Clint Eastwood.

4.2. Objetivos específicos

- a.** Investigar a construção estética da masculinidade;
- b.** Observar e examinar trabalhos específicos de Clint Eastwood;
- c.** Estabelecer ligações entre variados campos das ciências humanas para se chegar a um panorama sobre os objetivos supracitados.

Figura 05. Clint Eastwood e Meryl Streep, 1995



Fonte: Lincoln Center, 2021. Disponível em: <https://www.filmlinc.org/films/the-bridges-of-madison-county/>. Acesso em: 23/04/2021

5. JUSTIFICATIVA

“CHRISTINE: So how was school?”

WALTER: Okay. We learned about dinosaurs, and I got in a fight with Billy Mankowski.

CHRISTINE: What happened?”

WALTER: He hit me.

CHRISTINE: Did you hit him back? (he nods) Good. Rule number one: Never start a fight, but always finish it. So why did he hit you?” (Changeling. Clint Eastwood. Malpaso. Estados Unidos, 2008. Streaming: Amazon Prime Video) ¹⁴

Acredita-se que é difícil dar justificativas em linguagem impessoal, visto que é alguém que dá algum tipo de justificativa. Todavia, a 3ª pessoa e a forma impessoal serão adotadas. Registra-se que justificativa é uma coisa pessoal e que é interessante que ela componha a monografia. É uma forma de fazer o estudante mostrar o que está fazendo e porquê está fazendo. Deixa-se aqui, tal comentário construtivo sobre monografias.

De acordo com a Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, em seu sítio *online*, a justificativa do trabalho deve ser feita com o objetivo de destacar a *relevância* da pesquisa, tanto acadêmica quanto socialmente, e deve responder à pergunta “por que essa pesquisa é necessária?”

A ideia da pesquisa nasce da divertida relação do professor orientador com o orientando, que é extremamente frutífera e inspiradora. As designações sociais não eram as citadas à época. A semente da compatibilidade foi plantada por meio de um método de ensino que José Pacheco, famoso pedagogo português, assinaria.

O professor, frustrado que o aluno não lia o que ele pedia, decidiu instigá-lo. Chegou na sala de aula, chamou o jovem estudante para o canto e incorporou Clint Eastwood. “Isso

¹⁴ Tradução: “CHRISTINE: Então, como foi a escola? WALTER: Tudo bem. Aprendemos sobre os dinossauros, e entrei em uma briga com Billy Mankowski. CHRISTINE: O que aconteceu? WALTER: Ele me bateu. CHRISTINE: Você bateu nele de volta? (ele acena com a cabeça) Ótimo. Regra número um: nunca comece uma briga, mas sempre termine. Então, por que ele bateu em você?” (Changeling, 2009)

aqui é uma bomba! Você precisa ler isso! Todo homem do mundo devia ler isso!”

O aluno adora a teatralidade do professor e se interessou. O professor sabe ensinar. Já havia tentado fazer o *inexperiente* ler de forma gentil e fracassou. É sempre um fracasso diferente. Nunca o mesmo. Até o dia em que se acerta.

O show continuou e o aluno pediu o livro emprestado. A pose mudou completamente. Se antes era Clint bonachão e escandaloso como em “*True Crime*”, agora era Clint sábio, de poucas palavras, e mortal, como em “*Unforgiven*”. “Compra”. Foi só o que ele disse.

O livro em questão se chama “Sob a sombra de Saturno: a ferida e a cura dos homens”, de James Hollis. Publicado no Brasil pela editora Paulus, o exemplar adquirido é da segunda edição, comercializada a partir de 2004. O texto faz parte da coleção Amor e Psique.

Hollis escreve de maneira direta, evitando maiores digressões. A estruturação do livro é magnífica. De início, o autor elenca os 8 segredos que os homens carregam. Os capítulos esmiúçam cada um deles. O final carrega uma análise geral do texto e oferece uma possível solução, que contém 7 passos. O passo 3 é o seguinte: “procure mentores e sirva de mentor a terceiros.” (HOLLIS, 2004, p. 162). “Passo 4: Corra o risco de amar os homens” (HOLLIS, 2004, p. 164)

É um livro de psicologia jungiana. Freud, com a ideia do complexo de Édipo, forneceu um caminho para a construção de metáforas e análises a partir de referências mitológicas. A psicologia continua nessa toada e Hollis não é diferente. A ideia de Freud, de usar de metáforas mitológicas para transmitir seus conhecimentos, se mostrou extremamente produtiva e acessível, universalizando os conceitos psicológicos e psiquiátricos de maneira simples.

Este trabalho se propõe a algo semelhante. Propor um olhar, fornecer um caminho, estabelecer uma direção sobre o que se acredita ser a masculinidade partindo de metáforas, analogias e inquietações sobre a carreira de Eastwood. Acredita-se que, se para os gregos antigos, Zeus e os demais deuses eram louvados, nos tempos modernos, os astros de Hollywood são figuras quase divinas. De tal forma, essa é a abordagem do trabalho, por isso as remissões à psicologia.

Em outras palavras, a ideia do trabalho é oferecer um panorama sobre a masculinidade. O livro de fato era uma bomba. Atômica. Mudou completamente a visão do autor, que deseja transmitir os conhecimentos lá adquiridos por meio das ferramentas que dispõe, que são os conhecimentos audiovisuais e publicitários.

Ato contínuo, destaca-se que os tempos mudaram e algumas das convenções sociais que ditavam o que se esperava de um homem mudaram. É preciso entender essas mudanças. É preciso falar sobre isso de uma forma não violenta. É preciso que isso seja falado por um homem.

“Segredo número 1: A vida dos homens é tão governada por expectativas restritivas em relação ao papel que devem desempenhar quanto a vida das mulheres.”

“Segredo número 3: O poder do feminino é imenso na organização psíquica dos homens.”

“Segredo número 5: O ferimento é necessário porque os homens precisam abandonar a mãe e transcender o complexo materno.”

“Segredo número 6: A vida dos homens é violenta porque suas almas foram violadas.” (HOLLIS, 2004, p. 15)

O livro de Hollis contém 186 páginas e tem uma estética e uma construção interessantíssima. Parece uma espécie de diário, visto que o autor “expõe” os segredos da masculinidade, algo que funciona surpreendentemente bem para vincular o leitor ao livro, e, conseqüente, ao autor. Por isso, a ideia é usar a estética, (que, no caso, é a de trabalho acadêmico) o audiovisual e a publicidade como fios condutores da reflexão, partindo do livro de Hollis como principal base emocional para o que se propõe.

A escolha por Clint Eastwood se dá pois é ele que é tido como duradouro ícone da masculinidade. Além disso, ele e sua carreira são frutos da maior nação do planeta na atualidade, os Estados Unidos. Dessa forma, é importante e necessário que o objeto seja conhecido e reconhecido, o que, acredita-se, desperta interesse e curiosidade no leitor, que, ao ler, poderá criar vínculos com o trabalho e com o autor.

A justificativa do trabalho deve responder à pergunta: por que essa pesquisa é necessária? Essa pesquisa é necessária porque homens precisam virar homens de uma forma saudável, de uma forma que rompa com estruturas e posicionamentos há muito ultrapassados. E isso tem que ser feito da forma menos traumática possível.

“Segredo número 8: Para que os homens fiquem curados, precisam ativar dentro de si o que não receberam do exterior.” (HOLLIS, 2004, p. 15)

De forma sucinta. Justificativa: o presidente da República.

Como citado anteriormente, a ideia é que o próprio trabalho seja, em si, uma construção estética sobre a masculinidade. Nesse diapasão, é preciso salientar que os indivíduos não se encontram isolados, visto que vivem em sociedades, que tem suas mais amplas questões. Clint Eastwood sabe disso e o autor deste trabalho concorda com tal posicionamento.

Clint Eastwood foi prefeito da cidade californiana de Carmel By The Sea entre 1986 e 1988. Cabe destacar que, à época, Eastwood não estava vinculado a algum partido, provavelmente aproveitando alguma brecha da legislação do estado da Califórnia. Mas registra-se que Clint já foi filiado ao Partido Republicano e atualmente é vinculado ao Partido Libertário.

O trabalho, conforme o leitor poderá observar, fará remissões a figuras históricas, como um exercício retórico. O autor acredita que figuras históricas são pessoas que possuem ou possuíram princípios bem definidos e que, exatamente por isso, conseguiram ter seus nomes inscritos nos mais diversos livros sobre os mais diversos campos do saber.

Sabendo disso, o autor deste não pode se olvidar do momento em que seu país vive. Não se pode olvidar das mais de 400.000 mortes por Covid-19 no Brasil. O presente trabalho, como um exercício acadêmico sobre a masculinidade, deriva muito da ausência de representatividade masculina saudável em posições de poder no país atualmente. Independentemente de qualquer espectro político, os exemplos de bons homens são escassos, vide a composição ministerial do executivo federal.

Nesses termos, de forma semelhante ao objeto deste trabalho, é preciso ter coragem

para mostrar suas posições e assumi-las, estando ciente das eventuais consequências e repercussões de tal atitude. Não se pode, nem por um minuto, esquecer quem ocupa a cadeira presidencial do Brasil. Todos os espaços em que a fala for permitida terá manifestações sobre o sujeito, visto que, acredita-se, é o intuito dele acabar com tais lugares. A resistência deve resistir.

O Brasil merece coisa melhor.

Figura 06. Clint Eastwood e Ed Helms, 1997



Fonte: Plano Crítico, 2021. Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-poder-absoluto/>. Acesso em: 23/04/2021.

6. REFERENCIAL TEÓRICO

“Gosto de me referir a Clint como a pessoa mais articulada não verbalmente que eu já conheci.” (Clint Eastwood – Clássico e Implacável, Centro Cultural Banco do Brasil, p. 211, 2011)

É um exercício de imensa paciência escrever uma monografia. Em todos os sentidos. Mas é um exercício que vale a pena. A Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, em seu sítio *online*, diz o seguinte sobre referencial teórico.

“Referencial Teórico: a contextualização do problema. O conjunto de teorias e os principais autores que discutiram o tema. As vertentes teóricas nas quais o projeto se enquadra (mínimo de seis laudas). “ (UNB, 2021)

Em outro trecho, a Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, em seu sítio *online*, faz a seguinte sugestão.

“Originalidade: observar se o trabalho é significativo e apresenta um novo enfoque para o tema tratado. (UNB, 2021)”

Uma das disciplinas que compõem o curso de Comunicação oferecido pela Universidade de Brasília é Criatividade em Publicidade. Ela é oferecida no 3º semestre e faz parte da grade obrigatória. Uma das coisas que foi ensinada quando o autor cumpriu a disciplina foi o processo criativo. Por isso, o intuito do trabalho é fazer um texto diferente, criativo e original, mas respeitando às normas necessárias.

Em corolário, ressalta-se que criatividade e originalidade são o que são, pois não seguem regras. Elas quebram regras. Elas fazem novas regras. O processo criativo é maravilhoso e funciona. Espera-se que o leitor entenda a ideia.

Referencial teórico. Como citado anteriormente, item 4.2. Objetivos específicos, “estabelecer ligações entre variados campos das ciências humanas para se chegar a um resultado amplo sobre os objetivos supracitados”. É um dos objetivos, específicos, do trabalho. Esses campos são: psicologia, filosofia, audiovisual e publicidade. O fio condutor é a estética,

assunto que os campos partilham.

O trabalho parte do texto de Hollis, conforme citado. Além disso, Rousseau, Hobbes, Descartes e Aristóteles são mencionados, em suas respectivas obras, para a realização deste.

Ato contínuo, ressalta-se que as observações sobre publicidade trataram da questão de *product placement*¹⁵. Não obstante, a cinematografia de Eastwood, mais especificamente três filmes: “*A Perfect World*”, “*Gran Torino*” e “*Changeling*”, compõe o trabalho e fornecem, em conjunto com o livro de Hollis, a base para a discussão. Não obstante, a reflexão de Christian Metz, em “*A significação no cinema*” (1977), permitiu os aferimentos cinematográficos deste.

Sabendo disso, parte-se para a contextualização do problema. A sexualidade é pauta constante na história da humanidade. Silva (2021, p.72) explica que, para se compreender o ideal de sexualidade que existia no Egito antigo é necessário o entendimento de aspectos culturais da sociedade egípcia na antiguidade. O trabalho foi feito tendo como base descobertas em um sítio arqueológico.

“É para ter vida, ou nascer no além o morto teria que ter sua fertilidade e os atos sexuais garantidos magicamente, como fez em sua tumba o faraó Ramsés IX na imagem abaixo, em que sua virilidade está representada pelos falos eretos dos princípios masculinos, e a fertilidade representada pela mulher que é o princípio feminino”

Figura 07. Hieróglifos



Fonte: Arqueologia Egípcia, 2021. Disponível em:

<http://arqueologiaegipcia.com.br/tag/hieroglifos/>. Acesso em: 23/04/2021

¹⁵ Termo publicitário que se refere a inserção de produtos e marcas em determinado produto comunicacional, especialmente os audiovisuais

A sexualidade é um tema complexo e exige que se pense de forma multilateral. Quando se fala de masculinidade, é preciso ter cuidado com os termos e com a forma. Vide Arilha *et al* (1998, p. 320): “Entretanto, é ao longo da década de 80 que as pesquisas acerca da construção social da masculinidade começam a ganhar força internacionalmente, na medida em que a diversidade de temas é incorporada.” Tal trecho ilustra que a discussão sobre masculinidade e sua construção ainda são recentes e ainda buscam suas bases para se fortalecerem.

Outro trecho interessante do artigo de Silva é a fala sobre fertilidade. A autora recorda que ser infértil no antigo Egito era um grande problema. Era um problema pois os homens deveriam deixar um filho para permitir que sua vida continuasse. Silva arremata com verve.

Com estes procedimentos o morto não teria seu nome esquecido, pois só assim ele viveria no além, não teria o risco de passar por uma segunda morte, que era a morte do esquecimento de sua memória. Percebemos que o sexo era fundamental para os egípcios, indo muito mais que o prazer, era a ação causadora da primeira vida e asseguradora da segunda vida. (Silva, 2021, p. 72-73)

É preciso salientar, quando se fala de sexualidade, que todos os argumentos, de todos os campos possíveis, devem ser lembrados para possibilitar uma análise minimamente séria, que dê vontade de ler e que sacie algumas dúvidas, bem como que proponha uma reflexão. As teorias e os estudos sobre o tema avançaram. E precisam continuar avançando.

A etiqueta, conforme explica Passos (2010, p. 37): “Embora impregnado de subjetividade, o belo conta com certa correspondência no senso comum, fruto de uma linguagem fundada na harmonia e equilíbrio, adotados como padrão num certo momento histórico.” Ato contínuo, cabe a lembrança de Passos a Fabríz (1999), que diz: “A experiência estética é algo fundamental e inerente aos universos da própria cultura”.

Além disso, a revista Super Interessante (2020), complementa. Veja.

Desde a era dos faraós egípcios até o Império Romano, os poderosos exigiam regras de tratamento que os diferenciassem dos escravos e dos pobres. Assim teria surgido o conceito da “etiqueta”...

Ainda sobre etiqueta, uma questão estética, é preciso destacar o livro “*The Gentlemen's*

Book of Etiquette and Manual of Politeness” de Cecil B. Hartley, de 1860. É um livro britânico e é tido como a primeira compilação de etiqueta. Ela foi feita para compilar os comportamentos de um “cavalheiro”. O livro não tem tradução para o português.

Se adequando às recomendações da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, outra definição, um pouco mais clara, sobre referencial teórico é oferecida. Veja, em conjunto com a primeira:

Referencial Teórico: é onde apresenta-se os autores e as teorias que irão fundamentar o seu TCC. É importante escrever um texto que não apenas exponha as linhas gerais dessas teorias mas também enfatize como se aplicam à pesquisa que será realizada.

Referencial Teórico: a contextualização do problema. O conjunto de teorias e os principais autores que discutiram o tema. As vertentes teóricas nas quais o projeto se enquadra (mínimo de seis laudas). (UNB, 2021)

Com isso, resume-se o referencial teórico da seguinte forma: mostrar como a sexualidade masculina é ampla e recheada de nuances, visto que as bases de tal há muito foram delineadas e pouquíssimas vezes são resgatadas. Destaca-se que a etiqueta, uma forma de como se proceder em determinada situação, nada mais é do que uma construção estética criada pelos de maior poder para se distanciarem dos de menor. Tal questão também é percebida na estética cinematográfica, que é ampla e varia conforme os desígnios do diretor, do produtor ou do estúdio responsável.

Ato contínuo, destaca-se que a estética hollywoodiana, a estética do cinema norte-americano, reproduz consigo valores daquela nação, que reflete, em seu turno, posições de tal país. Por isso o estudo de um diretor norte-americano e homem se justifica. É extremamente interessante ver como um homem norte-americano, que é enxergado por tal sociedade como um duradouro ícone da masculinidade, se porta em suas obras e como reproduz os valores masculinos estadunidenses e, muitas vezes, imperialistas.

Figura 08. Clint Eastwood e Morgan Freeman, 1992.



Fonte: Taste Of Cinema, 2021. Disponível em: <http://www.tasteofcinema.com/2017/8-reasons-why-unforgiven-is-the-best-western-since-1980/> . Acesso em: 23/04/2021

7. BUZINA

“Ele quer que tudo aconteça naturalmente, em termos de deixar os atores serem espontâneos e avançando com as coisas. Ele confia nas pessoas que trabalham para ele, e cria esse ambiente fantástico de trabalho com a sua presença. Tudo emana dele.” (Clint Eastwood – Clássico e Implacável, Centro Cultural Banco do Brasil, p. 212, 2011)

O título desta parte é buzina pois é preciso anunciar o que virá. Só que isso tem que ser feito com algum tipo de gentileza. Então, leia essa parte imaginando que você é adolescente nos Estados Unidos e seu acompanhante chegou para te buscar. Você escuta uma buzinação e se arruma. Se despede dos seus pais. Bate a foto. Ele não vai entrar na sua casa. Ele é marrento. Mas é gentil de alguma forma. Se você se identifica mais com valores ligados ao feminino, pense em Lara Jean e Peter Covington ou Troy e Gabriela.¹⁶ Se você se identifica mais com valores ligados ao masculino, pense em “*Superbad*”¹⁷. Se você tem uma sexualidade fluída, não pense em nada. Mas tente imaginar o que foi proposto.

Buzina. É preciso anunciar. O que isso quer dizer e o que isso tem a ver com o trabalho? O que vai se tentar agora é construir a cama da melhor forma possível para que você possa se deitar. Traduzindo: Contextualizar a discussão de masculinidade em cima dos referenciais teóricos filosóficos e psicológicos.

O Clint é o Clint. Como mencionado na introdução, está no Wikipedia que ele é tido como um duradouro ícone da masculinidade. A analogia usada naquela parte foi: não está mais no inconsciente coletivo que o Clint é o “machão”. Está no Wikipedia. Ou seja, alguém já escreveu isso e outras pessoas já referendaram positivamente. E ninguém foi lá no Wikipedia, não gostou do que leu e mudou. Então, aparentemente, é um assunto pacificado.

Como falado na justificativa, o objeto do estudo precisa ser conhecido e reconhecido. Conhecido porque não adianta você falar de algo que as pessoas não têm nenhuma referência. Reconhecido porque você precisa usar algum tipo de argumento de autoridade para validar os seus argumentos de alguma forma. É toda essa a ideia de um projeto acadêmico não? Não dá

¹⁶ Personagens das trilógicas “Para Todos Os Garotos” (2018-2021) e “High School Musical” (2006-2008).

¹⁷ Filme de comédia adolescente de 2007

para inventar, tem que provar.

Reconhecimento é uma coisa difícil de se conseguir. Honneth (2003, p. 29) explica: “Hegel defende naquela época a convicção de que resulta de uma luta dos sujeitos pelo reconhecimento recíproco de sua identidade numa pressão intra-social para o estabelecimento prático e político de instituições garantidoras da liberdade”. É preciso salientar que o texto em questão trata do reconhecimento de minorias pelas maiorias. Todavia, o trecho citado carrega ensinamentos de Hegel sobre o que é e como se adquire reconhecimento, independente de lutas sociais.

Ato contínuo, destaca-se que o estabelecimento prático e político de instituições garantidoras da liberdade ocorreu de uma certa forma. A tal forma se chama patriarcado, que é o sistema que conseguiu vencer a luta pelo reconhecimento de sua identidade, derrotando a pressão intra-social.

Veja, homens e mulheres podem ser incríveis. Da mesma forma que existe um Churchill existe uma Hannah Arendt. A questão é que essa lógica binária precisa ser superada. Aqui, tenta-se oferecer uma discussão que ofereça caminhos para superar a masculinidade, por meio de uma análise estética ampla da vida e da obra de Clint Eastwood. Sem mais delongas.

Inconsciente Coletivo. Jung. “Os arquétipos e o inconsciente coletivo” (2002, p. 17).
Verbis.

Outra forma bem conhecida de expressão dos arquétipos é encontrada no mito e no conto de fada. Aqui também, no entanto, se trata de formas cunhadas de um modo específico e transmitidas através de longos períodos de tempo.

Jung escreve de forma clara, mas seus escritos são tão densos, que precisam ser suavizados para a compressão. O que o autor deste trabalho acredita que Jung quis dizer, é algo próximo ao seguinte: “Veja, o ser humano usa da identificação, da mimese, para aprender tudo o que ele consegue. Mas essa não é a única forma que ele tem para aprender. Mas isso acontece e eu preciso explicar isso”.

Sabendo disso, vamos estabelecer o que este trabalho acredita que são arquétipos. São:

uma construção estética e representativa, que habita o inconsciente e que é forjado na infância e que deve ser superado com o passar dos anos.

Não dá para saber se está claro. A didática ainda é falha. As respostas para todas as perguntas que podem ser feitas, na concepção do autor, se resumem as seguintes: capitalismo e a vida. Isso precisa ficar claro. A ideia é: já que você já tem a resposta, melhore a pergunta.

Por isso, o autor prefere melhorar suas perguntas.

Por que arquétipos existem? Essa é uma pergunta difícil. Que pode ser respondida pela via estética.

Jung (2002, p. 287), esclarece um pouco melhor com exemplos de uma paciente. Vejamos.

Como a senhora X havia descoberto sozinha o método há muito por mim empregado da imaginação ativa, pude ligar a problemática em curso justamente no ponto indicado pelo quadro: ela está detida no inconsciente e espera de mim a ajuda mágica de um feiticeiro.

O que Jung percebeu, pela interpretação do trecho pelo autor, é que a sociedade partilha de um conjunto de valores, que são aceitos pela maioria. No primeiro trecho, ele fala de contos de fadas como expressão dos arquétipos. Faz todo o sentido. Como ensinar para crianças o que elas precisam saber sem machucá-las? Use de algum tipo de força sobrenatural que seja gentil e não faça ela perceber como é difícil de se viver.

Acredita-se que o ser humano precisa, de alguma forma, tentar controlar as coisas. O autor acredita que isso se chama “medo da finitude”. Este trabalho prefere a perspectiva de Rousseau (1712-1778) a de Hobbes (1588-1679). Vamos explicar as duas e trazer as referências.

Rousseau, Contrato Social (2016, p.22).

Este pequeno tratado foi extraído duma obra mais extensa, outrora iniciada sem que eu houvesse consultado minhas forças,

e de há muito abandonada. Dos vários trechos que se podiam tomar ao que estava feito, este é o mais considerável e pareceu-me o menos indigno de ser oferecido ao público. O resto não mais existe.

Hobbes, O Leviatã (2003, p. 15).

No que se refere aos pensamentos do homem, considerá-los-ei primeiro isoladamente, e depois em cadeia, ou dependentes uns dos outros. Isoladamente, cada um deles é uma representação ou aparência de alguma qualidade, ou outro acidente de um corpo exterior a nós, o que comumente se chama um objeto. O qual objeto atua nos olhos, nos ouvidos, e em outras partes do corpo do homem, e pela forma diversa como atua produz aparências diversas

Tente se lembrar de algum contato que você teve com esses autores. O resumo do pensamento dos dois é o seguinte. Rousseau: O homem é bom e a sociedade o corrompe. Hobbes: O homem é mau e a sociedade o regula. É mais ou menos isso. Ambas as obras estão em domínio público, graças ao *Bom Senhor Jesus*¹⁸. Se for para ler só uma, leia Rousseau.

Estética. Arquétipos. Inconsciente coletivo. Vamos lá.

O autor defende a tese de que muitas coisas são importantes mas nem todas são percebidas como importantes. Vamos, então, às coisas que se pretende mostrar importantes. Os dois trechos são trechos iniciais de ambas as obras. Literalmente, são as primeiras palavras. Vamos analisá-las.

Veja como Rousseau escreve. Lembrando, Rousseau: o homem é bom e a sociedade o corrompe. O texto será reproduzido novamente e os comentários serão feitos em itálico e em vermelho. O trecho de Rousseau chama Advertência.

¹⁸ Jesus Cristo, filho de Deus

Este pequeno (*realmente é pequeno, a versão online tem 66 páginas*) tratado (*veja que ele não fala lei, mandado, decreto ou qualquer coisa do tipo. Ele usa tratado. Que é uma espécie de combinado levado às últimas consequências*) foi extraído duma obra mais extensa (*ele pensa mais e não está mostrando tudo o que sabe fazer, o que mostra que ele sabe fazer alguma coisa muito bem feita*), outrora iniciada sem que eu houvesse consultado minhas forças (*brilhante esse trecho aqui. Começou o livro na cara e na coragem e confessa, pois ele não havia consultado as suas forças, o que mostra humildade. Ele assume o que faz*), e de há muito abandonada (*mostra um senso de missão. Como se fosse mais ou menos o seguinte: "eu tenho que fazer isso"*). Dos vários trechos que se podiam tomar ao que estava feito, este é o mais considerável e pareceu-me o menos indigno de ser oferecido ao público (*o menos indigno de ser oferecido ao público. Humildade. Honestidade. Senso de humor. Escolha de palavras inacreditavelmente boas*). O resto não mais existe. (*ele poupou a humanidade do que ele tinha pensado. Mas ele disse o que ele tinha que dizer. Isso é um grande homem*)

Hobbes agora. Lembrando, Hobbes: o homem é mau e a sociedade o regula. O texto será reproduzido novamente e os comentários serão feitos em itálico e em vermelho. O trecho de Hobbes foi extraído do primeiro parágrafo do primeiro capítulo da primeira parte de Leviatã, que se chama, respectivamente: Do homem e da sensação.

No que se refere aos pensamentos do homem (*veja como ele não se inclui como homem mas fala dos pensamentos do homem com propriedade. Ele usa homem latu-sensu, como sinônimo de ser humano, o que era aceitável na sua época e que não é mais*), considerá-los-ei primeiro isoladamente (*mesóclises, para o autor, são difíceis de se compreender. O uso delas indica um tipo de elitismo*) e depois em cadeia, ou dependentes uns dos outros (*vai mostrar tudo o que sabe fazer, enumerou o que vai fazer. É uma prática comum na sinuca, onde é preciso "cantar" a bola. Sinucas são um espaço de disputa tipicamente masculino*). Isoladamente, cada um deles é uma representação ou aparência de alguma qualidade, ou outro acidente de um corpo exterior a nós, o que comumente se chama um objeto (*sabe explicar bem. Quando quer, sabe resumir, sabe traduzir*). O qual objeto atua nos olhos, nos ouvidos, e em outras partes do corpo do homem, e pela forma diversa como atua produz aparências diversas (*entende o que este trabalho quer fazer*).

Vamos lá. Estética. Arquétipos. Inconsciente coletivo.

Ambos são homens. O mundo ainda é machista. Era mais na época de ambos. Porque homens que escrevem todas as coisas? "Segredo número 3: O poder do feminino é imenso na

organização psíquica dos homens.” (HOLLIS, 2004, p. 15)

O que isso significa? Significa o seguinte: todas as pessoas do mundo têm algum tipo de insegurança. “Segredo número 1: A vida dos homens é tão governada por expectativas restritivas em relação ao papel que devem desempenhar quanto a vida das mulheres. ” (HOLLIS, 2004, p. 15)

O que isso significa? Significa que a vida é dura para todo o mundo. “Segredo número 5: O ferimento é necessário porque os homens precisam abandonar a mãe e transcender o complexo materno. ” (HOLLIS, 2004, p. 15)

O que isso significa? Significa que se você não parar de chorar e não aprender a tomar vergonha na cara a sua vida vai ser muito mais difícil do que precisa ser. Vamos esmiuçar?

O que é fascinante no trabalho de Hollis é a honestidade nua e crua. Hollis escreve como um bom psicólogo. Gentil, atencioso, firme e honesto. Hollis é especialista em meia-idade, em masculinidade e mitologia e religião. Hollis é um grande homem. Hobbes e Rousseau também são. Mas eles são, respectivamente, psicólogo e filósofos. Eles não são ícones duradouros da masculinidade. O Clint Eastwood que é. Fascinante não?

A vida pode ser fascinante, mas, para isso, é preciso se conectar com o seu lado infantil. Como você faz isso? Não dá para saber. Não existe uma fórmula para como se viver. Jung explica que dá para fazer isso por meio de arquétipos. Vamos tentar entender?

Acredita-se que o que Jung quer dizer é: os arquétipos são uma forma que a sociedade construiu de transmitir conhecimento de uma maneira não violenta. O que isso quer dizer? Isso quer dizer que as pessoas conseguem ensinar umas às outras, elas não precisam dos conhecimentos escolares. A escola, por outro lado, é extremamente necessária, mas não porque é preciso saber de química ou física, mas porque é preciso ser forçado a se ferir.

Veja que as palavras usadas foram: precisa ser forçado a se ferir. Perspectiva Hobbesiana, que não é a adotada por este trabalho. A perspectiva é Rousseauiana. O que isso quer dizer?

Isso quer dizer que nenhum dos dois está errado. Mas que nenhum dos dois está certo. Dependerá dos seus valores, da forma como você lida com arquétipos e da sua escolha a perspectiva que você vai adotar. Tente adotar a menos dolorosa. Tente adotar a mais gentil.

Porque tem que adotar a mais gentil? Quem você acha que é mais gentil, com base no que foi exposto até aqui, Hobbes ou Rousseau? Para o autor, está muito claro quem é o gentil nessa história. Porque isso é importante?

Isso é importante porque as coisas são construídas por diversos fatores e de formas indecifráveis. Já ouviu aquela frase que é mais ou menos assim: de pouquinho em pouquinho você chega lá? Então, quem você acha que falaria isso, Hobbes ou Rousseau? O autor responde essa, para deixar claro o lado. Rousseau.

Porque isso é importante? Porque se o ferimento é necessário ele precisa ser o menor possível e precisa ser tratado com o carinho de uma mãe. Da mesma forma, o complexo materno precisa ser superado porque a influência das mulheres na organização psíquica dos homens é enorme. Ninguém pode te influenciar na tomada das suas decisões. É você que tem que tomá-las. Dessa forma, é preciso escolher um lado e assumir as consequências.

Porque partir de Hobbes ou Rousseau? Porque os dois são homens afetados por arquétipos que habitam seus inconscientes, que são constituídos de diversos fatores. *Quê?* Porque partir de Hobbes ou Rousseau? Porque os dois se atreveram a pensar a sociedade e conseguiram ser ouvidos. “Segredo número 8: Para que os homens fiquem curados, precisam ativar dentro de si o que não receberam do exterior.” (HOLLIS, 2004, p. 15)

Os dois foram capazes de se curar dos seus ferimentos e ativaram dentro de si o que não receberam do exterior. Mas este trabalho está preocupado com a estética, não com a psicologia ou a biografia dos dois. Fazer uma análise psicológica ou biográfica dos dois, além de só ocupar páginas com mais devaneios, seria extremamente irresponsável da parte do autor, pois entra num território que ele não sabe onde está se metendo.

Reparou em como os dois escrevem? Ressaltamos isso, em vermelho. Um escreve de uma forma humilde, doce, carinhosa. O outro escreve de uma forma dura, rígida e triste. A partir de Rousseau, a humanidade chegou na ideia de Constituição, que nada mais é do que um contrato social. A partir de Hobbes, a humanidade consegue justificar a violência. Qual você quer ler?

Isso é importante porque a filosofia abre mentes. Ela também destrói todos os seus sentimentos e aniquila a sua cabeça. Filosofe no bar durante cinco anos em todas as sextas possíveis que você vai entender o porquê da paixão pela filosofia. Ela é o melhor *opióide*.

Veja, a paixão e a violência existem. Rousseau partiu de um princípio amoroso. Hobbes partiu de um princípio violento. É só você tentar entender a forma como eles escrevem, quais palavras eles usam. O nome desse exercício é pensar as coisas sob uma perspectiva esteticista. Jung era capaz de fazer isso. Vamos rememorar?

Jung percebeu que a humanidade aprende por meio de arquétipos e mimeses, que Aristóteles descreve na “Tragédia”. Isso significa o seguinte: Aristóteles era capaz de imaginar a sociedade inteira e tudo sobre os homens a partir de representações teatrais estéticas. Se Aristóteles conseguia, outras pessoas deveriam conseguir também. Aristóteles sabia disso e ensinou Alexandre, o Grande.

O professor de Aristóteles foi Platão, que aprendeu com Sócrates, que inventou um método. Não invente métodos. Não tente ser Sócrates. Sócrates foi condenado à morte por ser tido como um indivíduo subversivo. A sociedade não sabe lidar com gente que é inteligente e só quer se divertir. Eles matam essas pessoas. Hobbes entendeu isso e falou de forma dura pois não queria ser morto. Hobbes era inglês. A pena de morte na Inglaterra nunca foi tão levada a sério. Os ingleses são um povo que fascina o autor.

Na França de Rousseau, por outro lado, a pena de morte comeu solta. E, ainda assim, Rousseau optou pelo amor. Quem era o mais medroso? Hobbes ou Rousseau? A resposta pode estar em “Discurso sobre o método”, de Descartes. Que era francês. Terra de Napoleão Bonaparte. Não brinque com os russos, todo mundo sabe disso, vide Cabral (2020).

Porque que todo mundo sabe disso? Porque as pessoas aprendem as coisas sozinhas das formas mais esquisitas possíveis. Eles sabem com quem dá para brincar e com quem não dá. Napoleão e Hitler literalmente foram guerrear com os russos e descobriram o limite deles. Os russos se resolvem sozinhos. É leviano subestimar a inteligência de uma pessoa. Mas, por outro lado, é mais leviano ainda não confiar no seu instinto, é a única coisa que você tem que você pode chamar de sobrenatural de alguma forma. ¹⁹

Jung sabia disso. Era o que ele tentou dizer com arquétipos sendo transmitidos por meio de contos de fadas. Os arquétipos se formam no inconsciente coletivo e são passados para o inconsciente individual e são interpretados pelos receptores de uma forma que é sempre extremamente pessoal. E aí é o caos. Porque as pessoas acham que estão falando a mesma coisa mas não entendem que o que impede a discussão é o ego, vide Tavares (2015). Descartes

¹⁹ O intuito do trecho foi citar grandes figuras, visando mostrar como a masculinidade é ampla e diversa, com o objetivo de ressaltar o fato de um ator ser o homem que é enxergado como duradouro ícone da masculinidade.

entendeu isso e criou um método para lidar com isso. O método de Descartes virou o que hoje se chama de método científico. O nome de Descartes já está em muitas coisas. Plano Cartesiano, a dúvida de Descartes. Mas dava para ele levar esse crédito também.

Enfim, é péssimo ter que usar muitas palavras e divagações para expressar o seu pensamento. O autor ainda é novo. Ainda é corajoso e ainda tem estômago para ir à luta. Os ferimentos dele foram leves e tratados com carinho.

Ninguém sabe o que está fazendo. Você só falha em tudo o que você tenta, fica com muita raiva e aprende. Foi assim com as pessoas que o autor gosta de interpretar. Mas essa é a forma dele de interpretar. E ele está tentando interpretar a masculinidade por meio de uma análise estética ampla da vida e da obra de Clint Eastwood. A preocupação dele é fazer isso de uma forma assertiva, firme, gentil e atenciosa. Uma forma semelhante a de Rousseau.

Este trabalho gasta linhas e mais linhas para tentar explicar o Clint Eastwood. Ele é legal. Mas a meta é virar Cícero. Se você não conhece, conheça. Imagina o que teria acontecido se ele tivesse defendido Jesus e Sócrates? O autor não consegue porque machuca muito ele. E ele adora comparar Jesus com Sócrates. E alguém tem que lutar pelos oprimidos e os homens podem sim ser oprimidos. Enquanto a lógica for de conflito o autor vai defender. Próxima parte.

Figura 09. Clint Eastwood e Sean Penn, 2003.



Fonte: Amazon, 2021. Disponível em: <https://www.amazon.com/Mystic-River-Director-Clint-Eastwood/dp/B01CB8XMLC> . Acesso em: 23/04/2021.

8. FRACASSE

“*Que grande americano é Clint Eastwood*” (Clint Eastwood – Clássico e Implacável, Centro Cultural Banco do Brasil, p. 213, 2011)

8.1. FORD - “*A Perfect World*”

Product Placement.

De acordo com o blog Rock Content, O Product Placement é uma estratégia baseada na introdução natural de marcas, e seus produtos, em conteúdos de entretenimento, como: filmes, séries, jogos, revistas e muito mais, divulgando-os ao mesmo tempo que gera um vínculo de confiança com o seu público.

Vamos lá?

Arquétipos + *product placement* = Clint Eastwood.

A Ford é uma companhia norte-americana automotiva que produz carros. Ela foi fundada por Henry Ford em 1903. A empresa se tornou um exemplo de sucesso norte-americano. Se tornou um exemplo de sucesso pois foi pioneira no ramo automobilístico e conseguiu motorizar os Estados Unidos da América.

Como citado, seu fundador foi Henry Ford, uma figura controversa e complexa. Ford, por exemplo, foi reconhecido como parte importante na luta contra a 1ª Guerra Mundial. Anos depois, se notabilizou pelo seu antissemitismo, algo que, com a 2ª Guerra Mundial em curso, não era enxergado com bons olhos pelo mundo. Problemas pessoais à parte, forneceu a ajuda de seu parque industrial para o seu país como forma de apoio ao combate ao Eixo.

Os carros na cinematografia de Clint Eastwood são parte da história. São parte da história pois Eastwood é tido como um classicista, isto é, um cineasta que segue as tradições do cinema norte-americano. Vejamos as palavras de Cleber Eduardo (Clint Eastwood – Clássico e Implacável, 2011, p. 59), sobre o tema.

Existem determinados atores que os diretores mais atentos, para além de seus estilos, não tentam “conformar” aos personagens dos filmes. Atores dessa linhagem também não podem ser circunscritos a uma marcação de mise en scène²⁰. São eles, os atores, que a provocam, apenas com sua presença. Essa mesma linhagem, mais que de atores, é de personas em performance cênica. Não interpretam. Eles apenas estão, ocupam espaço, nos dão a ouvir suas vozes, seu caminhar, seu mover de olhos, sua constância de estar em cena, não importa em qual filme. Não se trata, porém, de apenas presenças. Mas de imagens com uma personalização.

O trecho citado foi extraído da obra “Clint Eastwood – Clássico e Implacável”, patrocinada pelo Centro Cultural Banco do Brasil como homenagem à mostra sobre o cineasta realizada em 2011. O trecho é excelente em explicar a presença, e a magnitude de tal, Clint Eastwood.

Clint Eastwood há muito deixou de ser um ator ou um diretor. Como está sendo lembrado repetidas vezes neste trabalho, Clint se tornou um duradouro ícone da masculinidade por meio da construção estética de sua vida e de sua carreira. Isso faz com que seus filmes sejam vistos, suas personagens sejam escutadas e seus desejos se realizem.

Vamos ver o que Tatiana Monassa (Clint Eastwood - Clássico e Implacável, 2011, p. 117), tem a dizer sobre Eastwood.

Clint Eastwood talvez seja o último diretor a ainda praticar (com dignidade) uma arte do enunciado no cinema: tratar de temas essenciais, abordar grandes assuntos, se dirigir em suas mais altas aspirações ao conjunto da sociedade visando alguns universais. A arte de colocar sua arte a serviço de alguma coisa maior do que ela: o mundo. E a fazê-lo a partir de uma sensibilidade voltada para os microeventos que tecem a História.

O trecho é brilhante. Focaremos na última parte dele para o que se pretende construir. “E a fazê-lo a partir de uma sensibilidade voltada para os microeventos que tecem a História”. Repare em microeventos e História. Repare que história foi escrita com “H” maiúsculo. Que história é essa? É a história americana.

Vamos pincelar mais o quadro. Ford. O que Clint Eastwood tem a ver com isso? Assista

²⁰ *Mise en scène* é o *design* de palco e o arranjo de atores em cenas para uma produção de teatro ou cinema, tanto nas artes visuais através de *storyboard*, tema visual e cinematografia, quanto na narrativa através da direção. (Wikipedia, 2021)

a “Gran Torino” e perceba com mais clareza, mas, adiantando, Gran Torino é um carro da Ford, a empresa que motorizou os Estados Unidos a partir de Detroit, logo, não é coincidência que o filme se passe em tal cidade. *Ok*. Está na hora de falar sobre “Gran Torino” então? Não. Está na hora de falar sobre os presidentes dos Estados Unidos.

Abraham Lincoln. De acordo com a Wikipédia Brasileira:

Abraham Lincoln foi um político norte-americano que serviu como o 16.º presidente dos Estados Unidos, posto que ocupou de 4 de março de 1861 até seu assassinato em 15 de abril de 1865. Lincoln liderou o país de forma bem-sucedida durante sua maior crise interna, a Guerra Civil Americana, preservando a integridade territorial do país, abolindo a escravidão e fortalecendo o governo nacional. (Wikipédia, 2021)

Pelo menos dois presidentes norte-americanos foram assassinados, são eles: Abraham Lincoln e John Fitzgerald Kennedy, JFK. A Ford possui uma divisão de luxo, que faz carros com mais “pompa”, para gente mais importante. Essa divisão se chama Lincoln. Kennedy morreu em um desses carros. Sim. Kennedy morreu num Lincoln. Clint Eastwood sabe disso e ele quis te ensinar uma lição em “A Perfect World”²¹ (*A Perfect World*. Clint Eastwood. Malpaso. Estados Unidos, 1993. Streaming: HBO GO).

“Um Mundo Perfeito” é um filme dirigido por Clint Eastwood, que conta com Kevin Costner no papel principal, no que talvez seja a sua melhor atuação. Sobre o que se trata esse filme? Vejamos a sinopse fornecida pelo portal Adorocinema. (2021):

Texas, 1963. Butch Haynes (Kevin Costner), um presidiário, foge da prisão, sendo perseguido por Red Garnett (Clint Eastwood), um policial implacável. Ao entrar na casa de uma família leva consigo Phillip Perry (T.J. Lowther), um garoto de sete anos, como refém. Mas contrariando suas expectativas eles se tornam amigos, sendo que este relacionamento transforma a vida do menino. (Adorocinema, 2021)

Vamos a alguns detalhes importantes sobre o filme. Alerta de *spoiler*.²² Texas, 1963, mais precisamente, Dallas. De forma totalmente proposital, o filme se passa no lugar e na época que Kennedy morreu. São os microeventos que compõem a história. A história, nas palavras

²¹ “Um Mundo Perfeito”.

²² Gíria americana que deriva do verbo *spoil*, que significa derramar, derrubar. O sentido da gíria é algo próximo a estragar uma surpresa.

do autor, segundo uma perspectiva psicológica, se resume a duas coisas: Síndrome de Estocolmo e problemas de abandono.

Síndrome de Estocolmo pois Butch sequestra o jovem Philip e desenvolve com ele uma relação que a psicologia descreveria como a síndrome da capital sueca. Problemas de abandono pois tanto Butch quanto Philip foram abandonados pelos pais e não sabem lidar direito com tal fato. O que não impede que eles tenham algum tipo de moral.

Veja, Butch é um ladrão. Mas Butch só rouba carros da Ford. Ele deixa isso bem claro ao longo do filme. Em um determinado trecho, Philip pergunta: “Butch, por que nós só roubamos Ford?” Ao que Butch responde: “Meu pai só dirigia Ford.” Os dois personagens mais éticos do filme são: Butch e Red (Clint Eastwood).

A forma como Eastwood usa dos produtos para adicionar valor moral para os microeventos da sua história para que elas consigam compor com a História americana é simplesmente brilhante. O que isso significa? Significa que Clint Eastwood quis dizer que a Ford está no coração do norte-americano.

Está no coração do norte-americano pois é uma empresa nacional, que literalmente desenvolveu um modelo de produção, o Fordismo, que revolucionou todo o mundo. E Eastwood, como um classicista, prestará eternas reverências à marca. E ele sabe muito bem como usar simbolismos.

A Ford fornecia o carro do presidente norte-americano em 1963 por meio da Lincoln. Esse presidente foi assassinado, a inocência, o sonho, a esperança, de boa parte dos americanos, se foi junto com ele. Por isso, Butch só rouba carros da Ford. Pois a sua inocência, o seu sonho, a sua esperança também foi roubada. Mas foi roubada durante toda a sua vida, visto que seu pai, que o abandonou, era um bêbado e um errante e sua mãe era uma prostituta. A vida de Butch foi dura, assim como a de diversos americanos, mas ele tem princípios. Assim como todos nós. E seu pai só dirigia Ford.

Além disso, o filme ainda carrega um simbolismo metalinguístico forte. Eastwood em 1993 dirigindo Kevin Costner era algo enxergado como uma passagem de bastão. Costner havia ganhado, em 1990, o Oscar de melhor diretor e melhor filme por “*Dance with the*

wolves”. Eastwood ganharia os mesmos prêmios em 1993 com “*Unforgiven*”. Os dois eram, àquele tempo, ícones da masculinidade do cinema norte-americano. Eastwood, por ser mais velho e mais experiente, se propôs a passar o bastão para Costner. Que o pegou e lidou muito bem com isso. O problema é que, pouco tempo depois, Costner gastou uma fortuna em um filme que se tornou um fracasso de crítica e bilheteria e a transição não se concretizou.

É isso que Eastwood nos ensina por meio de seus filmes. Ensina que a vida é dura, que os microeventos compõem a História, e que é preciso lutar, com princípios, para se ter uma boa vida. Passemos à próxima parte.

Figura 12. Clint Eastwood e Kevin Costner, 1993.



Fonte: Amazon, 2021. Disponível em: <https://www.amazon.com/Eastwood-Costner-Perfect-Promotional-Photograph/dp/B07JDVPHRY> . Acesso em: 23/04/2021

8.2. MORTE - “Gran Torino”

A questão da vida e da morte na cinematografia de Eastwood é latente. É latente tanto pelo lado simbólico quanto pelo lado real, natural e factual. Seja discutindo eutanásia, como em “*Million Dolar Baby*”, seja executando inimigos, como em “*Unforgiven*”, ou seja se sacrificando, como em “*Gran Torino*” (*Gran Torino*. Clint Eastwood. Malpaso. Estados Unidos, 2008. Streaming: Amazon Prime Video). Passemos à discussão sobre um dos filmes mais importantes do diretor.

Antes de qualquer outra coisa, é importante ressaltar que Eastwood é um duradouro ícone da masculinidade. Exatamente por exercer tal papel e cumprir tal função há muito tempo, o diretor/ator/produtor não precisa mais se expor e aparecer em cena para fazer um filme. Quatro dos filmes mais recentes de Eastwood, quais sejam: “*Sniper Americano*” (2014), “*15H17 Trem Para Paris*” (2018), “*O Caso Richard Jewel*” (2019) e “*Sully – o Herói do rio Hudson*” (2016), não contam com sua participação em cena. O contraponto a isto é: o autor está contando histórias de heróis norte-americanos e não quer ter sua imagem associada a eles. Vamos ponto a ponto, um a um.

“*Sniper Americano*” tem, de acordo com o portal Adorocinema, a seguinte sinopse: Adaptado do livro “*American Sniper: The Autobiography of the Most Lethal Sniper in U.S. Military History*”, *Sniper Americano* conta a história real de Chris Kyle (Bradley Cooper), atirador de elite das forças especiais da marinha americana. Durante cerca de dez anos ele matou mais de 150 pessoas, tendo recebido diversas condecorações por sua atuação na Guerra do Iraque.” (ADOROCINEMA, 2021)

“*15H17 Trem Para Paris*” tem, de acordo com o portal Adorocinema, a seguinte sinopse: “Quando um terrorista invade o trem nº 9364 da Thalys a caminho de Paris, três amigos norte-americanos - Anthony Sadler, Alex Skarlatos e o piloto da Força Aérea Spencer Stone - se esforçam para imobilizar o extremista, armado com um fuzil AK-47, e evitar uma enorme tragédia.” (ADOROCINEMA, 2021)

“*O Caso Richard Jewel*” tem, de acordo com o portal Adorocinema, a seguinte sinopse: “A história real de Richard Jewell (Paul Walter Hauser), segurança que se tornou um dos principais suspeitos de bombardear as Olimpíadas de Atlanta, no ano de 1996. Na realidade,

ele foi o responsável por ajudar inocentes a fugirem do local e avisar da existência de um dos explosivos.” (ADOROCINEMA, 2021)

Por fim, “Sully – O Herói do Rio Hudson” tem, de acordo com o portal Adorocinema, a seguinte sinopse: “15 de janeiro de 2009. Logo após decolar do aeroporto de LaGuardia, em Nova York, uma revoada de pássaros atinge as turbinas do avião pilotado por Chesley "Sully" Sullenberger (Tom Hanks). Com o avião seriamente danificado, Sully não vê outra alternativa senão fazer um pouso forçado em pleno rio Hudson. A iniciativa é bem sucedida, com todos os 150 passageiros a bordo sendo salvos. Tal situação logo transforma Sully em um grande herói nacional, o que não o isenta de enfrentar um rigoroso julgamento interno coordenado pela agência de regulação aérea nos Estados Unidos.” (ADOROCINEMA, 2021)

Aos apontamentos. Tanto Chris Kyle quanto Richard Jewel já faleceram. Sully está vivo. Todos os protagonistas de “15H17 Trem Para Paris” interpretam a si mesmo nos filmes, visto que ainda são jovens e que Eastwood identificou carisma neles. O que isso significa? Isso significa que Eastwood não quer mais se associar ao papel de herói.

Mas por que não? Porque Eastwood já é um senhor de mais de 90 anos de idade que continua produzindo filmes e não deseja mais ter mais um trabalho. Ok, então ele não atua mais? Pois é, essa é a questão.

Um dos filmes mais recentes de Eastwood se chama “A Mula” (2018) e conta com o diretor no papel principal. É a primeira atuação de Eastwood, em um filme que dirige, desde “*Gran Torino*”. Muitos achavam que o filme cujo o nome é o veículo da Ford seria o seu último como ator, incluindo o próprio Eastwood. Mas, como panela velha é a que faz comida boa, Eastwood mudou de ideia e decidiu voltar a atuar. “A Mula” é o seu retorno. “*Cry Macho*”, seu próximo filme, a sair ainda em 2021, é o passo seguinte. Conte com uma trilogia.

Veja, Eastwood já conseguiu com sua carreira se estabelecer como um herói no imaginário norte-americano. Ele não precisa interpretar Sully, Tom Hanks pode interpretá-lo tão bem quanto. Bradley Cooper, que é treinado para ser o pupilo de Eastwood, pode ser Chris Kyle, papel que Clint pegaria tranquilamente em outros tempos. Está na hora de passar o bastão, mas Eastwood ainda quer provocar.

Em “A Mula”, Eastwood interpreta um senhor idoso que vira uma mula para um cartel de tráfico de drogas. O personagem faz isso por dinheiro, para se reaproximar de sua família (pauta constante nos personagens de Eastwood) e para ajudar amigos próximos. Nenhum de seus planos é realizado da forma que se esperava. Mas, ainda assim, ele conquista o que quer, visto que, ao ser preso, recebe o apoio de sua família, que finalmente entende o seu sacrifício. Essa é a palavra mágica desta parte: sacrifício.

Vamos de palavras de especialistas agora. Sergio Alpendre (Clint Eastwood – Clássico e Implacável, Centro Cultural Banco do Brasil, 2011 p. 48).

As aproximações e distanciamentos do estilo carrancudo e solitário com o qual ficou mais famoso, como vimos, foram muitas, e culminam num personagem que contém mais aproximações do que distanciamentos (embora os tenha também): o Walt Kowalski de Gran Torino (2008). Vemos um homem machão, preconceituoso e arredio (sobretudo no início do filme, quando acaba de ficar viúvo), que vai se revelando extremamente sensível e disposto a superar os próprios preconceitos; e que vê com tristeza sua geração sendo ultrapassada e subjugada por uma outra, de jovens mal-educados (o desprezo com que olha para os netos na igreja é impagável) e arruaceiros violentos (a gangue que aterroriza os vizinhos Hmong). É um personagem que carrega anos de vivência nas costas, mas está doente, em seus últimos dias de vida. Serve-se da proximidade da morte para realizar um grande feito, um dos maiores do panteão de personagens eastwoodianos: salvar uma família da ameaça constante da violência. Se, para o crítico francês Bernard Benoliel, Kowalski é mesmo uma versão envelhecida de Dirty Harry, que insiste em apontar sua Magnum imaginária para os indesejáveis, para Richard Schickel (crítico, jornalista e biógrafo de Eastwood), Kowalski é uma inspiração para pessoas de sua idade.

O trecho fala por si só. A metalinguagem com Clint Eastwood é a linguem em si. Qualquer filme de Eastwood é, antes de qualquer outra coisa, um filme de Clint Eastwood. Independentemente de qualquer outra pessoa que esteja vinculada ao filme, é extremamente provável que Eastwood seja o nome mais conhecido. E, atualmente, Clint enfrenta o dilema da velhice, o dilema da morte, o dilema do fim do sonho norte-americano. Voltemos a Alpendre (Clint Eastwood – Clássico e Implacável, Centro Cultural Banco do Brasil, 2011, p. 49).

O sonho americano”, diz Schickel, “está composto de muitos sonhos, dos quais o último, maior e mais difícil de se realizar é o de viver a velhice sendo útil.” Kowalski, esse providencial veterano de guerra, possibilitou à família Hmong uma vida digna e longe de problemas, uma vida em paz. Foi, conforme apontou Schickel, inspirador. Seria o último personagem interpretado por Eastwood, como ele próprio sinalizou? É bem possível que sim, e seria coerente com sua trajetória.

Pois é, está tudo aí. Era para ser o último personagem. Era para ser a última história. Mas Eastwood decidiu liderar por exemplo, decidiu dar a cara à tapa e decidiu atuar. Decidiu se expor de novo e lidar com sua própria velhice, com sua própria finitude, com sua própria morte em cena. Um gênio nunca revela todos os seus truques. Vamos à simbologia do veículo Gran Torino no filme de mesmo nome.

Reis (2018, p. 138) explica.

Seu ritual de iniciação será roubar o Gran Torino 1972 do vizinho, Walt Kowalski. Como mostrado anteriormente, Thao estava insatisfeito em ser diminuído pela família: sua avó não acredita que ele, algum dia, se tornaria um chefe para a casa. Esse descontentamento explica a esperança que ele deposita na gangue: aquela seria uma oportunidade para que esse pudesse ganhar o respeito das outras pessoas, pelo caminho da criminalidade.

Alguns pontos antes de deixar Reis dançar livremente por este trabalho. Walt é um veterano da Guerra das Coreias e é atormentado por crimes de guerra. Walt ganhou seu Gran Torino 1972, alvo de desejo de todos os que o cercam, após trabalhar por 50 anos na Ford. Os filhos de Walt dirigem Toyota, algo que o irrita. A família que vive em seu bairro na cidade de Detroit, cidade natal da Ford, é uma família que vem do Vietnã e do Laos. Reis, você quer dançar?

Reis (2018, p. 138 - 139).

Entretanto, os planos do adolescente são malogrados quando, no dia da tentativa de assalto, Walt o pega em flagrante tentando arrombar o Gran Torino. Thao fica diante da mira do rifle de Walt; por isso, foge e decide não se envolver com a gangue novamente.

Em diversos momentos, Thao será comparado com uma menina, uma mulher, um homossexual ou um homem desmerecedor de respeito e confiança. Esse tratamento que tenta diminuí-lo é justificado pelo seu corpo franzino, pelo seu jeito manso, pela sua subserviência à irmã, pelo seu comportamento não-agressivo em relação às gangues e pela sua dedicação a trabalhos tidos como femininos, como lavar pratos ou cuidar do jardim. Compará-lo a uma mulher ou um homossexual para desvalorizá-lo só é possível dentro de uma ordem em que o homem heterossexual ocupa um lugar no topo de uma hierarquia.

As palavras e a discussão começam a se encerrar. Reis se prepara para levar todos os leitores ao *ecstasy* do tango, que é como o autor deste trabalho gosta de se referir a seu próprio estilo de escrita. Mas tango também pode ter beijo na boca.

E Reis é um sedutor. Reis (2018, p. 139):

A dominação dos homens sobre as mulheres e a homofobia são justificadas a partir de um duplo “paradigma naturalista”, que naturaliza a superioridade masculina em relação às mulheres a partir da definição de “fronteiras rígidas e intransponíveis entre os gêneros masculino e feminino” e que considera como “normal” e “natural” apenas as relações sexuais entre homens e mulheres, compreendendo as outras sexualidades como “diferentes”

Reis (2018, p. 142):

Depois das lições ensinadas por Martin e Walt, Thao ri e diz que não tem carro nem emprego nem namorada: nesse momento, a câmera está localizada atrás dos dois homens mais velhos, como se o espectador também estivesse ouvindo do ponto de vista dos “professores”. Walt arranja-lhe uma solução: “Agora quero que vá até lá fora e depois volte, mas não diga que não tem emprego, que não tem carro, nem namorada, nem futuro, nem pau.

Reis (2018, p. 143):

A partir desse momento, Walt ajudará Thao a conquistar os três elementos que ele considera serem imprescindíveis para um homem: um emprego, uma namorada e um carro. Depois de conseguir o emprego na construção, Walt se dedicará a aproximar Thao de uma menina hmong que ele conheceu na casa dos Lor, Youa. Walt sabia que Thao estava interessado em Youa, mas a falta de atitude do menino deixava Walt furioso: você é “pior com mulher do que roubando carros”. Porém, dias depois, empregado e com dinheiro, Thao teve coragem para convidá-la para sair. Walt, então, empresta o Gran Torino para o encontro do jovem casal.

Reis (2018, p. 143-144):

Durante todo o filme, o Gran Torino é central na relação entre os personagens masculinos do filme. Todo o amor de Walt é dedicado ao carro que ele mesmo ajudou a montar quando ele ainda trabalhava numa fábrica da Ford. Os membros da gangue hmong cobiçam o carro de Walt e querem roubá-lo daquela garagem. Enquanto que, para Thao, o carro é um símbolo de status, poder, masculinidade. Os enquadramentos de câmera conduzem o espectador a uma apreciação voyeurística do automóvel, em closes e planos abertos.

Em suma: o Gran Torino é o símbolo da virilidade e Walt é o guardião da masculinidade, mesmo que idoso. Vamos falar de heróis de verdade agora? Precisamos de um ar feminino. Precisamos de uma troca. Está na hora de falar de “Changeling”²³ (Changeling.

²³ “A Troca”

Clint Eastwood. Malpaso. Estados Unidos, 2008. Streaming: Amazon Prime Video). “Segredo número 3: O poder do feminino é imenso na organização psíquica dos homens.” (HOLLIS, 2004, p. 15).

Figura 13. Walt e Thao, 2008.



Fonte: SAPO Mag, 2021. Disponível em: <https://mag.sapo.pt/cinema/atualidade-cinema/artigos/parceiro-de-clint-eastwood-em-gran-torino-acusa-filme-de-popularizar-o-racismo-contra-asiaticos> . Acesso em: 23/04/2021

8.3 VIDA - “Changeling”

Se o poder feminino é imenso na organização psíquica dos homens, um duradouro ícone da masculinidade saberia lidar com isso. E ele sabe. E ele fez isso na nossa frente com o filme em comento. Angelina Jolie foi escolhida para o papel principal pois tinha a cara dos anos 20 (Wikipedia, 2021). Angelina Jolie foi indicada ao Oscar por tal papel. Clint já dirigiu diversos atores indicados ao Oscar, vários deles venceram.

Vamos focar na parte dos carros e na parte publicitária primeiramente. *Product Placement*, arquétipos, inconsciente coletivo. Tudo isso ainda vale e está de pé. Mas aqui, o termo correto é outro. O termo correto é: passagem de tempo.

Pense, caríssimo leitor, como você, sendo um cineasta de sucesso, retrataria a passagem do tempo nos anos 20? Você usaria *title cards*²⁴ para retratar os anos? Você usaria de carros de determinada marca, Ford, sempre a Ford, para situar a passagem de tempo por meio de tais veículos? Ou você faria o filme inteiro em um dia só?

Bom, você pode fazer o que você quiser, já que Clint Eastwood já usou todas essas formas. Em “Changeling” ou “A Troca” (2009), os *title cards* marcam a passagem do tempo e os veículos da Ford simbolizam a evolução desse mesmo tempo e a evolução da sociedade norte-americana. Os veículos em questão são os iniciais da Ford, Ford T e Ford A (*Backhouse et al*, 2012).

Mas a graça do filme não está nos carros. A graça dos filmes está no sofrimento da personagem principal. Veja, não é que seja engraçado ver uma mãe perder seu filho, receber outra criança em troca, ser torturada em um manicômio, comer o pão que o diabo amassou nas mãos da polícia de Los Angeles e só ser levada a sério por um pastor. Isso não é engraçado. Mas é interessantíssimo de se ver.

A atuação de Jolie é impecável e Eastwood cria seu mais valente herói em Christine. Vamos às palavras de especialistas. Stephane Bouquet (Clint Eastwood – Clássico e Implacável, 2011, p. 79):

²⁴ Método cinematográfico que consiste em precisar a data em que se passa um produto audiovisual por meio da exposição concreta do tempo em questão

À persona eastwoodiana é preciso, pois, acrescentar esta outra característica: uma capacidade de se metamorfosear no próprio país. Eastwood não cessa de se inflar na medida do tamanho da América, tudo o que lhe acontece, acontece também à América. Clint não é mais um homem, não apenas, mas uma terra e um ícone quase religioso.

Para fins de honestidade, é preciso ressaltar que a autora do trecho supracitado escreve sobre a persona Eastwoodiana interpretada por Clint Eastwood. Todavia, o mesmo raciocínio pode ser aplicado aos personagens de seus filmes que não são interpretados pelo nosso duradouro ícone da masculinidade. E Christine é a mais corajosa de tais personas. É a mais corajosa pois ela luta sozinha contra um sistema opressor. Repare em algumas partes do trecho de Bouquet, “tudo o que lhe acontece, acontece também à América. Clint não é mais um homem, não apenas, mas uma terra e um ícone quase religioso”.

Tudo que lhe acontece, acontece também à América. Um ícone quase religioso. Clint se tornou um herói no imaginário coletivo do estadunidense e sabe como criar um. Fez isso com Christine. A jornada do herói é um termo que existe para se criar grandes histórias, mas a história em si já fornece esses exemplos. Pense em Sócrates.

Tido como indivíduo subversivo por fazer perguntas demais e não “aceitar” o sistema vigente foi condenado a beber cicuta e falecer. É daí que vem a expressão o canto do cisne. Christine é Sócrates com um final feliz. Afinal, o cinema é sobre construir heróis, e não destruí-los. Aprendemos essa lição com “*Gran Torino*”, o último sacrifício é o mais heroico dos atos.

Mas veja, Christine luta, Christine sofre, Christine aguenta sozinho o peso do mundo. Christine recebe apoio da igreja, Christine recebe apoio do povo, Christine enfrenta seu algoz. Christine vê seu algoz morrer, Christine consegue sorrir depois do que passou, Christine continua lutando pois ainda tem esperança. A luta de uma mãe em busca de seu filho perdido só termina quando a vida, de um dos dois, acaba. Enquanto essa certeza não existir, a mãe não vai deixar de lutar. E isso é lindo.

“*Changelling*” ou “A Troca” (2009) é um dos únicos filmes de Eastwood a contar como uma personagem feminina no papel principal. É extremamente interessante ver como um duradouro ícone da masculinidade lida com o feminino. E ele lida com respeito. Ele a leva

ao patamar de herói e eterniza uma história, eterniza uma luta, eterniza um princípio. Qual é o princípio? Lute pela sua vida como uma mãe que luta pelo seu filho.

Para finalizar, Luiz Carlos Oliveira Jr (Clint Eastwood – Clássico e Implacável, Centro Cultural Banco do Brasil, 2011, p. 99) arremata o estilo de Clint.

Clint Eastwood, na melhor tradição do cinema americano (talvez devêssemos dizer: do cinema republicano), filma a ação e o conflito. Ele chega direto ao ponto, não disfarça as questões essenciais dos filmes em pegadinhas de roteiro ou construções rebuscadas. Sua mise en scène segue a frontalidade e a retidão dos grandes homens de ação da história de Hollywood (Hawks, Dwan, Walsh, Huston, Siegel). Clint faz um cinema calcado no confronto dramático e na ação física, com um conflito moral como ponto culminante.

Estamos prontos para concluir qualquer coisa.

Figura 14. Clint e Angelina Jolie, 2008



Fonte: Casal Jolie-Pitt, 2021. Disponível em: <http://casaljolie-pitt.blogspot.com/2008/10/> . Acesso em: 23/04/2021.

9. CONCLUSÃO

“Ele não é um ponto de exclamação, ele é um ponto de interrogação.” (Clint Eastwood – Clássico e Implacável, Centro Cultural Banco do Brasil, p. 213, 2011)

A proposta do trabalho era proporcionar uma análise estética ampla sobre a masculinidade partindo dos filmes de Clint Eastwood. Três filmes foram alvos de análises mais minuciosas. Vamos retornar aos objetivos e ver se o trabalho correspondeu às expectativas? Vamos.

O objetivo geral era: traçar um panorama da construção de uma figura masculina aceita socialmente por meio da análise da vida e da obra de Clint Eastwood, ao passo que os específicos eram os seguintes: a. Investigar a construção estética da masculinidade; b. Observar e examinar trabalhos específicos de Clint Eastwood; c. Estabelecer ligações entre variados campos das ciências humanas para se chegar a um resultado amplo sobre os objetivos supracitados.

Quanto ao objetivo geral, é preciso ressaltar que a vida de Eastwood não foi tão analisada assim por este trabalho. A razão para tal é simples: não houve necessidade. Não houve necessidade, pois a própria filmografia de Eastwood já indica muito de sua persona, visto que Clint não escreve roteiros, mas os seleciona e os filma. Ao mesmo tempo, cabe informar que Clint tem uma produtora, a “Malpaso”, que é quem produz seus filmes. Ou seja, Clint é autossuficiente. Logo, não há razão para entrar em minúcias de sua vida privada, que é extremamente reservada.

Quanto aos específicos, acredita-se que a construção estética da masculinidade foi muito investigada. A recepção dos trabalhos de Eastwood não se tornou necessária. E, definitivamente, diversos campos das ciências humanas foram ligados para se chegar a um resultado amplo. Vamos ao tal resultado amplo? Vamos sim.

Mas antes, algumas coisas precisam ser ditas. A primeira delas é: em nenhum momento do presente trabalho se propôs definir o que é a masculinidade. Não se propôs, pois ela é fluída, assim como todos os outros gêneros sexuais. Isso ocorre pois, como, explicado por Jung, a humanidade usa de construções arquetípicas para associar determinadas características a determinado gênero sexual. Logo, os gêneros não existem por si só perante ao social, podem existir perante à genética e à biologia, mas perante à sociedade não.

A estrutura do que foi feito no presente estudo é mais bem definida no Epílogo. Entretanto, é preciso salientar que o intuito do trabalho era algo próximo ao seguinte: já que o autor é um homem, heterossexual, cisgênero, ele possui lugar de fala para se comunicar com o mesmo público sobre masculinidade. Sabendo disso, a proposta foi fazer um trabalho leve, descontraído, mas que carregue respaldo científico na medida do necessário.

Por isso a escolha por Clint Eastwood. Uma figura reconhecida como macho alfa. De fato, Clint Eastwood é um duradouro ícone da masculinidade. Mas isso não ocorreu por que ele fez muito sexo, por que ele menosprezou mulheres, por que ele agrediu outras pessoas ou por qualquer outro comportamento que se pode associar ao que se chama de masculinidade tóxica. Não. Longe disso. Ele se tornou um duradouro ícone da masculinidade por um motivo bem simples: ele é um homem de princípios muito bem definidos e tenta segui-los na medida do possível.

Isso, pode ser aplicado por qualquer pessoa independente de raça, idade ou gênero. Quais são os valores de Clint Eastwood? São os valores americanos. São os valores do *american dream*²⁵, são os valores, sim, dos Republicanos, mas que, ao fim do dia, são valores que compõem a humanidade. E os Republicanos e os Democratas convivem com relativa harmonia no sistema político estadunidense. Ou não? Cremos que sim.

Só que Clint se tornou um duradouro ícone da masculinidade pela forma como sua trajetória cinematográfica se desenvolveu. Do intérprete de *cowboys* solitários, que mal falavam, passando para um policial fascista, Clint se tornou um diretor classicista que faz filmes que questionam todos os valores morais possíveis. E faz isso de forma bem direta. Clint não tem um estilo bem definido como Quentin Tarantino, Wes Anderson ou até mesmo Martin Scorsese. O estilo de Clint é o estilo clássico. Talvez por isso, Clint seja o melhor de todos, mas essa é a opinião do autor.

Mas veja, Clint não está interessado em criar a roda, inovar a roda, fazer automóveis ou fazer aviões. Ele está interessado em admirar e estudar a roda. Ele quer ver o quanto a roda aguenta. Ele quer ver se dá para fazer uma roda de plástico, se dá para fazer uma roda de titânio, se dá para fazer uma roda biodegradável. Ele não vai fazer nenhuma roda. Ele só quer testar. Por isso a genialidade e o reconhecimento mais que merecido. Clint, antes de mais nada, é um

²⁵ Sonho americano

estudioso.

Só que veja, Clint é discípulo de Leone. Leone é discípulo do cinema norte-americano. Não vamos contar a história do *western-spaghetti* pois ela não vem ao caso. Mas é importante salientar que Sergio Leone é um mestre do cinema. E que ele é italiano. E isso significa o seguinte, caros leitores: Leone estudou tudo de cinema norte-americano e ajudou a fundar o neorealismo italiano e a expandir as fronteiras do cinema europeu. Leone definitivamente entende de cinema.

Clint aprendeu com ele. O sucesso de Clint veio com filmes italianos. Clint tem o cinema europeu tatuado na alma de seu coração norte-americano. Clint também entende muito de cinema, ele só não é espalhafatoso. Não é, pois grandes homens não são muito espalhafatosos. Veja, isso se refere as personas públicas de tais figuras, não ao seu estilo estético. Tarantino tem um estilo espalhafatoso mas é um sujeito reservado, e o mesmo vale para Wes e Martin.

A grande conclusão é: grandes pessoas existem e é possível se tornar uma delas. Estude a que mais lhe convier da forma mais divertida possível. Você irá aprender muito na sua jornada, então é bom que você consiga se divertir um pouquinho durante o trajeto.

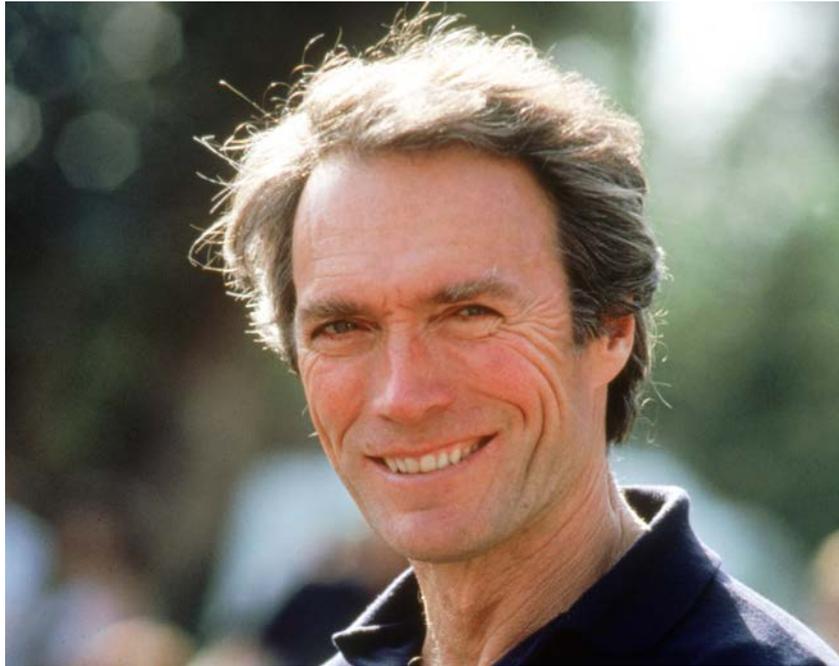
Respondendo ao título agora.

Clint Eastwood: O macho nalfa?

Resposta.

Clint Eastwood: inacreditável.

Figura 15. Clint Eastwood sorrindo.



Fonte: Warner Bros, 2021. Disponível em:

<https://www.warnerbros.com/news/articles/2020/05/31/happy-birthday-clint-eastwood>.

Acesso em: 23/04/2021

10. EPÍLOGO

“Hoje tem gol do Gabigol.”

Qualquer flamenguista entre 2019 e ∞

O autor nunca viu um trabalho de conclusão de curso ou monografia, o nome pode variar, conter um epílogo. O autor não viu tantos trabalhos de conclusão de curso assim, ainda. Mas o autor gosta das seguintes coisas: *Rock'n'roll* e filmes. Ele também gosta de futebol e de Pokémon, mas ele não quer mexer com isso. Ele ama as pessoas, ama mais as mulheres. Retomaremos a primeira pessoa.

E aí? Rafael está de volta! Eu não gosto de me referir a mim mesmo em terceira pessoa. O Pelé faz isso e eu não sou o Pelé, nem sou Pelé de nada. Mas o Pelé é um gênio e eu sou indomável. Existe um filme chamado *Gênio Indomável* que eu vi várias vezes na minha vida. Quando eu tentei provar para o meu melhor amigo Matheus Lima que eu era um gênio, ele falou que eu tinha *Uma Mente Brilhante*. Eu não sei se você viu *Uma Mente Brilhante*, isso é um filme, e tem Russell Crowe no papel principal e Ridley Scott na direção.

O Matheus quer ser um cineasta. Eu quero ver o caos. Arrumei um financiador para um filme que eu quero escrever. Eu gostaria que o Matheus dirigisse. Fica aqui, publicamente, o convite. Mas ele vai ter que provar que o plano dele vai dar certo, pois, se não der, eu terei sérios problemas, já que eu confio nele.

Enfim, confiança né. Não tire nenhuma lição deste trabalho por favor. Eu não me esforcei o quanto eu deveria. Meus planos para o futuro não envolvem trabalhar com comunicação, então eu fiz o trabalho da forma que era possível dadas as condições. O que não significa que eu não tenha me esforçado. Vamos falar sobre futebol um pouco?

Romário. Campeão do Mundo em 94. Volta atrás. Eliminatórias. Romário não era convocado. Romário é marrento. O Brasil está em apuros e periga ficar fora da Copa de 94. O que pessoas espertas fazem? Elas cedem. Parreira convoca Romário. O Romário faz dois gols contra o Uruguai e leva o Brasil para a Copa e para o título. O Romário perde gol na final e ainda assim o Brasil ganha o título. Eu passei a vida inteira estudando sobre futebol e me

preparando para ser jornalista esportivo e eu desisti de todos esses planos. O Brasil não pode ser refém de salvadores da pátria.

Mas, veja, eles existem. O Ronaldo quebrou o joelho. Acharam que ele não ia voltar a andar. Ele voltou. Fez dois gols na final da Copa de 2002, contra a Alemanha, e o Brasil ganhou a Copa. Eu vi o que aconteceu em Brasília no mesmo dia. Foi o caos. Eu tinha cinco anos. Como alguém não gosta de futebol? Você sabe o que é penta? É arrebenta Brasil. O Brasil precisa de gente como Nelson Rodrigues e Darcy Ribeiro. Não é o nome do campus? Chega de ser vira-lata.

Eu não vou quebrar a minha inocência e tentar destruir o futebol. O futebol é valioso demais para mim para eu analisá-lo. O que eu aprendi com essa história toda?

Eu aprendi a trabalhar duro e a valorizar o dia a dia. Todas as alegrias que o futebol pode me permitir eu vivi em 2019 com o Flamengo. Mas nem isso foi completo, porque o Liverpool empatou a disputa. Eu quero viver para ver o desempate. Por isso, eu agradeço ao Gabigol e ao Gerson.

O Romário dizia que não gostava de treinar. Mas isso não significa que ele não treinava. Ele treinava. Só que ele não precisava treinar tanto quanto os outros, pois ele era melhor que os outros. O Romário jogou no Flamengo. O Ronaldo não. O Romário tem uma estátua no Vasco, o maior rival do Flamengo. O Ronaldo roubou dinheiro público na Copa de 2014, segundo o Vampeta. O Vampeta é legal, mas fala demais. O Romário é um grande homem. Os outros dois eu realmente não sei dizer.

O Romário é um grande homem pois ele está tentando salvar o futebol. Ele é senador. Ele se elegeu. Ele fez a CPI do Futebol. Ele quer destruir a CBF. Ele quer destruir a CBF pois o Romário trabalha para o Brasil. E é isso que os salvadores da pátria fazem. Eles se entregam para uma causa maior. E o Brasil é a nossa causa.

Eu não sei qual é a minha causa. Mas eu tenho um palpite. Eu vou arriscar. Meu avô decidiu um *impeachment* e foi esse mesmo avô que me passou o gene da calvície. O que será que eu posso fazer? Não sei. E isso me irrita. Eu quero resolver esse problema. E o meu avô já

me fez chorar. E até agora eu não entendi porquê eu chorei aquele dia. E isso é uma mentira. E eu entendi.

O meu avô era espetacular. Ministro do STJ. Impichou o Collor. Brinca vai. Brinca. Tenta a sorte para você ver se o Brasil não vai lutar. O Brasil vai para a guerra. Com sabedoria. A maior guerra que o exército brasileiro já teve foi um massacre. Foi a Guerra do Paraguai. Dom Pedro II fez questão de pedir a cabeça de Solano Lopez. Exagerou. Os militares se uniram. E agora nós vivemos numa república. Vamos buscar a vitaliciedade desta república aqui?

Vamos. Eu não quero omitir trechos da história para provar um ponto.

Eu não vou dizer o que eu vou tentar fazer. Se você me conhece, está bem claro. Eu não sei se eu vou conseguir, porque é difícil. Mas é melhor para mim. Eu preciso falar menos e tomar decisões importantes. Fica a dica aí.

Eu quero me tornar um duradouro ícone da masculinidade. Eu quero ocupar o inconsciente coletivo. Foi isso que eu tentei fazer com este TCC. Era a hora de dar show. Não sei se foi um bom show, mas eu espero que tenha sido.

A minha ideia foi: eu vou improvisar. Eu nunca fiz um TCC antes, eu não sei o que fazer. Eu parti do seguinte princípio: eu vou precisar de ajuda. E pronto. As coisas começaram a acontecer.

Matheus me ajudou com o tema. Barbara me lembrou que eu me interessava por masculinidade tóxica. Eu liguei os pontos. A Beck me apoiou.

Só o Wagner era capaz de me orientar.

Eu precisava trazer ele para o meu lado.

Então, eu peguei o livro que ele me obrigou a ler e usei como base para construir o que eu queria falar. Mas ele mandou eu falar de publicidade. Aí o negócio ficou feio. Eu pedi respaldo. Ele pediu um calendário. Os dois cumpriram a sua parte? Provavelmente.

Só que o Wagner é um excelente professor. Ele te ensina o que você quiser saber. E ele já sabe que ele é incrível. Então, quando ele sacou que eu não queria fazer publicidade, ele decidiu destruir a minha cabeça. E ele conseguiu.

Mas não consegui destruir a minha masculinidade. Eu que destruo ela porque ela é minha. E eu aprendi a brincar com a cabeça das pessoas com ele.

Só que ele é honesto e eu também sou.

O que eu tentei fazer com o trabalho, aí falando em Rafaelístico, foi: misturar a linguagem do cinema com a linguagem textual e vender isso para o leitor. Publicitários vendem coisas não?

Não sei. Não vou mexer com isso.

Eu mudei para a publicidade por alguns motivos. Primeiro, eu vi que o jornalismo era muito chato. Segundo, as pessoas não achavam que eu era de jornal, achavam que eu era de publicidade. Eu acho que elas achavam isso só porque eu sou *playboy*. E não tem problema. Eu sou mesmo. *Playboy*. Não publicitário.

Não sou porque eu não quero vender nada para ninguém. Mas se alguém quiser comprar, eu vendo. Eu não quero criar a oferta, eu quero suprir a demanda. São coisas diferentes. E eu quero ter dinheiro. E a publicidade não me dará o dinheiro que eu pretendo ter. E não me dará porque eu não gosto de ser forçado a trabalhar em grupo, não gosto de ter que confiar nas pessoas, não gosto de ter que fazer o trabalho dos outros e não gosto de não poder tomar a decisão final.

Quanto ao que eu gosto, eu gosto de fingir que eu sei o que eu estou fazendo. Foi o que eu fiz neste trabalho. Eu fingi que eu era um duradouro ícone da masculinidade e tentei me comportar como ele. Eu não conheço o Clint Eastwood. Mas eu vi aproximadamente uns 33 filmes dele para fazer este trabalho. Eu não estava contando. Mas eu disse para o Wagner que eu conseguia fazer o trabalho inteiro só com um. Ele me falou que não podia ser só um como se eu não soubesse disso. Ele chamou esse efeito de "intoxclintocação".

Mas calma. Treino é treino e jogo é jogo. Aprendi isso com o Romário. Eu sei escrever. Aprendi isso com uns 4 anos. Eu adoro escrever e eu adoro me expressar. Eu tinha um plano e eu executei.

Qual era o seu plano Rafael? Meu plano era montar o trabalho como se eu fosse Clint Eastwood montando um filme. O que isso quer dizer? Isso quer dizer que eu ia tentar acabar com a sua inocência.

Por isso as citações antes dos textos. Repara. Eu começo falando sobre respeito. Menina de Ouro não é um filme sobre boxe, é um filme sobre respeito. Não precisa nem ver o filme inteiro, é o monólogo inicial. Eu já vi o filme para você. Leia o trabalho.

E foi mais ou menos isso.

Eu achei meio sádico eu te fazer pensar que tudo emana de mim quando eu fui montar a base psicológica e filosófica, mas ali eu estava jogando sujo.

E eu quero jogar limpo.

Por isso eu fiz o trabalho de uma forma, acima de tudo, honesta. Honesta com todo mundo. Tudo está aqui. Ou não? Eu sou mais honesto ou mais autêntico?

Eu sou autêntico. Eu sou honesto.

Como eu não vou ser publicitário, eu decidi testar tudo o que eu acho que eu sei fazer de publicidade com os meus seguidores no Instagram. Eu sinto que, ou o Instagram anuncia alguma novidade, ou vai ficar chato para mim. Eu tentei instaurar o caos na mente de todos os meus seguidores. Afinal, se eles querem me seguir eles têm que saber que eu posso perder o controle.

E eu perdi.

Realmente foram noites sem dormir para fazer este trabalho. Mas calma. Eu não perdi noites fazendo ele. Eu perdi noites porque eu saquei que para fazer isso da forma mais honesta

possível, eu precisava ser capaz de acessar o meu lado mais íntimo. Então, eu me privei de sono e alimentação ideal só para me irritar. E aí, quando eu me irrito, eu começo a chorar. Logo, eu estou pronto para fazer o trabalho.

E eu espero que vocês tenham considerado um bom trabalho.

Enfim, vamos de simbolismos para encerrar.

Eu vou obrigar os meus filhos a serem flamenguistas.

O *Yellow Nipples*²⁶ é uma ideia. Eu tive essa ideia com o Nicolas. É uma boa ideia. O Henrique sabe disso.

O Matheus e o Lucas sabem mais de cinema que eu.

O Ricardinho é militar e sociólogo.

Eu não quero mais ficar mais doidão. Mas, se precisar, eu fico. E você sabe. Eu aguento.

João é mais calmo que eu. Isso vale para os dois que eu citei.

A Beck e a Barbara sabem mais de publicidade que eu.

O Glauber Rocha me assusta. O Sganzerla não mais. O Sganzerla ficou com a Helena, Ignez, não a de Troia.

Bowie é melhor que Kotler. Valeu Gê. Desculpa, Kaleb.

O Wagner me obrigou a embasar as minhas opiniões.

²⁶ Eterna banda de *rock* do autor

Eu não queria fazer transmídia. Mas eu tentei provar um ponto. Um ponto que eu amo. E eu acho que isto aqui é só um TCC no final das contas né? Você sabe que eu sou Fiel. Perdemos a inocência juntos. Foi bom, não? Se for para ser, vai ser. A gente tem química.

Rock é melhor que *K-pop*. Prove que eu estou errado. Quem me conhece e te conhece falhou. Você precisa lutar melhor, lindinha. Você não quer um príncipe encantado. Mas eu poderia ter sido seu defensor. Talvez eu tente virar defensor público. Afinal, eu me defendi o tempo inteiro naquela época. Publicamente. E você pode virar uma figura pública e eu não aprendi a falar coreano. Mas você sabe que eu chego até a Coreia.

Eu posso não ser um *rockstar* na acepção do termo. Mas eu quero ser o seu *rockstar*, mulher.

Kauffman, não quero ser seu *rockstar*. Nem seu filho. Mas quero ser seu amigo.

O Wagner não sabe dirigir. Ele sabe pilotar. E ele deveria usar capacete para não bater a cabeça e perder os dentes. Eu tinha que falar.

Meu pai me obrigou a andar em Chevrolet e me deu uma Ford. E isso é verdade. Minha mãe me impediu de dirigir o Chevrolet pois ele não tinha freio ABS e *airbags*. Minha Ford tem 7 *airbags*. E se chama Fiesta. Eu não dei esse nome para ela. Festa é uma palavra do gênero feminino em português e em espanhol. As coisas não poderiam ter sido melhores.

Meu pai me contava histórias antes de dormir sobre um cavalo chamado Segredo. Até hoje eu não consigo me lembrar das histórias. Eu não quero descobrir os segredos que ele me contou. Eu já estou satisfeito com o que o Wagner me ensinou.

Todo filho precisa de um pai.

Toda pessoa é gestada por uma mulher.

Leve a redução ao absurdo.

Viva a sua vida.

Figura 16. O autor e seus representantes.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Perfect World. Clint Eastwood. **Malpaso**. Estados Unidos, 1993. Streaming: HBO GO

ADOROCINEMA, Um mundo perfeito, 2020, <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-8966/>, 23/04/2021

_____, O caso Richard Jewel, 2020, <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-226927/>, 23/04/2021

_____, Sully – O Herói do rio HUDSON, 2016, <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-238330/>, 23/04/2021

_____, 15h17 – Trem para Paris, 2018, <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-255721/>, 23/04/2021

_____, Sniper americano, 2014, <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-208041/>, 23/04/2021

ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. Unbehaum; MEDRADO, Benedito (Org.). Homens e masculinidades, **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 320-324, out. 1998

BACKHOUSE, Fid, *et al*, **501 Carros que merecem ser conhecidos**, 1ª edição, São Paulo, Editora Lafonte, 2012.

CABRAL, Jimmy Sudário, **Ironia e seriedade no romance russo: anotações para ler Dostoiévski sob o ponto de vista de Kierkegaard**, Revista de Literatura e Cultura Russa, v. 11, nº 5, 119-143, jun, 2020

Changeling. Clint Eastwood. **Malpaso**. Estados Unidos, 2008. Streaming: Amazon Prime Video

DIVERSOS, **Clint Eastwood – Clássico e Implacável**, Edição única, São Paulo, Centro Cultural Banco do Brasil, 2011

FABRIZ, Darcy Cesar. **A Estética do Direito**. Belo Horizonte, Del Rey Editora. 1999

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, UNB, **Manual do TCC**, 2021, <http://fac.unb.br/tcc/> , 23/04/2021

FRAGA, Olivia, **Qual a origem das regras de etiqueta à mesa?**, 2013, <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-a-origem-das-regras-de-etiqueta-a-mesa/> , 23/04/2011

GIL, Antonio Carlos, **Como elaborar projetos de pesquisa**, primeira edição, São Paulo, Editora Atlas S.A, 1988

Gran Torino. Clint Eastwood. **Malpaso**. Estados Unidos, 2008. Streaming: NET NOW

HOBBS, Thomas, **O Leviatã**, 1ª edição, São Paulo, Editora Marlin Fontes, 2003

HOLLIS, James, **Sob a sombra de Saturno: a ferida e a cura dos homens**, 2ª Edição, Editora Paulus, São Paulo, 2004

HONNETH, Axel, **A luta por reconhecimento**, 1ª edição, São Paulo, São Paulo, Editora 34 Ltda, 2003.

Il buono, il brutto, il cattivo. Sergio Leone. **United Artists e Produzione Company**. Itália, United Artists e Produzione Company, 1966. Blu Ray

JUNG, Carl, **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**, 2ª edição, Petrópolis, Editora Vozes, 2002

METZ, Christian, **A significação no cinema**, 2ª edição, São Paulo, Editora Perspectiva S.A., 1977.

MERSEL, Gabriela. Never-aging stories: Western hegemonic masculinity scripts. **Journal of Gender Studies**, Vol. 15, No. 1 March 2006, pp. 67–82;

MICHAELIS, **Problema**, 2021, <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/problema/>, 23/04/2021

PASSOS, Álvaro Augusto dos, **A estética do Poder**, São Paulo, 119 páginas, 2010.

RAMOS, Ana Julia, **Product Placement: o que é e como usar**, 2018, <https://rockcontent.com/br/blog/product-placement/>, 23/04/2021

REIS, Luis Henrique dos, **Cowboys de Clint Eastwood: fronteira, identidade nacional e masculinidades em Gran Torino (2008) e American Sniper (2014)**, Uberlândia, 189 páginas, 2018.

ROUSSEAU, Jean-Jacques, **O Contrato Social**, 1ª edição, Porto Alegre, Editora L&PM Pocket, 2016

SALVAGNI, Luiza Matinato, **Lummi: Uma marca de lingerie para mulheres reais**, Brasília, 88 páginas, 2017.

SILVA, Josiane Gomes da, Espaço das representações sexuais no Egito Antigo, **Espacialidades**, v. 5, nº 4, 71-98, jun, 2012

TAVARES, Leonardo de Souza Oliveira, **A farsa do ego: ontologia e historicidade em Sartre**, João Pessoa, 95 páginas, 2015.

WIKIPEDIA, **Abraham Lincoln**, 2021, https://pt.wikipedia.org/wiki/Abraham_Lincoln, 23/04/2021

_____, **Changeling (film)**, 2021, [https://en.wikipedia.org/wiki/Changeling_\(film\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Changeling_(film)), 23/04/2021

_____, **Clint Eastwood**, 2021, https://en.wikipedia.org/wiki/Clint_Eastwood ,
23/04/2021.

_____, **Misé-en-scene**, 2021, <https://en.wikipedia.org/wiki/Mise-en-sc%C3%A8ne> ,
23/04/2021